

Pastora Tânia Cristina Giachetti Ministério Seara Ágape <a href="https://www.searaagape.com.br/livrosevangelicosonline.html">https://www.searaagape.com.br/livrosevangelicosonline.html</a>

# Deus está presente na História 2

(Profecia de Apocalipse - Roma, Imperadores Romanos de César Augusto à Crise do Terceiro Século e a Tetrarquia de Diocleciano)



Pastora Tânia Cristina Giachetti São Paulo - SP - Brasil - Abril 2016 Eu Te agradeço, Senhor, por me fazer ver que em Ti há justiça e que os Teus olhos estão sempre atentos aos Teus santos na terra.

Dedico este livro a todos os irmãos em Cristo que têm coração disposto a obedecer e uma boca ousada para proclamar a Sua verdade entre os homens.

"Então, olhando ele para os seus discípulos, disse-lhes: Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus. Bem-aventurados vós, os que agora tendes fome, porque sereis fartos. Bem-aventurados vós, os que agora chorais, porque haveis de rir. Bem-aventurados sois quando os homens vos odiarem e quando vos expulsarem da sua companhia, vos injuriarem e rejeitarem o vosso nome como indigno, por causa do Filho do Homem. Regozijai-vos naquele dia e exultai, porque grande é o vosso galardão no céu; pois dessa forma procederam seus pais com os profetas. Mas ai de vós, os ricos! Porque tendes a vossa consolação. Ai de vós, os que estais agora fartos! Porque vireis a ter fome. Ai de vós, os que agora rides! Porque haveis de lamentar e chorar. Ai de vós, quando todos vos louvarem! Porque assim procederam seus pais com os falsos profetas" (Lc 6: 20-26).

# Índice

Introdução	6
Parte 1 – Profecia de Apocalipse – Roma	8
Parte 2 – Imperadores Romanos 1	11
Dinastia Júlio-Claudiana	12
O Ano dos quatro imperadores	17
Dinastia Flaviana	19
Dinastia Nerva-Antonina	22
O Ano dos cinco imperadores	35
Parte 2 – Imperadores Romanos 2	37
Dinastia Severa	37
• Crise do terceiro século – 235-284	45
Dinastia Gordiana	46
• Quatro imperadores ('Imperadores soldados')	51
Dinastia Valeriana	53
Seqüência do declínio do Império Romano	57
Sete Colinas de Roma	62
Parte 2 – Imperadores Romanos 3	75
Tetrarquia de Diocleciano	75
Outros imperadores da tetrarquia	87

#### Notas:

- As palavras ou frases colocadas entre colchetes [] ou parêntesis (), em itálico, foram colocadas por mim, na maior parte das vezes, para explicar o texto bíblico, embora alguns versículos já as contenham [não estão em itálico].
- A versão evangélica aqui utilizada é a 'Revista e Atualizada' de João Ferreira de Almeida, 2ª ed., Sociedade Bíblica do Brasil.
- NVI = Nova Versão Internacional (será usada entre colchetes em alguns versículos para facilitar o entendimento dos leitores).
- Fonte de pesquisa para textos e imagens: Wikipedia.org
- Fonte de pesquisa para imagens: crystalinks.com
- E-mail: relacionamentosearaagape@gmail.com

## Introdução

Este livro é o segundo da série "Deus está presente na História", falando agora sobre Roma e os imperadores romanos. No primeiro livro foi comentado sobre o Período Intertestamentário e, em seqüência, o período Helenístico, que teve início com Alexandre, o Grande, da Macedônia, e a divisão do império após sua morte, entre seus quatro generais. Entretanto, os dois principais impérios e povos que mais interessam para o nosso estudo e, logicamente, para a profecia de Daniel, são os reis do Norte e do Sul (dinastias Ptolomaica e Selêucida), ou seja, Egípcios e Sírios, pois os dois impérios tiveram grande domínio e influência sobre Israel. Conhecendo a história dos personagens daquela época, nós estamos prontos para entender a profecia de Daniel 11: 1-45 e muito mais: o que acontecerá com a humanidade nos tempos do fim, ou seja, na vinda do Anticristo, no período da Grande Tribulação e do arrebatamento da igreja.

Como eu disse na introdução do primeiro livro, ele é, por assim dizer, uma viagem através do tempo, começando no período Intertestamentário até o final do Império Romano do Ocidente e do Oriente, com uma conclusão que diz respeito aos nossos dias.

Este trabalho é resultado de uma série de temas bíblicos que coloquei no site e, porque o assunto ficou um tanto extenso, decidi escrevê-lo num livro para que as pessoas pudessem lê-lo na seqüência correta.

Com o início do Império Romano, sob o reinado de César Augusto, não somente Israel, mas todo o mundo daquela época sofreu uma grande transformação. Foi durante o reinado de César Augusto (29 AC-14 DC) que Jesus nasceu trazendo a luz que a humanidade necessitava para se libertar da escravidão espiritual à qual estava presa.

Logo depois que o Senhor me revelou a profecia de Daniel (Dn 11: 1-45) e as visões do apóstolo João no livro de Apocalipse, falando sobre a grande tribulação, o arrebatamento e o Anticristo, Ele me levou à parte da bíblia onde ela chama Roma de meretriz ('Babilônia, a grande, a mãe das meretrizes e das abominações da terra' - Ap 17: 5), mas nós não fazemos idéia do que isso significa até estudarmos sobre os seus imperadores e sobre a idolatria que havia ali, ainda sob influência grega e persa de séculos passados e de Principados das trevas que influenciaram o nascimento da Igreja Católica e, consequentemente o mundo, pois foram os representantes dela que divulgaram o Cristianismo no final da Antiguidade e no período da Idade Média. A reforma protestante de Martinho Lutero só aconteceu no século XVI, e as igrejas protestantes só começaram a criar uma doutrina própria bem mais tarde. Apesar de ter crescido nos dois últimos séculos, a Igreja Evangélica ainda é menos influente sobre as pessoas do que a igreja Católica, pois a humanidade ainda a tem em respeito como algo sólido e verdadeiro, mesmo que totalmente contaminada e corrompida pela idolatria que esteve presente no início da sua fundação. Quando lemos sobre o Império Romano, entendemos melhor as profecias de Daniel, em especial sobre o quarto animal (Dn 7: 7; Dn 7: 19; Dn 7: 24).

Sobre as visões proféticas do apóstolo João no livro de Apocalipse, nós podemos dizer: mesmo que muitos símbolos na bíblia e muitas revelações deste livro bíblico sobre o futuro da humanidade estejam ainda ocultos para nós, meu intuito com este trabalho não é entristecer pessoas, muito menos assustá-las com os acontecimentos fortes e inevitáveis que estão para acontecer. Pelo contrário, o intuito é mostrar o quanto é importante a nossa intimidade com Deus e nos dar a esperança de que num dia preparado por Deus ('no tempo determinado', como diz a bíblia) todo o mal que vemos e vivemos no mundo vai ser destruído, e toda a injustiça vai ser vingada, pois é necessário que os homens se arrependam dos seus pecados e reconheçam que só em

Jesus há liberdade, justiça, julgamento e vida eterna. No livro de Apocalipse, o apóstolo João não escreve apenas sobre os eventos futuros; ele também escreve para os crentes daquela época (nas sete igrejas na Ásia Menor, passando por perseguições) e menciona de uma forma simbólica as circunstâncias políticas em que ele estava inserido, envolvendo os imperadores romanos, por exemplo, e mostrando que Deus estava agindo e fazendo justiça no presente, da mesma forma que fará de uma maneira muito mais abrangente no futuro.

Apesar de todas as coisas ruins que mencionamos e que você vai ler em alguns capítulos, há algo bom a ser dito: a longanimidade de Deus existe. Quem mais esperaria tantos milênios para que uma humanidade se arrependesse e se voltasse para a verdadeira luz?

Espero que goste da leitura e que o Espírito Santo possa lhe revelar alguns segredos do mundo espiritual.

Que a luz do Senhor esteja sobre você.

Tânia Cristina

Volumes 1 e 3 deste livro:

https://www.searaagape.com.br/deusestapresentenahistoria1.pdf https://www.searaagape.com.br/deusestapresentenahistoria3.pdf

# Parte 1 - Profecia de Apocalipse - Roma

A partir de agora vamos falar sobre as revelações do apóstolo João no livro de Apocalipse, em especial em relação a Roma, a quem a bíblia chama de "Babilônia, a grande, a mãe das meretrizes e das abominações da terra" (Ap 17: 5). Eu falarei sobre os imperadores romanos que vieram depois de Cristo e seu comportamento hostil em relação aos cristãos, sua idolatria, pecados carnais e seus atos contrários à verdadeira doutrina de Cristo; por isso, o Senhor se refere a tudo isso (e muito mais) usando a palavra 'abominação'. Os romanos incorporaram outros deuses e religiões e costumes dos gregos e persas em particular, e é por isso que a bíblia diz Roma é Babilônia, que significa 'confusão', 'mistura'; não só confusão, mas também a prostituição espiritual. Tendo em vista a atitude idólatra e hostil de quase todos os imperadores e sua influência danosa sobre Roma e sobre todas as nações que foram incorporadas ao seu império, nós podemos entender melhor porque a bíblia se refere a esta cidade desta maneira (como Babilônia e meretriz) e porque ela (representando atualmente toda uma força anticristã; a igreja apóstata e prostituída com as abominações mundanas) sofrerá uma queda definitiva após a segunda vinda de Cristo, quando o Senhor derrotará a besta, o falso profeta e o dragão. Não podemos menosprezar também as influências de Principados e Potestades das trevas agindo sobre seres humanos corrompidos e cegos para a realidade espiritual. Nós podemos perceber o que eles fizeram aos outros e como eles morreram. Como disse Jesus: "Embainha a tua espada; pois todos os que lançam mão da espada à espada perecerão" (Mt 26: 52).

Em Ap 13: 1-3, João descreve a besta que emerge do mar e a sua relação com o final dos tempos: "Vi emergir do mar uma besta que tinha dez chifres e sete cabeças e, sobre os chifres, dez diademas e, sobre as cabeças, nomes de blasfêmia (cf. Dn 7: 8; 11; 20; 24). A besta que vi era semelhante a leopardo, com pés como de urso e boca como de leão. E deu-lhe o dragão o seu poder, o seu trono e grande autoridade. Então, vi uma de suas cabeças como golpeada de morte, mas essa ferida mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou, seguindo a besta".



O animal visto por João corresponde ao quarto animal visto por Daniel (Dn 7: 7), onde os dez chifres são dez reis que surgirão desse reino (se referindo a Roma – na visão de Daniel e de João) e representam a última forma de poder mundial anticristão, representado pelos gentios, um império de dez reis confederados abrangendo a esfera de autoridade da Roma Antiga. Suas sete cabeças indicam que sua autoridade derivará do dragão (Ap 12: 3; 17; Ap 13: 2).

Vamos nos lembrar da aparência dos animais vistos por Daniel (Dn 7: 1-28): leão com asas de águia nas costas (Dn 7: 4 = simboliza a Babilônia), urso com três costelas na boca (simboliza os reinos da Média e da Pérsia), leopardo com quatro asas de ave nas costas e quatro cabeças (simboliza a Grécia), e o quarto animal com aparência espantosa e terrível, extremamente forte e com grandes dentes de ferro (Dn 7: 7), devorando tudo ao seu redor e portando em sua cabeça dez chifres (Dn 7: 7; Dn 7: 19; Dn 7: 24 = ele simboliza Roma).

Os três animais: o leopardo, o urso e o leão (encontrados em Dan. 7: 4-6 como símbolos dos impérios que precederam Roma) infundiram todas as suas características nas qualidades do Império Romano: a rapidez de conquista dos macedônios (gregos), a força e a tenacidade de propósito dos persas, e a voracidade babilônica. Entretanto, não foram apenas essas qualidades de caráter que o império romano absorveu dos reinos anteriores. Os romanos incorporaram outros deuses e costumes dos gregos e persas em particular, e é por isso que a bíblia diz Roma é Babilônia, que significa 'confusão', 'mistura'; não só confusão, mas também a prostituição espiritual.

Vamos ler o texto de Apocalipse que diz respeito ao nosso estudo:

• Ap 17: 1-18: "Veio um dos sete anjos que têm as sete taças e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei o julgamento da grande meretriz que se acha sentada sobre muitas águas, com quem se prostituíram os reis da terra; e, com o vinho de sua devassidão, foi que se embebedaram os que habitam na terra. Transportou-me o anjo, em espírito, a um deserto e vi uma mulher montada numa besta escarlate, besta repleta de nomes de blasfêmia, com sete cabeças e dez chifres. Achava-se a mulher vestida de púrpura e de escarlata, adornada de ouro, de pedras preciosas e de pérolas, tendo na mão um cálice de ouro transbordante de abominações e com as imundícias da sua prostituição. Na sua fronte, achava-se escrito um nome, um mistério: BABILÔNIA, A GRANDE, A MÃE DAS MERETRIZES E DAS ABOMINAÇÕES DA TERRA. Então, vi a mulher embriagada com o sangue dos santos e com o sangue das testemunhas de Jesus; e, quando a vi, admirei-me com grande espanto. O anjo, porém, me disse: Por que te admiraste? Dir-te-ei o mistério da mulher e da besta que tem as sete cabeças e os dez chifres e que leva a mulher: a besta que viste, era e não é, está para emergir do abismo e caminha para a destruição. E aqueles que habitam sobre a terra, cujos nomes não foram escritos no Livro da Vida desde a fundação do mundo, se admirarão, vendo a besta que era e não é, mas aparecerá. Aqui está o sentido, que tem sabedoria: as sete cabeças são sete montes, nos quais a mulher está sentada. São também sete reis, dos quais caíram cinco, um existe, e o outro ainda não chegou; e, quando chegar, tem de durar pouco. E a besta, que era e não é, também é ele, o oitavo rei, e procede dos sete, e caminha para a destruição. Os dez chifres que viste são dez reis, os quais ainda não receberam reino, mas recebem autoridade como reis, com a besta, durante uma hora. Têm estes um só pensamento e oferecem à besta o poder e a autoridade que possuem. Pelejarão eles contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, pois é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão também os chamados, eleitos e fiéis que se acham com ele. Falou-me ainda: As águas que viste, onde a meretriz está assentada, são povos, multidões, nações e línguas. Os dez chifres que viste e a besta, esses odiarão a meretriz, e a farão devastada e despojada, e lhe comerão as carnes, e a

consumirão no fogo. Porque em seu coração incutiu Deus que realizem o seu pensamento, o executem à uma e dêem à besta o reino que possuem, até que se cumpram as palavras de Deus. A mulher que viste é a grande cidade que domina sobre os reis da terra".

Os dez reis que ainda não receberam a coroa são os dez reis contemporâneos (v. 12: "Os dez chifres que viste são dez reis, os quais ainda não receberam reino") e, a mulher simboliza Roma, com suas prostituições espirituais, com a sua violência, sede de conquista e cheia de ganância e ostentação de poder. Os outros símbolos foram vistos no livro anterior sobre Profecias de Daniel e João – Apocalipse.

Baseados nessa palavra, nós vamos estudar sobre os imperadores Romanos e Bizantinos e, depois, chegar a uma conclusão do que lemos, pois nós veremos que tudo já estava descrito na bíblia. Assim, poderemos entender porque Deus fica tão irado com a idolatria e a rebeldia dos homens à Sua vontade, sendo controlados e manipulados por demônios, Principados e Potestades, que têm um único objetivo: oprimir os inocentes e corromper ainda mais aqueles que já estão nas trevas para que percam a salvação.

#### **CONCLUSÃO**

A conclusão de tudo o que está escrito sobre os imperadores romanos nos próximos capítulos será colocada no final do terceiro livro.

# Parte 2 - Imperadores Romanos 1

A partir deste texto, eu falarei sobre os imperadores romanos que vieram depois de Cristo e suas dinastias. Antes de ser um império, Roma foi uma monarquia e uma república. O Reino de Roma ou monarquia romana existiu de 753-509 AC, sendo fundado de uma maneira lendária, embora os etruscos tenham sido os habitantes iniciais na Península Itálica. Rômulo e Remo, duas crianças gêmeas, filhos do deus Marte com uma mulher mortal (Réia Silvia) sobreviveram a uma tentativa de morte por parte do seu tio, e sendo jogadas no rio Tibre, foram criadas por uma loba. Quando cresceram, eles divergiram sobre onde fundar a cidade e qual seria o seu nome. Rômulo matou seu irmão Remo e fundou a cidade de Roma, reinando por 38 anos. De 716 a 509 AC o Reino de Roma foi governado por outros reis, sendo Lúcio Tarquínio Soberbo o último deles. A partir de 509 AC teve início a República Romana, onde Roma e seus domínios eram governados por dois cônsules, normalmente eleitos anualmente pelo conselho dos anciãos ou senado romano. A República Romana foi sucedida pelo Império Romano, governado por um imperador apoiado pelo senado. Houve um período de guerra civil durante a transição de República para Império Romano (44-31 AC), o qual teve início em 29 AC, com César Augusto.

Neste capítulo, você vai estudar sobre as seguintes dinastias:

- Dinastia Júlio-Claudiana (César Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio e Nero)
- O Ano dos quatro imperadores (Galba, Oto, Vitélio e Vespasiano o fundador da dinastia Flaviana).
- Dinastia Flaviana (Vespasiano, Tito e Domiciano)
- Dinastia Nerva-Antonina (Nerva, Trajano, Adriano, Antonino Pio, Marco Aurélio, Lúcio Vero e Cômodo)
- O Ano dos cinco imperadores (Pertinax, Dídio Juliano, Pescênio Níger, Clódio Albino e Septímio Severo fundador da dinastia dos Severos).

## O fim da República Romana





Caio Júlio César

No ano de 63 AC, o general romano Pompeu (Cneu Pompeu Magno) conquistou Jerusalém, e as províncias da Palestina se subjugaram ao domínio romano. Morto Pompeu no Egito em 49 AC, Caio Júlio César (49-44 AC) subiu ao poder da República

Romana, e se proclamou ditador vitalício. Morreu assassinado devido a uma conspiração liderada por Marco Júnio Bruto [líder político de orientação conservadora republicana romana] e Caio Cássio Longino [um senador romano e o principal agente na conspiração contra Júlio César, junto com seu cunhado Marco Júnio Bruto], e a partir daí houve uma disputa de poder entre Marco Antônio (um célebre militar e político romano) e Caio Otaviano, sobrinho-neto e sucessor de Júlio César. A Batalha de Áccio em 31 AC, perto de Actium na Grécia, entre Marco Antônio e Otaviano, foi vencida por este e marcou a data do fim da República e início do Império Romano. Caio Júlio César Otaviano Augusto, conhecido como César Augusto reinou como imperador de 29 AC a 14 DC. O governo de cada região ficava parte do tempo a cargo de príncipes e, no restante, sob a responsabilidade de procuradores nomeados pelo imperador. Augusto nomeou Herodes, o grande, governador sobre a Palestina na época do nascimento de Cristo.

#### Lista dos imperadores romanos por Dinastias:

I) Dinastia Júlio-Claudiana (29 AC-69 DC): César Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio e Nero.



1) Caio Júlio César Otaviano Augusto (**César Augusto**) – r. 29 AC-14 DC (43 anos)

Nome de nascimento: Caio Otávio (Gaius Octavius)

Pai biológico: Caio Otávio; mãe: Ácia Balba Cesônia, de família humilde. Irmã: Otávia.

Seu tio-avô, Júlio César, o adotou como filho e ele passou a ser seu herdeiro legal. Esposas:

- Cláudia Pulcra (1ª esposa) não teve filhos com ela.
- Escribônia (2ª esposa) Júlia, a Velha, foi a única filha legítima de Augusto. Júlia casou com Marco Vipsânio Agripa e teve cinco filhos: Caio César, Lúcio César, Júlia, Agripina e Agripa Póstumo (este último nascido depois da morte do pai, daí o nome 'Póstumo', segundo o costume romano).
- Lívia Drusa ou Drusilla (3 ª esposa de Augusto) não teve filhos com ela. Ela tinha 2 filhos de seu primeiro casamento: Tibério Cláudio e Nero Cláudio Druso Germânico, que se casou com Antônia (a filha de Marco Antônio e Otávia, irmã de Augusto); Tibério se casou com Vipsânia Agripina, mas se separou dela para se casar com Júlia, a velha, a filha de Augusto, com quem não teve filhos.

Filhos legítimos: Júlia, a Velha.

Filhos adotivos:

- Caio César, Lúcio César, Júlia, Agripina e Agripa Póstumo filhos de Júlia, a Velha, com Marco Vipsânio Agripa, portanto, netos de Augusto, que procurava assegurar a sua sucessão.
  - Tibério Cláudio (adotivo) filho de Lívia Drusilla, portanto, enteado de Augusto. Eventos durante seu reinado:
- Expandiu as fronteiras do império: Otaviano anexou ao império romano: o Egito, a Dalmácia, a Panônia, a Nórica e a Récia, expandindo as possessões da África e Germânia e completando a conquista da Hispânia.
- Junto com Marco Antônio e Marcos Emílio Lépido, Otaviano Augusto formou o segundo Triunvirato e derrotou os assassinos de Júlio César. Depois da batalha de Filipos, eles dividiram a República Romana em três partes e passaram a governá-la como ditadores militares. Depois, Lépido foi exilado e destituído do seu posto. Marco Antônio cometeu suicídio após a derrota para Otaviano na batalha de Áccio em 31 AC.
- Fez paz com o império Parta através de diplomacia. O Império Parta ou Parto (247 AC-224 DC) foi uma das principais potências político-culturais iranianas da antiga Pérsia. A Pártia corresponde à região do nordeste do Irã.
- Reformou o exército e a política, reformou o sistema romano de tributação, desenvolveu redes de estradas com um sistema de correio oficial; estabeleceu um exército permanente, bem como a guarda pretoriana; criou serviços oficiais de policiais e bombeiros e reconstruiu grande parte da cidade de Roma durante seu reinado.

Morte: Faleceu aos 77 anos, provavelmente de causas naturais. Foi sucedido por seu filho adotivo Tibério (também enteado e genro de Augusto, por parte de sua filha Júlia, a velha). César Augusto foi o soberano com maior tempo de mandato em Roma – reinou durante 43 anos (29 AC-14 DC).

2) Tibério Cláudio Nero César (**Tibério César**) – r. 14-37 DC (23 anos)

Nome de nascimento: Tibério Cláudio Nero (Tiberius Claudius Nero)

Pai biológico: Cláudio Nero; mãe: Lívia Drusa ou Lívia Drusila.

Irmão: Nero Cláudio Druso Germânico (Nero Claudius Drusus Germanicus).

Tibério era filho adotivo de César Augusto (Caio Júlio César Otaviano Augusto). Com 19 anos de idade e grávida de seis meses, sua mãe Lívia Drusila se divorciou de seu marido Cláudio Nero, o pai biológico de Tibério, e se casou com Otaviano, o futuro imperador César Augusto. O irmão mais novo de Tibério, Nero Cláudio Druso Germânico, nasceu três meses depois. Druso casou com Antônia (a filha mais jovem de Marco Antônio e Otávia), também conhecida como Antônia, a jovem, e teve 1 filha (Lívia Júlia ou Lívila) e 2 filhos: Tibério Cláudio César Augusto Germânico (o futuro imperador Cláudio) e Júlio César Germânico, que mais tarde, se tornou um dos maiores generais romanos, e pai de Calígula e suas 3 irmãs (Agripina, a jovem, Júlia Lívila e Júlia Drusila). Tibério iniciou sua carreira como tribuno romano e organizou o exército, criando novas legiões. Depois, se tornou pretor e cônsul. Casou-se com Vipsânia Agripina e teve um filho chamado Júlio César Druso, que se casou com Lívila (filha de Antônia, a jovem) e teve gêmeos, um dos quais morreu ainda na infância, e o outro foi Tibério Gemelo (Tibério Júlio César Nero – Tiberius Julius Caesar Nero), o único neto legítimo de Tibério.

Passado um tempo, Tibério foi adotado pelo imperador Augusto, e teve que se divorciar de Vipsânia Agripina, casando com sua filha Júlia, a velha. Mais tarde, com a morte do seu irmão Nero Cláudio Druso e de Augusto, Tibério subiu ao trono como imperador e foi um dos maiores generais de Roma. Apesar de suas conquistas militares, ele era reputado como um governante triste e sombrio, uma característica que se

acentuou após a morte de seu filho Júlio César Druso em 23 DC. Com Júlia, Tibério só teve um filho que morreu na infância.

Ele teve dois filhos adotivos:

- Júlio César Germânico (Julius Caesar Germanicus 15 AC-19 DC), seu sobrinho, filho de seu irmão Nero Cláudio Druso Germânico.
- Caio Júlio César Augusto Germânico (Gaius Julius Caesar Augustus Germanicus, ou Calígula), seu sobrinho-neto.

Tibério, diferentemente de César Augusto, não assumiu totalmente o seu lugar de governante, evitando muitas vezes tomar as decisões fortes de um imperador e preferindo deixá-las nas mãos do Senado. Segundo fontes históricas, o caráter tímido, cínico, amargurado e desconfiado de Tibério causou muitas mortes não só no senado romano como entre o povo pobre do império. Ele se auto-exilou de Roma e foi para Capri, deixando o governo nas mãos de dois prefeitos pretorianos (Lúcio Élio Sejano e Quinto Névio Cordo Sutório Macro), mas Lúcio Élio Sejano foi morto, acusado de traição contra o imperador.

Morte: foi assassinado por Calígula e Macro. O imperador tinha 77 anos de idade na época.

Foi sucedido como imperador por seu filho adotivo e sobrinho-neto, Caio Júlio César Augusto Germânico, também conhecido como Calígula.

## **Culto imperial:**

Era costume dos imperadores romanos se considerarem deuses, por isso Deus condenava tanto o culto imperial nas Epístolas e no Apocalipse. Caio Júlio César (49-44 AC), em vida, no ano de 44 AC, consentiu na construção de uma estátua sua onde se podia ler a inscrição: Deo invicto ("Ao Deus Invencível"). No mesmo ano fez-se nomear ditador vitalício. Depois da disputa de poder político e da transição de República para Império (44-31 AC), o herdeiro de Júlio César, César Augusto (Caio Júlio César Otaviano Augusto – 29 AC-14 DC), fez construir um templo em Roma dedicado ao "Divino Júlio" (Divus Iulius). O filho adotivo de Augusto foi Tibério (Tibério Cláudio Nero César – 14-37 DC). Ambos permitiram erigir um único templo em sua honra durante as suas vidas. Estes templos continham não somente as estátuas do imperador governante, que podia ser venerado à maneira de um deus, mas também eram dedicados a Roma (à cidade de Roma, no caso de Augusto, e ao senado, no de Tibério). Ambos os templos estavam situados na parte asiática do Império Romano. O templo de César Augusto estava situado em Pérgamo, enquanto o de Tibério foi em Esmirna e não consentiu outro templo ou estátua em sua honra em nenhum outro lugar. Assegurou frente ao senado que preferia ser recordado mais pelos seus atos que pelas pedras. Mas permitiu a construção de um templo em honra do seu antecessor e pai adotivo, o "Divino Augusto", em Tarragona (atual Catalunha, Espanha), em 15 DC.

3) Caio Júlio César Augusto Germânico, também conhecido como Caio César ou Calígula – r. 37-41 DC (4 anos).

Pai biológico: Júlio César Germânico, sobrinho e filho adotivo de Tibério; mãe: Agripina, a Velha (neta do imperador Otaviano César Augusto). Irmãos: Drusila, Druso César (morreu assassinado no exílio por ordem de Tibério), Nero César (morreu assassinado no exílio por ordem de Tibério), Júlia Lívila e Agripina Menor (ou a jovem).

O apelido 'Calígula' (significa 'botinhas' em português, e é derivado de 'caligae', as sandálias militares) foi dado pelos soldados das legiões comandadas pelo pai,

Germânico, que se divertiam em vê-lo vestido de uniforme militar com apenas três anos de idade, quando o acompanhava em suas campanhas militares ao norte da Germânia.

Germânico morreu envenenado no Egito, provavelmente por ordem de Tibério, e sua mulher Agripina, a velha, voltou a Roma e denunciou Tibério publicamente como o mandante do assassinato do seu marido. Em conseqüência disso, ela e seus filhos foram mandados ao exílio. Os dois meninos mais velhos foram assassinados e ela morreu de fome. As irmãs de Calígula também foram para o exílio, mas só se tem notícia de Agripina Menor (Agripina, a jovem), que voltou a Roma no reinado de Cláudio. Calígula foi morar com sua bisavó Lívia (mãe de Tibério), e depois ficou com sua avó Antônia (cunhada de Tibério), até que foi designado para trabalhar na residência do imperador em Capri. Ao morrer, Tibério ordenou que o Império fosse governado conjuntamente por seu neto Tibério Gemelo (Tibério Júlio César Nero, filho de seu filho Druso e Lívila) e Calígula. Entretanto, Calígula mandou matar Gemelo e se tornou o único imperador. Concedeu territórios a Herodes Agripa I (sobrinho de Herodes Antipas) e ordenou que fosse erigida uma estátua na sua honra no Templo de Jerusalém.

Os historiadores falam muito de suas perversões sexuais. Existem poucas fontes sobreviventes que descrevam o seu reinado, nenhuma das quais se refere a ele de maneira favorável; pelo contrário, as fontes centram-se na sua crueldade, extravagância e perversidade sexual, apresentando-o como um tirano demente. Foi o primeiro imperador a apresentar-se como um deus diante do povo; não através de estátuas, mas abertamente em seu próprio corpo.

Morte: foi assassinado pela guarda pretoriana em 41 DC, aos 28 anos (quase para completar 29 anos), junto com sua quarta e última esposa Milônia Cesônia e sua filhinha Julia Drusilla, ainda um bebê. No mesmo dia do seu assassinato, o seu tio Cláudio (Tibério Cláudio César Augusto Germânico), sobrinho de Tibério, foi declarado imperador pelos pretorianos. Os numerosos templos e estátuas dedicados a Calígula (por ordem própria) foram todos eles destruídos de imediato após a violenta morte deste imperador.

#### 4) Tibério Cláudio César Augusto Germânico – r. 41-54 DC (13 anos).

Durante algum tempo, Cláudio permaneceu apartado do poder pelas suas deficiências físicas como a coxeadura e a gagueira, até que seu sobrinho, o imperador Calígula, o nomeou como cônsul e senador. Uma das primeiras ações de Cláudio como imperador foi ordenar a execução dos assassinos do seu sobrinho. Também permitiu que a irmã de Calígula, Agripina Menor, fosse trazida do exílio. Aparentemente, Cláudio permitiu a construção de somente um templo em sua honra, continuando o exemplo de Augusto e Tibério.

Cláudio havia casado duas vezes antes de desposar Valéria Messalina. Seus casamentos anteriores deixaram-lhe três filhos, entre eles, seu filho Cláudio Drusus, que faleceu em tenra idade. Com sua segunda esposa, Cláudio teve uma filha chamada Cláudia Antônia. Com Messalina ele teve dois filhos: Cláudia Otávia (nascida em 40 DC) e Britânico (nascido em 41 DC). Valéria Messalina se prostituía em um bordel para se vingar das atitudes levianas do marido com outras mulheres, por isso foi executada por Cláudio em 48 DC. Em 49 DC Cláudio casou pela quarta vez com a mãe de Nero, ou seja, sua sobrinha, Agripina, irmã de Calígula. Agripina Menor (também conhecida como Júlia Agripina Minor ou Agripina a Jovem), depois de 50 DC chamada de Júlia Augusta Agripina, foi uma das mais poderosas mulheres da Dinastia Júlio-Claudiana. Ela era bisneta do imperador Augusto, sobrinha-neta e neta adotiva de Tibério, e irmã de Calígula. Os historiadores a descrevem como implacável, ambiciosa, violenta e dominadora. Apesar disso, ela era bela e tinha boa reputação.

Devemos dizer também que no reinado de Cláudio os cristãos foram banidos de Roma (46 DC). Em 51 DC Cláudio adotou Nero, mudando seu nome para Nero Cláudio César Drusus Germânico (seu nome de nascimento era Lúcio Domício Enobarbo). Nero era mais velho que seu meio-irmão Britânico e assim se tornou herdeiro do trono. Cláudio morreu em 54 DC, provavelmente envenenado por Agripina.

**5) Nero** Cláudio César Augusto Germânico (Nerō Claudius Caesar Augustus Germanicus) – r. 54-68 DC (14 anos).

Ascendeu ao trono após a morte do seu tio Cláudio, que o nomeara o seu sucessor.

Nome de nascimento: Lúcio Domício Enobarbo (Lucius Domitius Ahenobarbus). Ele nasceu em 37 DC.

Pai biológico: Cneu Domício Enobarbo (49 BC-25 AD, cônsul romano em 16 AC); mãe: Agripina, a Jovem, irmã do imperador Calígula.

Nero foi adotado pelo seu tio Cláudio em 51 DC (com a idade de 14 anos), mudando seu nome para Nero Cláudio César Drusus Germânico. Mesmo com a idade de 14 anos ele foi nomeado procônsul, entrou e se dirigiu ao senado pela primeira vez, apareceu em público várias vezes com Cláudio, e sua imagem foi cunhada em moedas. Ascendeu ao trono com 17 anos, após a morte do seu tio Cláudio, que o nomeara o seu sucessor.

Em 53 DC ele se casou com sua meia-irmã Cláudia Otávia (filha de Messalina). Nero ficou casado por 8 anos com Otávia, mas não teve filhos com ela. Então, ele se separou dela e a mandou para o exílio. Sem Otávia em seu caminho, Nero casou com Popeia Sabina, também chamada de Popeia Sabina, a Jovem (Poppaea Sabina – 30-65 DC), por quem se apaixonara. Seu primeiro marido foi Rufrio Crispino, um comandante da guarda pretoriana, morto por Nero, assim como o filho dessa união (ele também se chamava Rufrio Crispino). Popeia teve um segundo casamento com Oto (ou Otão), que viria a ser imperador após a morte de Nero. Popeia se divorciou dele e casou com Nero em 62 DC. Com o imperador ela teve uma filha, Cláudia Augusta, que parece ter morrido ainda criança. As circunstâncias da morte de Popeia (com 35 anos) são obscuras. Alguns dizem que ela faleceu durante a gravidez do segundo filho, ou durante o parto, ou por causa de um aborto espontâneo, no qual o segundo filho não sobreviveu. A História diz que após sua morte Nero ficou muito enlutado e não deixou que a cremassem; ela foi embalsamada e colocada no Mausoléu de Augusto.

Há também referência a uma escrava liberta chamada Acte que dizem ter sido amante de Nero entre 55 e 68 DC, mas com quem ele não pôde se casar por causa da oposição de Agripina, que queria vê-lo casado com Otávia. Segundo os cronistas da época, Acte custeou e organizou os funerais de Nero, tendo sido uma das poucas pessoas que lhe permaneceu fiel.

A terceira esposa de Nero foi Estatília Messalina (Statilia Messalina), filha de um cônsul do Império que parece ter se envolvido no complô contra o Imperador Cláudio. Sua família era aparentada com a de Valéria Messalina. Para que ela pudesse se casar com Nero, seu primeiro marido (o cônsul Marco Júlio Vestino Ático) foi forçado a se suicidar. Não deu filhos a Nero.

Depois disso, em 67-68 DC, Nero ordenou que um jovem liberto, Esporo (em latim: Sporus), fosse castrado e depois se casasse com ele, numa cerimônia pública de casamento. Alguns historiadores da época diziam que o jovem tinha uma semelhança muito grande com Popeia Sabina. Esporo (em latim: Sporus) é derivado da palavra do grego antigo σπορά spora, que significa 'semente', 'semeadura', relacionado a σπόρος sporos, 'semeando', e σπείρειν speirein, 'semear'. Em todas as referências sobre sua história, ele sempre foi chamado por Esporo, nome masculino. Esporo era um catamita,

ou seja, uma das crianças-escravas escolhidas pelo seu mestre como um 'garoto-brinquedo' e que eram algumas vezes castradas na tentativa de preservar suas qualidades juvenis. Catamita era o nome dado ao companheiro jovem, pré-adolescente ou adolescente, em uma relação de pederastia (relação entre um homem e um menino) entre dois homens no mundo antigo, especialmente na antiga Roma. Geralmente referese a amantes homossexuais jovens e passivos. A palavra deriva do latim 'catamitus', que por sua vez, vem do etrusco 'catamite'.

O reinado de Nero é associado habitualmente à tirania e à extravagância. É recordado por uma série de execuções sistemáticas, incluindo a da sua própria mãe (Júlia Agripina Minor, também chamada Júlia Augusta Agripina), sua esposa Otávia (filha do imperador Cláudio e de sua terceira esposa, Valéria Messalina) e o seu meio-irmão Britânico e, sobretudo, pela crença generalizada de que, enquanto Roma ardia (pôs fogo em Roma e acusou os cristãos), ele estaria compondo com a sua lira. Cláudia Otávia foi assassinada no exílio por sua ordem ou cometeu suicídio por causa de acusações falsas de adultério por parte da imperatriz Valéria Messalina. Foi um implacável perseguidor dos cristãos.

Morte: Nero se suicidou, enquanto Tigelino (o comandante da guarda pretoriana) abria as portas de Roma ao general Galba.

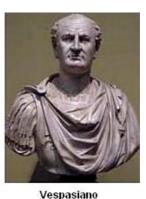
II) O Ano dos quatro imperadores (68-69 DC): Galba, Oto, Vitélio e Vespasiano (o fundador da dinastia Flaviana).





Oto (Otão)





1) Sérvio Sulpício **Galba** (Lucius Livius Ocella Servius Sulpicius Galba; 3 AC-69 DC) – r. 08-06-68 a 15-01-69 (sete meses). Dinastia: nenhuma.

Nome de nascimento: Sérvio Sulpício Galba (Servius Sulpicius Galba)

Nome até ascensão: Sérvio Lívio Ocela Sulpício Galba (Lucius Livius Ocella Sulpicius Galba)

Nome como imperador: Sérvio Sulpício Galba César Augusto (Servius Sulpicius Galba Caesar Augustus)

Nome Imperial: Imperador Sérvio Galba César Augusto (Imperator Servius Galba Caesar Augustus)

Pai biológico: Sérvio Sulpício Galba; mãe: Múmia Acaica (Mummia Achaica). Ela morreu logo após o nascimento de Galba. Esposa: Emília Lépida.

Subiu ao trono com 72 anos de idade e governou por sete meses. Teve uma brilhante carreira política, e atingiu o cargo de cônsul em 33 DC, sendo depois o governador da Germânia e procônsul da África (45-60 DC). Em 60 DC, vendo o rumo do Império nas mãos de Nero, começou a liderar uma revolta contra ele, provocada por Caio Júlio

Víndice, um general romano e senador no tempo de Cláudio. Foi proclamado imperador e marchou para Roma com o apoio de Otão (ou Oto), também um general do exército. Galba ganhou a aprovação do Senado e da guarda pretoriana, mas logo a perdeu devido à sua austeridade de governo, tentando tomar medidas para restaurar os fundos estatais, esgotados por Nero e pelas despesas das campanhas na Armênia e Judéia. Também se recusou a pagar à guarda pretoriana a recompensa que lhe havia prometido por terem-no feito imperador. Na verdade, devido à sua idade e à pouca energia física, Galba deixava o governo nas mãos dos seus homens de confiança que, infelizmente, saíam impunes das atrocidades que cometiam. Isso também gerou ódio no povo e no exército. Marco Sálvio Otão (Marcus Salvius Otho), desiludido por não ter sido nomeado como sucessor, organizou um complô contra o imperador com ajuda da guarda pretoriana e o matou no Fórum.

Morte: assassinado por Otão (Oto), com 72 anos de idade.

**2)** Marco Sálvio **Otão** (Marcus Salvius Otho; também conhecido por **Oto**; 32-69 DC) – r. 15-01-69–16-04-69 (3 meses). Dinastia: nenhuma.

Pai biológico: Lúcio Otão; mãe: Terência Álbia. Esposa: Popeia Sabina (Otão foi forçado a divorciar-se dela por Nero).

Foi mais clemente e hábil na política do que o seu antecessor para acalmar os receios dos cidadãos mais respeitáveis. Governou apenas por 3 meses. Foi nomeado por Nero governador da Lusitânia em 58 DC. A Lusitânia era uma província da Hispânia, na península Ibérica. Ele permaneceu neste cargo por dez anos. Apoiou a ascensão de Galba ao trono, mas veio a promover o golpe de Estado que culminou no assassínio do idoso imperador. Sua juventude e seu aspecto efeminado levavam a plebe romana a lembrar-se de Nero, que, por isso, o apoiava. As estátuas de Nero foram erguidas novamente, seus escravos foram libertos, e oficiais foram restituídos aos seus postos (incluindo Esporo a quem Nero havia se casado e com quem Otão também se tornou íntimo), e certos projetos urbanísticos impulsionados durante o seu reinado foram finalizados, como, por exemplo, a Casa Dourada (o grande e novo palácio de Nero, após o incêndio de Roma).

Ao ler uma carta privada de Galba, Otão ficou consciente da gravidade da rebelião na Germânia por parte de algumas legiões sob o comando de Vitélio, e que marchavam para a Itália. Tentou uma reconciliação frustrada, e, então, se preparou para a batalha. Algumas legiões ainda permaneciam ao seu lado, e com elas, ele tomou controle dos mares italianos. Seus conselheiros estavam divididos: uns a favor de aguardar as legiões que vinham da Dalmácia; outros, a favor de atacar Vitélio. As tropas resolveram avançar até Cremona, um município ao norte da Itália, mas se encontraram com seus inimigos no caminho para lá. Otão conseguiu escapar para Calvatone (antigamente chamada Bedríaco), mas as tropas de Vitélio os alcançaram. Na verdade, o conflito não se inclinava para nenhum dos lados, nem para Vitélio, nem para Otão, mas o moral dos soldados e oficiais de Otão foi afetado. Otão, sem saber o que fazer, se retirou para sua barraca de campanha e se suicidou, cravando uma adaga no peito. Seu sucessor foi Vitélio.

Morte: suicídio, com 36 anos de idade.

3) Aulo Vitélio Germânico – r. 02-01-69–22-12-69 (10 meses). Dinastia: nenhuma. Nome de nascimento: Aulo Vitélio (Aulus Vitellius)

Nome como imperador: Aulo Vitélio Germânico Augusto (Aulus Vitellius Germanicus Augustus)

Pai biológico: Lúcio Vitélio; mãe: Sextília. Irmão: Lúcio Vitélio, o Jovem.

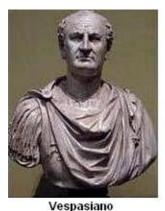
Esposas: Petrônia e Galéria Fundana. Com a primeira esposa, Petrônia, ele teve um filho aleijado, o qual sua mãe tinha feito herdeiro; mas o jovem foi morto mais tarde por Vitélio, sob acusação de parricídio. Não se sabe se a acusação era verdadeira ou não. Depois, Vitélio casou com Galéria Fundana e teve dois filhos: Vitélio e Vitélia. O rapaz foi morto durante a segunda batalha de Bedríaco, juntamente com o pai.

Vitélio passou a sua infância em Capri, entre os favoritos do imperador Tibério. Gozou do favor do imperador Calígula, cujos carros ele conduzia, e do de Cláudio e Nero com quem ele jogava dados. Na Germânia ele ganhou o afeto dos seus soldados graças à sua disciplina flexível e ao seu jeito amigável. Vitélio reinou apenas dez meses, mas ficou famoso por seu apetite e sua crueldade.

A Segunda Batalha de Bedríaco (também chamada de segunda batalha de Cremona) foi travada no mesmo lugar onde Otão foi morto. Cremona (na Lombardia, ao norte da Itália) fica a trinta e cinco quilômetros de Calvatone (antigamente chamada Bedríaco), e o local exato da batalha fica entre essas duas cidades. Depois da Primeira batalha, quando Otão se suicidou, as legiões romanas do Egito, da Judéia e da Síria proclamaram o general Tito Flávio Sabino Vespasiano como imperador. Ele havia recebido o comando da Judéia de Nero em 67 com a missão de acabar com a revolta dos judeus. Por isso, quando Vitélio se mostrou incapaz como governante, ocorreu uma nova batalha, onde ele foi derrotado pelo exército de Vespasiano, terminando o ano quatro imperadores. Vitélio foi capturado, despido, cruelmente executado e lançado ao rio Tibre. Foi primeiro imperador a acrescentar o nome honorífico de Germânico ao seu nome, em vez do de César.

Morte: assassinado pelas tropas de Vespasiano.

### III) Dinastia Flaviana (69-96 DC): Vespasiano, Tito e Domiciano.







1) Tito Flávio Sabino **Vespasiano** (Titus Flavius Sabinus Vespasianus) – r. 69-79 DC (10 anos).

Pai biológico: Tito Flávio Sabino I; mãe: Vespásia Pola; Irmãos: Tito Flávio Sabino II e Flávia; esposa: Flávia Domitila (Domitila Maior ou Domitila a velha); depois da morte de sua esposa se casou com sua amante: Antônia Cenis.

Tito

Filhos com Flávia Domitila: Tito Flávio Sabino Vespasiano; Tito Flávio Domiciano; Domitila Menor (Domitila a jovem).

Foi senador durante a dinastia Júlio-Claudiana e em 51 DC foi eleito cônsul.

Após a rápida sucessão e falecimento de Galba e Otão e a ascensão de Vitélio ao poder, as legiões romanas do Egito, da Judéia e da Síria proclamaram Vespasiano imperador. Quando Vitélio foi derrotado, no dia seguinte Vespasiano foi proclamado

imperador pelo senado. Não encontrou nenhuma ameaça direta ao seu poder imperial depois da morte de Vitélio, embora outras fontes históricas mencionem muitos complôs contra ele durante seu reinado. Como governante Vespasiano foi trabalhador, econômico e enérgico. Sua administração econômica foi eficaz, com um aumento significativo dos impostos anuais, o que melhorou as finanças do Estado, levantando dinheiro para a construção do Coliseu de Roma e para a construção do templo dedicado a Júpiter Capitolino. O imperador deixou que seus aliados espalhassem as histórias a respeito da sua divindade, começadas no Egito, e se assegurou que elas circulassem por todo o império romano.

Um dos acontecimentos mais marcantes do reinado de Vespasiano foi a Primeira Guerra Judaico-Romana

(https://www.searaagape.com.br/asguerrasjudaicoromanas.html – 66-73 DC), às vezes chamada de Grande Revolta Judaica, a primeira de três grandes rebeliões dos judeus da Judéia contra o Império Romano. Começou no ano 66 DC, inicialmente devido a tensões religiosas entre gregos e judeus com protestos contra taxações e ataques a cidadãos romanos. Depois, as legiões romanas sob o comando de Tito (Tito Flávio Vespasiano Augusto, filho de Tito Flávio Sabino Vespasiano) sitiaram Jerusalém e destruíram o centro da resistência rebelde em 01 de agosto de 67 DC, culminando com a destruição do Templo, uma data que os judeus chamam Tisha B'Av (9º dia do mês de 'Abh): https://www.searaagape.com.br/estudosjudaicos tisha-bav.html

Morte: 69 anos de idade. Vespasiano faleceu vítima de uma inflamação intestinal em 79 DC.

Sucederam-lhe sucessivamente seus dois filhos, Tito (79-81 DC) e Domiciano (81-96 DC).

## 2) Tito Flávio Vespasiano Augusto – r. 79-81 DC (2 anos)

Pai biológico: Tito Flávio Sabino Vespasiano; mãe: Flávia Domitila (Domitila Maior ou Domitila a velha); Irmãos: Tito Flávio Domiciano e Domitila Menor (Domitila a jovem).

Esposas: Arrecina Tértula (1ª esposa; 62-63 DC) – morreu logo em seguida sem deixar filhos; Márcia Furnila (2ª esposa; 63 DC). Tito se divorciou dela porque sua família tinha ligações com os opositores de Nero e, depois de um atentado fracassado por parte de um senador contra o imperador em 65 DC, toda a família de sua esposa caiu em desgraça. Ele se divorciou dela, mas continuou a cuidar de sua filha Júlia. Não se sabe o que aconteceu com Márcia Furnila.

Filhos com Márcia: Júlia Flávia (Flavia Julia Titi)

O mais importante do seu reinado foi o seu programa de construção de edificios públicos em Roma como, por exemplo, a finalização do anfiteatro Flávio (Amphitheatrum Flavium), conhecido habitualmente como o Coliseu. Tito foi generoso para com as vítimas dos desastres que o Império sofreu durante o seu breve reinado: a erupção do Vesúvio em 79 DC atingindo as cidades de Herculano, Pompéia, Oplontis e Estábia, e o incêndio de Roma de 80 DC.

Morte: 41 anos de idade. Após dois anos no cargo, Tito faleceu sofrendo de 'febre cerebral', provavelmente, meningite. Tito foi sucedido pelo seu irmão menor, Domiciano.



Coliseu Romano ou Anfiteatro Flávio

3) Tito Flávio **Domiciano** – 81-96 DC (15 anos).

Nome de nascimento até 69 DC: Tito Flávio Domiciano (Titus Flavius Domitianus) Nome de 69 DC até sua ascensão: Tito Flávio César Domiciano (Titus Flavius Caesar Domitianus)

Nome como imperador: Tito Flávio César Domiciano Augusto (Titus Flavius Caesar Domitianus Augustus)

Nome imperial: Imperador César Domiciano Augusto Germânico (Imperator Caesar Domitianus Augustus Germanicus)

Pai biológico: Tito Flávio Sabino Vespasiano; mãe: Flávia Domitila (Domitila Maior ou Domitila a velha); irmãos: Tito Flávio Vespasiano Augusto e Domitila Menor (Domitila a jovem).

Esposas: Tito ofereceu a mão da filha, Júlia Flávia, ainda uma criança, ao seu irmão, Domiciano, mas ele se recusou por estar apaixonado por Domícia Longina. Em 80, nasceu o único filho conhecido de Domícia e Domiciano. Não se sabe o nome do garoto que, com apenas três anos, faleceu em 83. Por razões desconhecidas, Domiciano exilou Domícia por um breve período, mas a chamou de volta logo depois; talvez para conter os rumores de que ele estaria tendo um caso amoroso com sua sobrinha Júlia Flávia. Pelo que se sabe, Domícia viveu no palácio até o final do reinado do marido.

Júlia se casou com seu primo de segundo grau por parte de pai, Tito Flávio Sabino IV. Nesta época, Domiciano já a havia seduzido. Quando Vespasiano e o marido de Júlia Flávia morreram, Domiciano viveu conjugalmente com ela. Por causa dos apelos do povo, ele se reconciliou com Domícia, mas continuou suas relações com Júlia mesmo assim. Júlia morreu com 27 anos durante o parto de seu filho com Domiciano.

Domiciano foi um bom administrador no início, tornando-se despótico e cruel no final do seu reinado. As religiões estrangeiras eram toleradas contanto que não interferissem na ordem pública e que pudessem ser assimiladas à tradicional religião romana. Durante o reinado da dinastia Flaviana cresceu o culto aos diversos deuses egípcios de um modo sem precedentes. Entre eles se destacam Serápis e Ísis, identificadas com Júpiter e Minerva respectivamente. Domiciano expulsou de Roma os filósofos. As fontes clássicas descrevem-no como um tirano cruel e paranóico, localizando entre os imperadores mais odiados ao comparar a sua vileza com as de Calígula ou Nero. Foi o responsável pela perseguição aos cristãos na Ásia Menor

(incluindo João, o apóstolo, que foi levado ao exílio na ilha de Patmos). Também se proclamou deus abertamente.

Morte: Domiciano morreu com 44 anos, assassinado numa conspiração palaciana envolvendo membros da guarda pretoriana e vários de seus ex-escravos.

IV) Dinastia Nerva-Antonina (96-192 DC): Nerva, Trajano, Adriano, Antonino Pio, Marco Aurélio, Lúcio Vero e Cômodo.



Durante as administrações imperiais de Nerva (96–98), Trajano (98–117), Adriano (117–138), Antonino Pio (138–161) e Marco Aurélio (161–180) Roma desfrutou de relativa paz e prosperidade política, militar e econômica, tendo, então, atingido o seu ápice. Este período ficou conhecido como 'A era dos cinco bons imperadores'. Um dos fatores que contribuiu para isso foi o método de sucessão escolhido por tais imperadores, que passaram a transferir o poder a um sucessor com capacidade administrativa, não necessariamente os seus descendentes diretos. Trajano, por exemplo, foi escolhido por Nerva, que não tinha filhos, e passou a ser seu sucessor. Essa política de sucessão que estava dando bons resultados só foi interrompida na época de Marco Aurélio. Após sua morte (180 DC), seu filho Cômodo o substituiu. Ele foi encarado como um dos piores imperadores que Roma já teve e o responsável pelo início das instabilidades políticas que abalariam o Império Romano.

1) Marco Coceio Nerva (Marcus Cocceius Nerva) – r. 96-98 DC (2 anos e 10 meses).

Foi um senador de boa reputação e esteve ao serviço do Império durante os reinados de Nero, Vespasiano, Tito e Domiciano. Nerva, como novo monarca, jurou restaurar os direitos que foram abolidos ou simplesmente negligenciados durante o reinado de Domiciano. Contudo, a sua administração foi marcada por problemas financeiros e pela sua falta de habilidade para tratar com as tropas, em especial a Guarda Pretoriana. Foi sucedido pelo seu filho adotivo, Trajano. É considerado pelos historiadores antigos como um imperador sábio e moderado, interessado no bem-estar econômico, procurando reduzir os gastos do governo. Velho e de bom temperamento, Nerva procurou governar bem.

Morte: faleceu de morte natural em 98 DC (67 anos de idade).

Nerva não perseguiu os cristãos; pelo contrário, cessou de perseguir cristãos e judeus durante seu governo. Além de Marcus Cocceius Nerva (96-98 DC), a História menciona mais três imperadores que foram favoráveis aos Cristãos:

- Marco Aurélio Severo Alexandre (Marcus Aurelius Severus Alexandrus 222-235 DC), vulgarmente designado por Alexandre Severo foi o último dos imperadores da dinastia dos Severos. Bem intencionado, mas sem apoio político e militar, morreu assassinado durante um motim da XXII legião Primigenia. Tratou de maneira afável os cristãos. A XXII legião Primigenia (Legio Seconda Vigesima Primigenia ou Legio XXII Primigenia, 'a vigésima-segunda legião afortunada') foi uma legião do exército imperial romano dedicada à deusa Fortuna Primigenia. Foi criada em 39 DC pelo imperador Calígula para ser utilizada em suas campanhas pela Germânia (Alemanha).
- Flávio Joviano (Flavius Iovianus 363-364 DC), um cristão que, diferentemente de seu antecessor apóstata, Flávio Cláudio Juliano, que havia promovido um retorno ao paganismo, reconduziu o Império ao Cristianismo.
- Flávio Graciano Augusto (Flavius Gratianus Augustus 367-383 DC), que favoreceu claramente a religião cristã contra o paganismo, recusando-se a repetir os rituais pagãos dos imperadores anteriores e tirando o Altar da Vitória do senado em 382 DC. O Altar da Vitória era uma estátua de ouro e havia sido colocada na sala do senado em homenagem à deusa Vitória pelo imperador César Augusto em 29 AC para comemorar a derrota de Marco Antônio e Cleópatra na batalha de Actium (Grécia), pois se opuseram a ele. Os senadores romanos não gostaram da retirada da estátua, uma vez que, durante séculos, eles juravam solenemente diante dela, recitavam orações e faziam libações de vinho e queimavam incenso.
- **2)** César Marco Úlpio Nerva **Trajano** (Marcus Ulpius Traianus) r. 98-117 DC (19 anos).

Nome de nascimento à adoção: Marco Úlpio Trajano (Marcus Ulpius Trajanus)

Nome da adoção à ascensão: César Marco Úlpio Nerva Trajano (Caesar Marcus Ulpius Nerva Trajanus)

Nome como imperador: Imperador César Nerva Trajano filho do divino Nerva Augusto (Imperator Caesar Nerva Traianus Divi Nervae filius Augustus)

César Marco Úlpio Nerva Trajano era filho de Marco Úlpio Trajano e Márcia; tinha uma irmã chamada Úlpia Marciana, que veio a se casar com um senador. Sua esposa era Pompéia Plotina, e não teve filhos com ela. Pompéia Plotina tinha muito interesse em filosofia e era uma mulher de grande virtude, dignidade e simplicidade. Plotina também influenciou diversos aspectos da vida romana de sua época, desde impostos mais justos até obras de caridade para os pobres, inclusive melhorias na educação. O casal era guardião do futuro imperador Adriano, que tinha uns 10 ou 11 anos quando perdeu o pai, que era primo de segundo grau de Trajano. Plotina gostava do garoto e encorajou

sua adoção por Trajano, que já estava em seu leito de morte. Quando Plotina morreu, foi deificada. Adriano construiu um templo em sua homenagem em Nimes, na Provença.

Trajano foi um eficiente administrador, reorganizou o império, com apoio do senado. Reativou o comércio e a agricultura, reduziu os impostos e realizou grandes programas de obras públicas: construiu o novo Fórum Romano, estradas (uma nova parte da Via Ápia), pontes, aquedutos, portos, banhos públicos e infra-estrutura sanitária. Teve também grandes conquistas militares e territoriais, pois no seu reinado o Império Romano atingiu sua máxima extensão territorial (de Portugal ao Irã, da atual Inglaterra ao Egito). Ele nasceu na Hispânia Bética, atual região de Andaluzia na Espanha, portanto, foi o primeiro imperador que não era natural de Roma, abrindo, assim, o caminho para uma maior participação da cidadania romana nos altos postos do império. Por tudo o que fez, ele teve a lealdade de seus súditos. Foi um dos maiores imperadores romanos. Entretanto, além de um bom administrador, ele era antes de tudo, um chefe militar. Durante a fase final de seu reinado, dedicou-se exclusivamente à guerra e deixou boa parte da administração civil em mãos de terceiros. Sua reputação durou por quase dezenove séculos.

Um dos acontecimentos importantes do seu reinado foi a Segunda Guerra Judaico-Romana (115-117 DC, chamada em hebraico, מרד הגלויות, mered ha'galoyot, 'rebelião do exílio'):

#### https://www.searaagape.com.br/asguerrasjudaicoromanas.html

Morte: com 63 anos, provavelmente de um AVC (acidente vascular cerebral), na viagem de volta da campanha parta, em Selino, perto do mar Negro (117 DC). Seu filho adotivo, Adriano, foi seu sucessor.



Império Romano em sua máxima extensão – 117 DC

Durante o seu governo o apóstolo João faleceu de morte natural com 94 anos de idade (98-100 DC), após ter sido liberto da ilha de mineração de Patmos no governo de Nerva.

Embora desde 64 DC (quando Nero mandou supliciar os cristãos de Roma) houvesse perseguições ao cristianismo, estas eram irregulares. As perseguições organizadas contra os cristãos surgem a partir de Trajano. Ele foi imperador romano de 98 a 117 DC. Em 112 DC ele fixou o procedimento contra os cristãos. Os cristãos eram acusados de superstição e de ódio ao gênero humano. Se fossem cidadãos romanos eram decapitados; se não, podiam ser atirados às feras ou enviados para trabalhar nas minas.

Depois dele, as principais perseguições foram ordenadas pelos imperadores: Públio Élio Trajano Adriano (117-138 DC), Antonino Pio (Tito Aurélio Fúlvio Boiônio Árrio Antonino Pio – 138-161 DC), Marco Aurélio (César Marco Aurélio Antonino Augusto – 161-180 DC), Cômodo Antonino (Marco Aurélio Cômodo Antonino – 180-192 DC), Septímio Severo (Lúcio Septímio Severo Pertinax – 193-211 DC), Geta (Públio Sétimo Geta – 189-211 DC), Décio (Caio Méssio Quinto Trajano Décio – 249-251 DC), Valeriano (Públio Licínio Valeriano – 253-260 DC), Aureliano (Lúcio Domício Aureliano – 270-275 DC), Diocleciano (Caio Aurélio Valério Diocleciano – 284-305 DC) e Maximiano (Marco Aurélio Valério Maximiano Hercúleo Augusto – 285-305 DC, governando junto com Diocleciano), um período conhecido como a Grande Perseguição. Em 284 DC, para fins administrativos, Diocleciano dividiu o império romano em duas partes: leste e oeste.

3) César Públio Élio Trajano **Adriano** (Caesar Publius Aelius Traianus Hadrianus) – r. 117-138 DC (21 anos).

Pai: Públio Hélio Adriano Afer (Publius Aelius Hadrianus Afer)

Mãe: Domícia Paulina (Domitia Paulina)

Nome de nascimento até a adoção e a ascensão: Públio Hélio Adriano (Publius Aelius Hadrianus)

Nome como imperador: César Públio Élio Trajano Adriano Augusto (Caesar Publius Aelius Trajanus Hadrianus Augustus)

Irmã: Élia Domícia Paulina (Aelia Domitia Paulina)

Esposa: Víbia Sabina

Filhos adotivos: Lúcio Élio (Lucius Aelius) e Antonino Pio (Antoninus Pius)

Adriano nasceu no sul da Espanha; seus pais eram colonos romanos e ele era primo de segundo grau de Trajano, sendo adotado por este e colocado como seu sucessor. Ele se casou com Vibia Sabina, mas não tiveram filhos, pois havia rumores de que Adriano preferia seus amantes do sexo masculino (por exemplo, seu amante Antínoo, a quem erigiu um templo no Egito depois da sua morte).

Adriano foi o governador romano da Síria, na época da guerra de Trajano contra os Partas. Em Roma, ele reconstruiu o Panteão (um templo dedicado aos deuses romanos) e construiu o Templo de Vênus; mandou completar em Atenas a construção do Olimpeu (Olympieion, também conhecido como o Templo de Zeus Olímpico ou Colunas de Zeus Olímpico — um templo consagrado a Zeus) e fez dela a capital cultural do império. Ordenou a construção de muitos e suntuosos templos na cidade. Na época de Adriano houve certa inimizade entre ele e o senado, pois ele mandou executar quatro importantes ex-cônsules da política de conquistas militares de Trajano, sem que o senado soubesse. Adriano, vendo que o império havia esgotado sua capacidade de extensão, deixou de lado as guerras e optou por uma política diplomática com povos vizinhos: Mesopotâmia, Dácia (atual Romênia), a planície do Baixo Danúbio e a região dos Cárpatos. Para proteger as demais fronteiras romanas contra os bárbaros, ele construiu

muitas fortificações na Germânia e na Inglaterra (em 122 DC, construiu a Muralha de Adriano, marcando a fronteira entre a Inglaterra e a Escócia durante séculos).

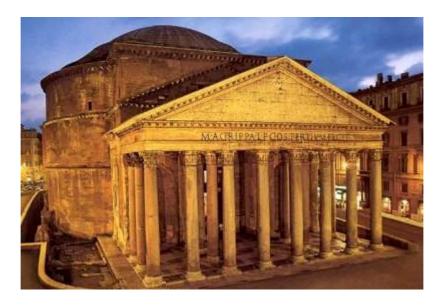
Adriano mandou reconstruir Jerusalém como uma cidade grega e a chamou de Élia Capitolina (Aelia Capitolina), e por isso, no final do seu reinado surgiu no interior da Judéia a Terceira Revolta Judaica contra o Império Romano, ou a Terceira Guerra Judaico-Romana (132-135 DC), também conhecida como a 'guerra do extermínio' ou 'Revolta de Bar Kokhba). Foi uma guerra longa e combates sangrentos com mais de 2 anos de combates e vitória de Roma:

https://www.searaagape.com.br/asguerrasjudaicoromanas.html

Adriano também perseguiu os Cristãos. Ele morreu de insuficiência cardíaca aos 62 anos de idade.



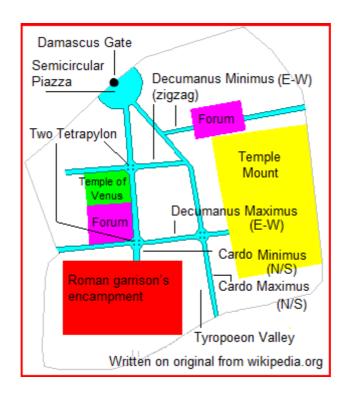
Muralha de Adriano na Escócia



Panteão Romano



Olympieion em Atenas, Grécia



Aelia Capitolina – Jerusalém reconstruída por Adriano

**4)** Tito Aurélio Fúlvio Boiônio Árrio Antonino Pio, conhecido como **Antonino Pio** (Titus Aurelius Fulvius Boionius Arrius Antoninus Pius) – r. 138-161 DC (23 anos).

Nome de nascimento até adoção por Adriano: Tito Aurélio Fúlvio Boiônio Árrio (Titus Aurelius Fulvus Boionius Arrius)

Nome da adoção à ascensão: Tito Élio César Antonino (Titus Aelius Caesar Antoninus)

Nome como imperador: César Tito Élio Adriano Antonino Augusto Pio (Caesar Titus Aelius Hadrianus Antoninus Augustus Pius)

Pai: Tito Aurélio Fulvo

Mãe: Árria Fadila. Com a morte de Tito Aurélio Fulvo, ela se casou com Públio Júlio Lupo, e teve uma filha com ele: Júlia Fadila

Irmãos do primeiro casamento da mãe com Tito Aurélio Fulvo: nenhum. Antonino era filho único.

Esposa: Antonino Pio casou-se por volta de 110-115 DC com Ânia Galéria Faustina a Maior, filha de um cônsul. Foi uma formosa mulher, conhecida em Roma pela sua sabedoria. Passou toda a sua vida ao cuidado dos desfavorecidos. Ânia Galéria Faustina (Faustina Maior) foi deificada após sua morte.

Filhos naturais:

- Marco Aurélio Fúlvio Antonino (Marcus Aurelius Fulvus Antoninus morreu antes de 138)
- Marco Galério Aurélio Antonino (Marcus Galerius Aurelius Antoninus morreu antes de 138)
- Aurélia Fadila (morreu antes de 135); Marco Aurélio Fúlvio Antonino; Marco Galério Aurélio Antonino (morreram de causas naturais antes de 138). Aurelia Fadila se casou com Élio Lmai Silvano (ou Silano), tornado cônsul em 145 DC. Parece que ela não teve filhos com o marido.
- Ânia Galéria Faustina Menor ou Faustina, a Jovem (Annia Galeria Faustina Minor) se casou com o imperador Marco Aurélio, primo pelo lado da mãe. Foi a única filha a chegar a idade adulta. A segunda filha deles (Lucila) se casou com o imperador Lúcio

  Vero.

Filhos adotivos:

- Marco Aurélio (adotivo) sobrinho de Antonino Pio. Quando Marco Aurélio foi adotado por Antonino Pio, ele se separou de sua 1ª esposa Ceiônia Fábia para se casar com Faustina, a Menor.
- Lúcio Ceiônio Cômodo Vero (Lucius Ceionius Commodus Verus), conhecido como Lúcio Vero, neto de Adriano, filho de Lúcio Élio César (ou Lúcio Cômodo Lucius Ceionius Commodus) e sua esposa Avídia. Lúcio Élio César era filho do imperador Adriano. Lúcio Vero se casou com a filha de Marco Aurélio, Lucila.

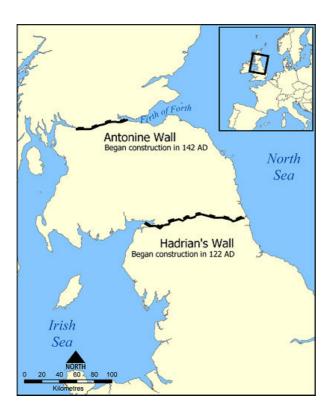
Morte: 74 anos, de febre.

Antonino Pio foi denominado 'Pio' pelo fato de ter insistido na deificação de seu pai adotivo Adriano. Sua política de governo foi austera, sem grandes edificações ou conquistas militares. A única delas foi a expansão da fronteira da Britânia mais para o norte, que levou à construção de um novo muro (140-142 DC), a Muralha de Antonino, ao Norte da Muralha de Adriano, na fronteira entre as atuais Inglaterra e Escócia. Durante o seu reinado foram construídos alguns templos, teatros, mausoléus, não tão opulentos quanto os dos seus antecessores. Ele promoveu as artes e as ciências, favorecendo os mestres de retórica (oratória, eloquência) e filosofia.

O seu reinado transcorreu pacificamente, apesar de distúrbios militares ocorridos na Mauritânia, na Judéia e na Britânia contra os Brigantes (um povo Celta), embora nenhuma destas insurreições fosse considerada de importância. Ele procurou resolver as crises do seu governo sem sair da Itália, tratando os assuntos bélicos nas províncias através de governadores ou por meio de cartas às cidades. Para muitos, este foi um bom estilo de governo. Antonino Pio manteve boas relações com o senado, ao contrário de Adriano. Antonino também perseguiu os Cristãos.

Morte: Antonino faleceu de febre em Etrúria, a cerca de doze quilômetros de Roma, com 74 anos de idade. Seu reinado foi o mais duradouro desde o de Augusto, superando

em dois meses o de Tibério. O seu corpo foi depositado no Mausoléu de Adriano (hoje, Castelo Sant' Angelo) e foi erigida uma coluna na sua honra no Campo de Marte (Campus Martius – o nome de uma área pública em Roma dedicada ao deus Marte), e o templo que ele próprio dedicara à sua esposa Faustina em 141 foi deificado então no seu nome e no de Adriano.



Muralha de Antonino na Escócia

**5)** Lúcio Ceiônio Cômodo Vero Armeníaco (Lucius Ceionius Commodus Verus Armeniacus), conhecido como **Lúcio Vero** – r. 161-169 DC (8 anos).

Nome de nascimento até adoção por Antonino Pio: Lúcio Ceiônio Cômodo (Lucius Ceionius Commodus)

Nome da adoção à ascensão: Lúcio Élio Aurélio Cômodo (Lucius Aelius Aurelius Commodus)

Nome como imperador: César Lúcio Aurélio Vero Augusto (Caesar Lucius Aurelius Verus Augustus)

Vero era filho de Avídia Pláutia e Lúcio Élio César, chamado também de Lúcio Cômodo (Lucius Ceionius Commodus), filho do imperador Adriano. Ele também tinha um irmão chamado Caio Avídio Ceiônio Cômodo (Avidius Ceionius Commodus) e duas irmãs: Ceiônia Fábia (Ceionia Fabia) e Ceiônia Pláucia (Ceionia Plautia). Ele nasceu e cresceu em Roma.

Quando o pai de Lúcio Vero morreu, em 138 DC, ele foi adotado por Adriano. Este escolheu como sucessor Antonino Pio, seu filho adotivo, sob a condição de que este adotasse Lúcio Vero (que tinha então sete anos) e Marco Aurélio (sobrinho de Antonino Pio) de dezessete anos. Lúcio Vero se casou com Ânia Lucila, a filha de Marco Aurélio, e teve três filhos: Aurélia Lucila, Lucila Pláutia e Lúcio Vero (Aurélia Lucila e Lúcio Vero morreram ainda jovens). Lucila Pláutia, em 182, conspirou com a mãe (Ânia

Lucila) para derrubar Cômodo (o imperador e irmão de Lucila, mas as duas foram executadas em Capri por ordem dele). Ânia Lucila tinha 34 anos quando morreu.

Morte: Lúcio Vero morreu com 39 anos de idade, de varíola ou envenenamento.



Lúcio Vero quando criança

Lúcio Vero foi co-imperador do Império Romano com Marco Aurélio, de 161 a 169 DC.

Em 161 o senado lhe deu o poder de tribuno e o título de Augusto.

Era a primeira vez que Roma era governada por dois imperadores. Marco Aurélio já tinha sido cônsul uma vez e era pontífice máximo. Logo após a ascensão de Marco Aurélio como imperador, sua filha Ânia Lucila de 11 anos de idade, foi prometida a Lúcio Vero, apesar de ele ser formalmente seu tio.

Durante o inverno de 161-162 aconteceu uma revolução na Síria e Lúcio Vero foi enviado por Marco Aurélio até lá, a fim de combater os Partas. Ele era mais forte e mais saudável do que Marcus e mais adequado para a atividade militar. Na verdade, havia outras intenções por trás desta escolha, que era conter a devassidão e os deboches de Lúcio, para reformar sua moral e fazê-lo entrar em contato com os horrores da guerra para perceber que ele era um imperador. O Senado foi favorável e Lúcio partiu. Marco Aurélio permaneceu em Roma, pois a cidade precisava de sua presença.

Lúcio foi acometido por um AVC em Canosa, durante a viagem, o que o colocou na cama. Acabou se recuperando. Lúcio passou a maior parte de sua campanha em Antioquia, embora invernasse em Laodicéia e passasse o verão em Dafne, uma estância fora de Antioquia.

No meio da guerra, no outono de 163 ou início de 164, Lúcio viajou para Éfeso para se casar com Lucila, que tinha 13-14 anos de idade. De 166 a 168 Lúcio Vero passou em Roma com um estilo de vida cheio de deslumbre e encantamento, e com uma trupe de atores e favoritos junto dele. Na taverna de sua própria casa ele celebrava festas com seus amigos até de madrugada. Os jogos do circo (Coliseu) também o divertiam, em especial as corridas de carruagem (biga). Apesar de tudo, ele continuava a desempenhar suas funções oficiais com eficiência. Em 168 os Marcomanos invadiram o território romano atravessando o Danúbio (Os marcomanos eram uma tribo germânica

com estreitas ligações aos suevos e que habitavam a região sul do rio Danúbio). Voltando a Roma, ele começou a apresentar sintomas de intoxicação alimentar (envenenamento) e morreu alguns dias depois (169). Alguns eruditos dizem que ele pode ter sido vítima de uma epidemia de varíola, conhecida como a 'Peste Antonina'. A guerra durou até 180. Foi deificado pelo Senado Romano após sua morte como o Divino Vero (Divus Verus).

6) César Marco Aurélio Antonino Augusto (Caesar Marcus Aurelius Antoninus Augustus), conhecido como **Marco Aurélio** – r. 161-180 DC (19 anos).

Nome de nascimento: Marco Ânio Catílio Severo (Marcus Annius Catilius Severus).

Após o casamento, passou a se chamar: Marco Ânio Vero (Marcus Annius Verus); na verdade, tomou o nome do seu pai biológico.

Nome como herdeiro imperial: Marco Élio Aurélio Vero César (Marcus Aelius Aurelius Verus Caesar).

Nome como imperador: Marco Aurélio Antonino, acrescentando-lhe os títulos de Imperador, César e Augusto. Aurelius significa 'dourado', e a referência a Antoninus deve-se ao fato de ter sido adotado pelo imperador Antonino Pio.

Pai biológico: Marco Ânio Vero (Marcus Annius Verus); mãe: Domícia Lucila. Irmã: Ânia Cornificia Faustina, também chamada de Ânia Cornificia Faustina Maior, ou Ânia Cornificia Faustina, a velha.

Esposa: Faustina, a Jovem, filha de Antonino Pio e da imperatriz Faustina, a Velha. O casamento ocorreu por volta de 145 DC e durou 30 anos. Durante esses 30 anos, Faustina gerou 13 filhos, entre os quais: Cômodo (Lucius Aurelius Commodus Antoninus), que se tornaria imperador após Marco Aurélio; e Ânia Aurélia Galéria Lucila, que se casou com Lúcio Vero para solidificar a sua aliança com Marco Aurélio.

Filhos:

Ânia Aurélia Galéria Faustina

Gêmelo Lucila (irmão gêmeo de Ânia Aurélia Galéria Lucila, que morreu quando bebê)

Ânia Aurélia Galéria Lucila (se casou com Lúcio Vero)

Tito Élio Antonino

Tito Élio Aurélio

Adriano

Domícia Faustina

Ânia Aurélia Fadila

Ânia Cornificia Faustina Menor

Tito Aurélio Fúlvio Antonino – gêmeo de Lúcio Aurélio Cômodo Antonino, e morreu com 4 anos de idade

Lúcio Aurélio  ${\bf C\^omodo}$  Antonino (Lucius Aurelius Commodus Antoninus) — o futuro imperador

Marco Ânio Vero César

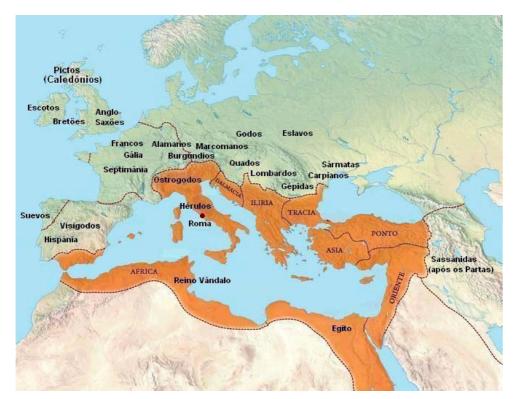
Víbia Aurélia Sabina

Morte de Marco Aurélio: 58 anos idade, durante a guerra contra Marcomanos

Marco Aurélio foi o último dos cinco bons imperadores, e é lembrado como um governante bem-sucedido e culto; dedicou-se à filosofia, especialmente ao estoicismo, por isso ficou conhecido como o imperador filósofo. Estoicismo foi uma corrente filosófica fundada por Cicio (340-264 AC) que ensinava a austeridade de caráter, rigidez moral e a impassibilidade em face da dor ou infortúnio. Era contemporânea do epicurismo, fundado por Epicuro (filósofo grego – 341-270 AC), caracterizado pelo

prazer com a prática da virtude e a cultura do espírito, sensualidade e luxúria, mas neste pormenor, diferente do Edonismo, que buscava o prazer imediato.

Marco Aurélio também perseguiu cruelmente os Cristãos, que aos seus olhos eram pessoas supersticiosas e teimosas. Seu reinado foi marcado por guerras na parte oriental do Império Romano contra os partas, e na fronteira norte, contra as tribos Germânicas. Na Europa Central, Aurélio combateu os Marcomanos, os Quados e os Sármatas com sucesso durante as guerras Marcomânicas. Ele resolveu o caso, enviando o coimperador Lúcio Vero como comandante das legiões situadas no oriente. Lúcio Vero permaneceu leal até sua morte, em campanha, no ano 169 DC.





O Mausoléu de Adriano, onde as cinzas de Marco Aurélio, de seus filhos e de Faustina foram depositadas. Hoje é o Castelo Sant' Angelo

Poucos anos antes de morrer, designou o seu filho Cômodo como herdeiro (adotando o nome de Marcus Aurelius Commodus Antoninus), tendo-o, ainda, feito co-imperador em 177 DC. Entretanto, seu filho era egocêntrico e não estava preparado para o exercício do poder. Por isso, muitos historiadores se referem ao início do declínio de Roma com a morte de Marco Aurélio e o reinado de Cômodo. Em outras palavras, a morte da 'Pax Romana' ('A Paz Romana') – uma expressão que se enquadrou nos dois primeiros séculos do Império Romano, possuindo um sentido de segurança, ordem e progresso para todos os povos dominados por Roma. Neste período, a população romana viveu protegida das invasões bárbaras que viviam junto às fronteiras do império. Iniciou-se com Augusto em 27 AC, ao declarar o fim às guerras civis através do autoritarismo e das armas das legiões romanas.

Morte: Marco Aurélio faleceu com 58 anos de idade, durante uma expedição contra os Marcomanos (180 DC), bárbaros que cercavam Vindobona (actual Viena, na Áustria). As suas cinzas foram trazidas para Roma e depositadas no Mausoléu de Adriano, bem como as da sua família.

**7) Cômodo Antonino** (Marcus Aurelius Commodus Antoninus) – r. 180-192 DC (12 anos).

Nome de nascimento: Lúcio Aurélio Cômodo (Lucius Aurelius Commodus Antoninus)

Pai biológico: Marco Aurélio; mãe: Faustina, a Jovem. Irmãos: Ânia Aurélia Galéria Faustina, Gêmelo Lucila (irmão gêmeo de Ânia Aurélia Galéria Lucila, que morreu quando bebê), Ânia Aurélia Galéria Lucila, Tito Élio Antonino, Tito Élio Aurélio, Adriano, Domícia Faustina, Ânia Aurélia Fadila, Ânia Cornificia Faustina Menor, Tito Aurélio Fúlvio Antonino (gêmeo de Lúcio Aurélio Cômodo Antonino, e morreu com 4 anos de idade), Marco Ânio Vero César, Víbia Aurélia Sabina.

Esposa: Bruta Crispina ou Brútia. Ela se casou com Cômodo em 178, quando tinha dezesseis anos de idade. Entretanto, não teve filhos, e isso gerou um problema na sucessão do império. Na verdade, o casamento de Crispina foi planejado pelo pai e pelo sogro. Cômodo não gostava da esposa, provavelmente pelo seu temperamento: ela era bela e graciosa, mas também vaidosa e arrogante. Entretanto, os escritores antigos dizem que Cômodo preferia a companhia masculina. Depois de dez anos de casamento, Crispina acabou sendo falsamente acusada de adultério e foi banida para a ilha de Capri em 188, onde ela foi posteriormente executada (na época, ela tinha 27 anos de idade).

Cômodo foi o primeiro imperador, nesta série de cinco imperadores, a ascender ao poder por laços de sangue e não por adoção. É considerado um dos piores imperadores romanos, e o seu reinado marcou o final da chamada 'era dos cinco bons imperadores' e da Dinastia dos Antoninos. Cômodo foi educado em literatura grega, em latim e em retórica (oratória; eloqüência).

Em 177 DC, Marco Aurélio o nomeou co-imperador, e até sua morte (180 DC) os dois governaram juntos, durante a guerra contra os Marcomanos. No entanto, com a morte do pai, Cômodo foi contra a opinião dos seus assessores e encerrou a política de guerra de Marco Aurélio, tentando fazer com os germanos uma paz negociada (108-182 DC), apesar de o exército romano estar envolvido em 'campanhas de limpeza' na região Danubiana. Embora com recursos econômicos insuficientes para manter tropas romanas permanentes, o povo de Roma ainda apoiava esta forma de governo, e a renúncia às conquistas de territórios era algo que desagradava à elite do governo romano, pois isso diminuía as chances de uma pessoa ocupar cargos públicos. Tudo isso separou Cômodo do Senado, que o acusava de ser um mau imperador, além das suas extravagâncias e perversões sexuais. Cômodo ficou famoso por gostar dos espetáculos violentos, mesmo

porque este foi um fator que contribuiu para sua ascendência ao trono. Os historiadores dizem que com 12 anos de idade essa faceta do seu caráter já se manifestava. Ele quis ver um escravo ser queimado vivo só porque lhe preparara a água do banho, que ele achava estar muito quente. Os servos pegaram um animal e o queimaram vivo na sua frente.

No início do seu reinado houve uma conspiração por parte do Senado contra ele, conspiração esta que foi liderada pela sua própria irmã Lucila, na época, já viúva de Lúcio Vero e casada com um idoso general de Marco Aurélio. Cômodo afastou o general de seu cargo e enviou Lucila ao exílio, junto sua filha, onde foram mortas por sua ordem. A partir daí, apoiou-se nos seus prefeitos pretorianos, um atrás do outro, devido a intrigas e assassinatos na corte imperial. Como Adriano, ele deu menos valor ao senado e passou a governar apoiado num conselho de amigos pessoais e funcionários administrativos. Assim, sempre em viagens, ele se afastava do Senado e se aproximava mais das elites provinciais, com bons resultados. Passou a não ter mais interesse pelas cotidianas do governo, chegando a demonstrar uma verdadeira desconsideração e aborrecimento pelo cargo que ocupava. Passava cada vez menos tempo em Roma. Em 189, sob influência de seu prefeito pretoriano, chegou a nomear 25 cônsules, muitas vezes julgando causas judiciais por causa de suborno. Entretanto, Cômodo teve o bom senso de escolher para as províncias e para o exército indivíduos com capacidades de administração, bem como o cuidado em atender a solicitações dos mais oprimidos, como o caso dos colonos africanos.



O Imperador Cômodo Antonino se apresentando como o deus Hércules, com a clava e a pele de leão

Diante da oposição do Senado, Cômodo procurou governar com base no carisma religioso. Emprestou dinheiro às religiões orientais e promoveu o culto de Júpiter, o deus supremo (Zeus, para os Gregos), num novo Panteão Romano no qual estariam

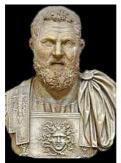
representados os deuses estrangeiros. Também se apresentou como gladiador no anfiteatro (Coliseu), e devido à sua devoção ao culto de Hércules (Herakles ou Héracles, para os Gregos, famoso por sua força), um dos mitológicos filhos de Júpiter, autodenominou-se Hércules Romanus, impondo que o adorassem como a reencarnação de Hércules. Emitiu uma série de moedas em que se fazia representar como Hércules, com a clava, o arco, flechas e uma pele de leão. Héracles, o deus grego, era reconhecido pela clava e pela pele de leão (pelo fato de ter derrotado o leão de Neméia, um local desconhecido; provavelmente, fruto da imaginação humana). A clava se devia à sua força nas batalhas corpo a corpo.

Por ser um grande admirador das lutas entre gladiadores, em 192 DC ele organizou um espetáculo com duas semanas de duração, onde houve combates entre gladiadores, inclusive, chegando a participar pessoalmente deles, usando roupas e armas semelhantes às de Hércules. Apareceu no senado vestindo essas roupas.

Embora muitas fontes digam o contrário, em seu governo houve, realmente, uma perseguição aos Cristãos.

Morte: Cômodo morreu com 31 anos de idade por causas violentas, mas as fontes divergem sobre quem e sobre a maneira como isso ocorreu. Sua morte violenta marcou o início de um período de grande instabilidade política em Roma. O grupo de assessores mais próximos do imperador incluía o futuro imperador Septímio Severo e seu irmão Públio Septímio Geta. Quando Septímio Severo se tornou imperador, Cômodo foi divinizado. Sua morte foi o fim da Dinastia Nerva-Antonina.

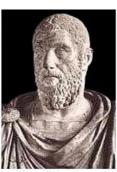
V) O Ano dos cinco imperadores (193 DC): Pertinax, Dídio Juliano, Pescênio Níger, Clódio Albino e Septímio Severo (fundador da dinastia dos Severos).



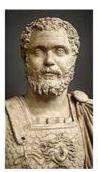




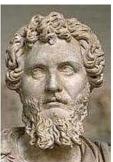
Dídio Juliano



Pescênio Niger



Clódio Albino



Septímio Severo

O ano dos cinco imperadores refere-se ao ano 193 DC, em que houve cinco pretendentes ao título de imperador romano. Os cinco foram: Pertinax, Dídio Juliano, Pescênio Níger, Clódio Albino e Septímio Severo (fundador da dinastia dos Severos). Começou com o assassinato de Cômodo no último dia do ano de 192, e com a proclamação de Pertinax como imperador.

Públio Hélvio Pertinax ou Pertinax (Publius Helvius Pertinax – 31 de dezembro de 192 – meados de 193 DC) era senador de uma família grega e comprou o título de imperador, que foi reconhecido por Septímio Severo. Morreu assassinado por soldados da guarda pretoriana no Palatino (uma das sete colinas de Roma). Mais tarde nesse mesmo dia, Dídio Juliano ganhou um leilão pelo título de imperador, vencendo Tito Flávio Sulpiciano (sogro de Pertinax, e novo prefeito da cidade). Tito Flávio Cláudio Sulpiciano (Titus Flavius Claudius Sulpicianus) ofereceu aos soldados uma grande soma de dinheiro para comprar sua lealdade, como Marco Aurélio havia feito em 161,

oferecendo a mesma quantia de 20.000 sestércios. Dídio Juliano ofereceu 5.000 sestércios a mais (essa quantia equivalia a mais de oito vezes o salário anual dos soldados). O senado aprovou Marco Dídio Severo Juliano como imperador (ficou apenas 2 meses e três dias no poder). Marco Dídio Juliano tinha 60 anos na época. Era casado com Mânlia Escantila e tinha uma filha chamada Didia Clara. Era filho de Quintus Petronius Didius Severus e Aemilia Clara. Sua família de nascimento era rica e importante em Milão, mas ele foi criado na família de Domícia Lucila (mãe do imperador Marco Aurélio), e isso o levou a uma sólida carreira administrativa no império, como pretor na Bélgica, procônsul, cônsul, governador da Ilírica e da Germânia e chefe de um sistema previdenciário para órfãos e para os menos privilegiados. Entretanto, após a morte de Cômodo, ele começou a tomar medidas impopulares, o que gerou rebeldia no povo. Outros três pretendentes ao trono o desafiaram: Pescênio Níger na Síria, Clódio Albino na Britânia, e Septímio Severo na Panônia. Severo, tendo como aliado Clódio Albino (governador da Britânia) chegou a Ravena, marchou para Roma para derrubar Dídio Juliano. Apesar de todas as medidas desesperadas de Dídio Juliano, ele foi vencido por Septímio Severo. Uma versão da história diz que Dídio Juliano foi morto pelos soldados pretorianos no Palatino (uma das 7 colinas de Roma) a mando do senado; outra versão dos fatos diz que Septímio Severo o decapitou. De qualquer forma, Septímio Severo chegou a Roma, entregou o cadáver de Dídio Juliano à sua esposa e filha, e lhes poupou a vida, porém excluindo-as dos títulos de Augusta e da herança. Depois, demitiu a guarda pretoriana e executou os soldados que tinham assassinado Pertinax. Consolidando o seu poder, Septímio Severo batalhou contra Pescênio Níger em Cízico e Nicéia em 193, e depois o derrotou definitivamente em Isso em 194. Caio Pescênio Níger (54 anos de idade) foi imperador romano por alguns meses apenas. No início, Clódio Albino apoiava Septímio Severo, acreditando que ele lhe sucederia. Clódio Albino já havia sido proclamado imperador pelas legiões britânicas na Hispânia depois do assassinato de Pertinax em 193. Quando percebeu que Severo tinha outras intenções, Clódio Albino declarou-se a si próprio imperador em 195, mas foi derrotado na Batalha de Lugduno em 197. Morreu aos 47 anos de idade.

# Imperadores Romanos 2

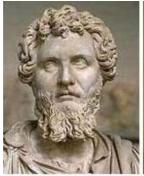
Neste capítulo nós vamos falar sobre a Crise do Terceiro Século, que levou ao declínio de Roma e a divisão do reino já no governo de Valeriano em três partes: Roma, Gália e Palmira. 'Crise do terceiro século' é o nome dado a uma série de acontecimentos ocorridos no Império Romano do Ocidente ao longo do século III, ou mais precisamente do ano 235 ao ano 284. Durante cinquenta anos da crise do terceiro século, Roma enfrentou uma pandemia de varíola ou sarampo, que foi chamada de 'Peste de Cipriano', o bispo de Cartago (atual Tunísia) que a identificou. O império Romano também enfrentou muitas guerras civis, invasão estrangeira, um colapso na economia e usurpadores do trono, ao lado de imperadores despreparados e incompetentes, que se mostraram bastantes fracos no governo, diminuindo o poder do senado, anteriormente tão aristocrático, e se transformando num império militar.

Resumindo: quase 50 anos de guerras civis, invasão estrangeira e um colapso na economia, isso sem falar nas abominações religiosas firmadas na idolatria de deuses greco-romanos, também debaixo da influência e herança Persa, Egípcia e Selêucida. Os últimos imperadores do terceiro século foram Caro, Numeriano e Carino (pai e dois filhos), que terminaram mortos em batalha ou assassinados, como no caso de Marco Aurélio Numério Numeriano, que foi morto pelo próprio sogro que, por sua vez, sucumbiu diante da espada mortífera de Diócles, o oficial do estado-maior, o qual passou à História como Diocleciano. Também falaremos sobre as Sete Colinas de Roma.

Neste capítulo você vai estudar sobre as seguintes dinastias:

- Dinastia Severa: Septímio Severo, Públio Sétimo Geta, Lúcio Septímio Bassiano (Caracala), Marco Opélio Macrino, Marco Aurélio Antonino (Heliogábalo ou Elagábalo), Severo Alexandre
- Crise do terceiro século 235-284
- Dinastia Gordiana: Maximino Trácio ou Maximino I; Gordiano I e Gordiano II; Pupieno e Balbino; Gordiano III
- Quatro imperadores: Filipe, o Árabe; Décio; Treboniano Galo; Emiliano
- Dinastia Valeriana: Valeriano I; Galiano
- Sequência do declínio do Império Romano: Cláudio, o Gótico; Quintilo; Aureliano; Tácito; Floriano; Probo; Caro; Numeriano; Carino

VI) Dinastia Severa (193-235 DC): Septímio Severo, Públio Sétimo Geta, Lúcio Septímio Bassiano (Caracala), Marco Opélio Macrino, Marco Aurélio Antonino (Heliogábalo ou Elagábalo), Severo Alexandre.



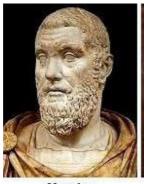








Caracala Públio Sétimo Geta







Macrino

Heliogábalo

Alexandre Severo

1) Lúcio Septímio Severo ou Septímio Severo – r. 193-211 DC (18 anos)

Fev. 193-198 – governou como único imperador

198-211 – governou junto com seu filho mais velho: Caracala

209-211 – governou junto com seus filhos: Caracala e Geta

Nome de nascimento: Lúcio Septímio Severo (Lucius Septimius Severus)

Nome de imperador: César Lúcio Septímio Severo Pertinax Augusto (Caesar Lucius Septimius Severus Pertinax Augustus)

Pai biológico: Públio Septímio Geta, que obteve a cidadania romana no século I Mãe: Fúlvia Pia, descendente cidadãos italianos e habitantes do Norte da África Esposa: Júlia Domna, uma mulher árabe da Síria

Filhos: Lúcio Septímio Bassiano (Caracala) e Públio Septímio Geta. Geta foi assassinado pelo seu irmão mais velho, pouco depois da morte do seu pai.

Septímio Severo foi o primeiro cidadão oriundo de província, sem ascendentes romanos, a atingir o trono. Severo era de origem berbere (povos ao Norte da África, de línguas afro-asiáticas, portanto, língua não grega, que chamavam a si mesmos, 'homens livres') e púnica (relativo à cidade de Cartago). Os romanos chamavam os cartagineses de Punici, originado do nome 'Poenici', ou seja, de ascendência fenícia, daí o adjetivo 'púnico'. A palavra berbere parece ter surgido após o fim do Império Romano. O seu uso no período precedente não é admitido por todos os historiadores da Antiguidade.

Guerras Púnicas foi uma série de três conflitos entre a República Romana e a República de Cartago, uma cidade-estado fenícia ao norte da África (entre 264-146 AC), disputando o senhorio sobre o Mar Mediterrâneo. Os romanos chamavam os cartagineses de Punici, originado do nome 'Poenici', ou seja, de ascendência fenícia. As Guerras Púnicas durante a República Romana se restringiram ao domínio de Roma sobre o Norte da África, envolvendo a península Ibérica e algumas ilhas do Mediterrâneo Ocidental. A Primeira Guerra Púnica foi em 264-241 AC. A Segunda, em 218-202 AC; e a Terceira, em 149-146 AC.

Em sua origem, o termo 'bárbaro' – do latim, barbarus, e derivado do grego antigo: βάρβαρος, bárbaros ('estrangeiro') – era uma palavra utilizada pelos gregos para designar os outros povos, aqueles cuja língua lhes era incompreensível, ou seja, os não gregos. A palavra 'bárbaro' não tinha, originalmente, uma conotação pejorativa, significando simplesmente 'não grego', ou seja, um termo aplicado a toda pessoa cuja língua não era compreendida pelos gregos ou a alguém que se exprimisse por onomatopéias ('bar-bar'), segundo a percepção dos gregos.

Entre 193 e 197, Severo competiu pelo trono com Pescênio Níger e Clódio Albino. Por isso, contava com o apoio do exército romano, tanto das tropas da marinha como das tropas de guerra em terra e dos soldados pretorianos.

Na guerra contra o Império Parta, ele teve sucesso, e a Mesopotâmia voltou a estar sob domínio Romano. Ao regressar a Roma, o povo ergueu um Arco do Triunfo a fim de comemorar esta vitória.



Arco de Septímio Severo

As suas relações com o senado nunca foram boas, pois se tomara impopular entre os senadores ao demarcar o seu poder com apoio do exército. Ordenou que dúzias de senadores fossem executados sob acusações de corrupção e conspiração, e substituiu-os por homens fiéis à sua causa. Dissolveu a guarda pretoriana e substituiu-a pela sua própria guarda pessoal (legionários da Panônia) para ter total controle político e sua segurança pessoal. Embora sua ânsia de poder tomasse Roma numa ditadura militar, Septímio Severo foi muito popular entre o povo romano por ter ele restabelecido a moralidade, após os anos decadentes do governo de Cômodo e por conseguir conter a corrupção.

Preocupado com a instabilidade mental de Caracala, fez com que Geta (209) se tornasse César, segundo posto de comando após o imperador.

Nos seus últimos anos teve de defender as fronteiras dos ataques dos bárbaros ao Império Romano, especialmente as revoluções na Britânia; por isso, Severo mandou reforçar o Muro de Adriano.

Segundo a História, foi um bom imperador para os interesses romanos, embora também tenha perseguido os cristãos, ao fomentar ativamente o sincretismo religioso. Os cristãos que não abandonassem a sua fé para aceitar os deuses romanos e de outros povos eram mortos.

Morreu em 211 DC aos 64 anos por causas naturais (enfraquecido pela gota, ao que parece). Quando morreu foi proclamado Divus (divino) pelo senado.

À sua morte recebeu o nome de: Imperator Caesar Lucius Septimius Severus Pius Pertinax Augustus Arabicus Adiabenicus, Particus Maximus, Britanicus Maximus, Pontifex Maximus, Tribuniciae Potestatis XIX, Imperator XV, Consul IV, Pater Patriae.

- Ele adotou o apelido de Pio em 195
- Arábico Adiabênico por causa da vitória sobre a cidade de Adiabene e sobre os povos da Arábia em 195
  - Pártico Máximo por causa da vitória sobre o Império Parto em 198

- Britânico Máximo por causa da vitória em 209 sobre os Caledônios (conjunto de tribos celtas; povos do Oeste da Europa) na Escócia.
- Tribuniciae Potestatis, em latim, é escrito em italiano como 'Tribunicia potestas' ou 'tribunicia potestate', que significa o poder dado aos tribunos do povo na Roma antiga. Desde a época de Augusto César, o título também foi dado a todos os imperadores romanos, e isso se baseava nas sacrossantas implicações do cargo de tribuno. Este título garantia ao imperador a inviolabilidade de seu cargo, bem como lhe dava a oportunidade de legislar livremente.



Celtas

As mulheres da dinastia Severa, começando com a esposa de Septímio Severo, Júlia Domna, foram bastante ativas no avanço das carreiras de seus parentes do sexo masculino. Outras mulheres notáveis que exerceram o poder por trás das cenas neste período incluem Júlia Mesa (Julia Maesa), irmã de Júlia Domna, e as duas filhas de Júlia Mesa, Júlia Soêmia (Julia Soaemias), mãe de Heliogábalo, e Júlia Avita Mamea (Julia Avita Mamaea), mãe de Alexandre Severo.

2) Públio Sétimo Geta ou Geta – r. 209-211 DC (2 anos)

Nome de nascimento: Públio Sétimo Geta Pai biológico: Lucius Septimius Severus

Mãe: Julia Domna Esposa: Não teve Filhos: Não teve

Irmão: Lúcio Septímio Bassiano (Caracala)

Morte: 22 anos de idade, assassinado por seu próprio irmão, Caracala.

Geta compartilhou o poder com seu pai, Septímio Severo, e com seu irmão mais velho Caracala, a partir de 209.

Durante seu império, Geta ordenou a construção de muitos templos pagãos e perseguiu intensamente os cristãos, punindo-os com morte. Não teve filhos.

Morreu assassinado com 22 anos de idade, a mando de seu irmão Caracala. A História conta que Caracalla tentou matar Geta durante o festival de Saturnália sem

sucesso. Mais tarde, ele marcou um encontro com seu irmão nos aposentos de sua mãe, e ele morreu em seus braços, assassinado por centuriões.

Quanto à Saturnália, nós sabemos que em Roma, 25 de dezembro era a data em que os romanos comemoravam o início do inverno ou solstício de inverno, festividade romana dedicada ao nascimento do deus sol invencível (Dies Natalis Solis Invicti), o deus cultuado pelos soldados. A Saturnália, festividade em honra ao deus Saturno, era comemorada de 17 a 22 de dezembro. Era um período de alegria e troca de presentes. O título 'Invictus' era também aplicado a três outras divindades: El Gabal (o deus sol de Heliogábalo, na Síria), o deus persa Mitra e também a Marte. O dia 25 de dezembro era tido também como o do nascimento do misterioso deus persa, Mitra, o Sol da Virtude, provavelmente também conhecido pelos romanos como Mitras, o deus que estava presente na carne e no sangue do touro e, quando consumido, concedia salvação àqueles que tomavam parte da refeição sacrificial. O único problema com ela para nós, cristãos, é que após a aceitação do cristianismo pelos imperadores romanos que se sucederam esta data passou a ser ligada ao nascimento de Cristo, sendo corrompida e instituída como uma festa cristã no século IV pela Igreja Ocidental (A primeira celebração de Natal em Roma ocorreu, provavelmente, no ano 336 DC) e desde o século V, pela Igreja Oriental.

3) Marco Aurélio Severo Antonino Augusto (Lúcio Septímio Bassiano) ou Caracala – r. 198-211 DC (13 anos), em co-regência com o pai, e 211-217 (r. 6 anos) como único governante.

Nome do nascimento até 195: Lúcio Septímio Bassiano. Nasceu em Lugdunum, na Gália (agora Lyon, na França) em 188 DC

De 195 a 198: Marco Aurélio Antonino César (Marcus Aurelius Antoninus Caesar)

De 198 a 211: César Marco Aurélio Antonino Augusto (Caesar Marcus Aurelius Antoninus Augustus)

De 211 até sua morte (217): César Marco Aurélio Severo Antonino Pio Augusto (Caesar Marcus Aurelius Severus Antoninus Pius Augustus)

Nome pelo qual era conhecido (nome oficial): Marco Aurélio Severo Antonino Augusto (Marcus Aurelius Severus Antoninus Augustus)

Apelido: 'Caracala' era um apelido referindo-se a uma longa capa gaulesa com capuz que ele habitualmente usava

Pai biológico: Lúcio Septímio Severo (Lucius Septimius Severus)

Mãe: Júlia Domna

Esposa: Públia Fúlvia Plaucila (Fúlvia Plaucila ou Plaucila)

Filhos: uma filha de nome desconhecido

Irmão: Geta

Morte: com 29 anos de idade, apunhalado pelas costas por Macrino, o prefeito da guarda pretoriano.

Com a idade de 7 anos, o seu nome foi mudado para Marco Aurélio Septímio Severo Antonino para se fazer uma ligação à família do imperador Marco Aurélio. Isso foi uma adoção fictícia por parte de Septímio Severo, pois ele foi o primeiro cidadão oriundo de província, sem ascendentes romanos a atingir o trono. Caracala mudou de nome várias vezes entre 195 e 217, mas seu nome mais conhecido é Marco Aurélio Severo Antonino Augusto. Após 211 DC, quando começou a reinar como único governante, ele recebeu o nome completo de César Marco Aurélio Severo Antonino Pio Augusto, e o usou até sua morte.

Em 202, ele se casou Públia Fúlvia Plaucila, filha do prefeito da guarda pretoriana, Caio Fúlvio Plauciano, mas não gostava dela nem do sogro. Depois da queda de Plauciano, em 205 DC, Caracala mandou exilá-la.

Poucos anos mais tarde, sua instabilidade mental se intensificou e quase esfaqueou o pai pelas costas perante todo o exército. Ele gostava de se mostrar um imperador guerreiro, fazendo guerra contra os países vizinhos. Entretanto, sua popularidade caiu devido à sua política militar agressiva, à elevação do salário dos soldados e de uma política de construção que exigia mais impostos dos súditos, como, por exemplo, a construção das 'Termas de Caracala' em Roma. Concedeu cidadania romana ('Édito de Caracala' – 212 DC) a todos os súditos livres do império para, assim, cobrar mais impostos. Também promoveu algumas mudanças na área monetária, com a introdução da nova moeda, o Antoniniano. Essas atitudes e outras como sua instabilidade mental, suas várias perversões e o tratamento brutal aos seus adversários (como o massacre que promoveu entre os membros da aristocracia grega de Alexandria durante uma festividade de comemoração a Alexandre o Grande) fizeram com que se tornasse odiado, especialmente pela velha aristocracia do senado romano, comparando-o com um monstro à semelhança de Nero e outros maus imperadores. Em 217 foi apunhalado pelas costas, por uma trama de Macrino, seu prefeito pretoriano. Macrino não era membro da Dinastia Severa, mas o sucedeu no governo.

# 4) Marco Opélio Macrino ou Macrino – r. 217-218 DC (14 meses).

Nome do nascimento à ascensão: Marco Opélio Macrino (Marcus Opiles Marinos) Nome como imperador: César Marco Opélio Severo Macrino Augusto (Caesar Marcus Opiles Severus Marinos Augustus)

Esposa: Nônia Celsa

Filho: Marcus Opiles Diadumeniano (nascido em 208; viveu apenas 10 anos)

Morte: com 53 anos de idade, executado por Heliogábalo, que se tornou imperador.

Macrino proclamou-se imperador após assassinar Caracala durante a campanha contra os partos, com os quais fez uma paz pouco honrosa. Ele era natural da Mauritânia Cesariense, uma província do localizada no norte da África onde hoje está a Argélia. Sua capital era Cesaréia (e daí o nome Cesariensis), a moderna Cherchel. Macrino era um excelente advogado e isso favoreceu seu cargo de prefeito da guarda pretoriana (guarda pessoal do imperador) de Caracala, mas ele tinha responsabilidades cada vez mais administrativas e judiciárias. Macrino não pertencia ao senado e sim à ordem eqüestre, ou seja, à ordem dos cavaleiros, um cargo aristocrático que surgiu após a extinção da tropa de cavalaria do exército romano. Macrino governava de Antioquia na província da Síria, pois era impopular entre a plebe romana, principalmente durante as corridas no Circo Máximo (onde ocorriam as corridas de bigas), onde ele era vaiado ao aclamar a família imperial, assim como era odiado pelos da classe eqüestre e pelos membros do senado. Estas corridas eram oferecidas em homenagem ao aniversário do filho do imperador, Diadumeniano, que havia sido associado por seu pai Macrino ao império. Quando reduziu o soldo dos soldados recrutas para compensar a atitude de Caracala, tornou-se ainda mais impopular. Após um golpe militar da Terceira Legião, instigada pela tia avó materna de Caracala (Júlia Mesa), Macrino e Diadumeniano, seu filho, tentaram fugir, mas foram executados (218 DC), quando Bassiano (Heliogábalo) foi empossado como imperador.

5) Marco Aurélio Antonino, também conhecido como **Heliogábalo** ou Elagábalo – r. 218-222 DC (4 anos).

Nome de nascimento: Sexto Vário Avito Bassiano (Sextus Varius Avitus Bassianus), nasceu na Síria. Manteve este nome até sua coroação.

Nome como imperador: César Marco Aurélio Antonino Augusto.

Só recebeu o apelido de Heliogábalo após a sua morte.

Pai biológico: Sexto Vário Marcelo, da classe eqüestre, depois feito senador.

Mãe: Júlia Soêmia Bassiana (Julia Soaemias). Sua irmã mais nova era Júlia Avita Mamea (Julia Avita Mamaea). A mãe de Júlia Soêmia Bassiana (Júlia Mesa; latim: Julia Maesa) era irmã de Júlia Domna, esposa do imperador Septímio Severo.

Esposas:

- 1) Júlia Cornélia Paula (Iulia Cornelia Paula), filha de Júlio Comélio Paulo, governador pretoriano em Roma. Um ano depois do casamento, Heliogábalo se divorciou dela para se casar com Aquília Severa, uma virgem vestal, o que foi considerado um escândalo.
- 2) Júlia Aquília Severa (Iulia Aquilia Severa), uma virgem vestal. As vestais (em latim, virgo vestalis), na Roma Antiga, eram sacerdotisas que cultuavam a deusa romana Vesta (corresponde à deusa grega Héstia, na mitologia grega, a deusa virgem grega do lar, lareira, arquitetura, vida doméstica, família e estado). Trata-se de um sacerdócio exclusivamente feminino de seis mulheres escolhidas entre de seis e dez anos de idade, que serviam durante trinta anos. Durante esse período, as virgens vestais eram obrigadas a preservar sua virgindade e castidade, pois qualquer atentado a esses símbolos de pureza significariam um sacrilégio aos deuses romanos e, portanto, também à sociedade romana. A punição por quebrar o voto de castidade de trinta anos era a morte por enterro vivo. Como o imperador era um seguidor da religião oriental do deus sol El-Gabal, quando se casou com Severa ele também realizou um casamento simbólico de seu deus com Vesta. Mas o casamento foi revogado por Júlia Mesa, avó de Heliogábalo. Ele, então, se casou com a 3ª esposa:
- 3) Ânia Faustina, descendente da dinastia Nerva-Antonina. Ela já era casada (206) com o cônsul Pompônio Basso, e tinha um casal de filhos. Dois anos depois, quando seus pais morreram, Ânia herdou as propriedades e a fortuna deles. Heliogábalo se casou com ela em 221 concedendo-lhe o título de Augusta, e adicionando o nome de Júlia ao dela. Ele queria que ela lhe desse um herdeiro, para que o seu primo materno (Alexandre Severo) não fosse o sucessor. Mas como ela não engravidou no mesmo ano ele se divorciou dela e voltou para sua antiga esposa, a virgem vestal Júlia Aquília Severa, que permaneceu com ele até sua morte. Eles não tiveram filhos. Depois do divórcio, Ânia voltou para suas terras na Psídia, uma região de Anatólia (Turquia), e lá morreu com 21 anos de idade.

Filho adotivo: Alexandre Severo

Morte: com 19 anos de idade, assassinado.

Sexto Vário Avito Bassiano (César Marco Aurélio Antonino Augusto, ou Heliogábalo), em tenra idade (2 anos) foi nomeado para ser sacerdote de El-Gabal (Elagabalus, em Latim; ou Heliogabalus em Grego, que era o 'Deus-Sol' sírio, chamado El-Gabal, em aramaico) na sua cidade natal, Emesa (uma cidade da Síria, perto de Damasco e Alepo). El-Gabal era representado por um pênis (símbolo de fertilidade e poder), por isso o apelido 'Heliogábalo'.

Ele se tornou imperador com 14-15 anos de idade, e começou um reinado caracterizado principalmente por escândalos sexuais e controvérsias religiosas. Segundo historiadores antigos, Heliogábalo também mantinha relações com vários homens e alegam que ele tinha uma relação muito mais estável com seu condutor de biga (Hiérocles) do que com qualquer de suas esposas. Provavelmente, ele mostrou desrespeito às tradições religiosas romanas e tabus sexuais. Substituiu Júpiter (o deus

romano do dia, identificado como o deus Grego Zeus) no Panteão Romano, por El-Gabal, obrigando membros importantes do governo de Roma a participarem em rituais que celebravam esta divindade, liderados por ele próprio. Isso o distanciou da guarda pretoriana, do senado e dos cidadãos. Como muitas histórias foram inventadas em relação a Heliogábalo, os novos historiadores tentam separar os fatos reais da ficção, preservando com maior cautela a visão deste personagem e seu reinado.

Quando Heliogábalo se casou de novo com Júlia Aquília Severa, ele tentou assassinar o seu primo Alexandre. Neste conflito, sua avó Júlia Mesa e o senado apoiaram Alexandre, e Heliogábalo com sua mãe Júlia Soêmia Bassiana foram tirados do palácio, arrastados pelas ruas, assassinados e jogados no rio Tibre pela guarda pretoriana, que então proclamou Alexandre Severo como Augusto. Ambos receberam o damnatio memoriae. Damnatio memoriae, em latim, significa: 'danação da memória', no sentido de remover da lembrança. Era uma forma de desonra que podia ser passada pelo senado aos traidores ou outros que trouxessem vergonha ao Estado romano.

6) Marco Aurélio **Severo Alexandre** Augusto (Alexandre Severo) – r. 222-235 DC (13 anos).

Nome do nascimento até a adoção por Heliogábalo: Marco Júlio Géssio Bassiano Alexiano (Marcus Julius Gessius Bassianus Alexianus).

Nome desde a adoção até á ascensão: César Marco Aurélio Alexandre

Nome como imperador: Marco Aurélio Severo Alexandre Augusto

Pai biológico: Marco Júlio Géssio Marciano Mãe: Júlia Avita Maméia (Julia Avita Mamaea)

Esposas:

1ª esposa: Seia Erênia Salústia Bárbia Orbiana Augusta (em latim: Seia Herennia Sallustia Barbia Orbiana Augusta), conhecida também como Bárbia Orbiana ou somente Orbiana. Era filha do influente senador romano Seio Salústio. Foi imperatriz apenas por dois anos, e por causa de ciúmes por parte de sua sogra, que a tratava com crueldade, seu pai foi assassinado por acusação falsa de alta traição por tentar matar o imperador, e ela foi exilada para a África. Alexandre Severo pôde impedir, mas não o fez. Orbiana morreu com 18 anos de idade.

2ª esposa: Sulpícia Memia, membro de uma das mais antigas famílias Patrícias em Roma. Não há nenhuma outra informação sobre ela.

3<sup>a</sup> esposa: não se sabe o nome.

Filhos: não teve.

Alexandre Severo foi o último dos imperadores da dinastia dos Severos.

Sua avó Júlia Mesa arranjou sua aclamação como imperador pela Terceira Legião Gaulesa, além de um rumor espalhado pela cidade de que ele tinha sido morto. Isso contribuiu para sua ascensão ao poder. Governando desde a idade de quatorze anos sob a influência de sua mãe, Júlia Avita Mamea, Alexandre restaurou, até certo ponto, a moderação que caracterizou o governo de Septímio Severo. Ele fez muito para melhorar a moral e condição do povo e empregou juristas para supervisionar a administração da justiça no Estado. O luxo excessivo e a extravagância na corte imperial foram diminuídos. Ele também restaurou os Banhos de Nero em 227 ou 229.

Restituiu o direito dos soldados, dando-lhes a liberdade de nomear seus herdeiros legais e o direito de libertar seus escravos em seus testamentos. Quando os soldados estavam em campanha, Alexandre garantiu a proteção de suas propriedades e o seu direito sobre elas, não podendo ser tiradas por ninguém.

Em matéria religiosa, Alexandre era mente aberta. Diz-se que ele estava desejoso de erigir um templo para Jesus, mas foi dissuadido pelos sacerdotes pagãos. Ele permitiu

que uma sinagoga fosse construída em Roma e deu de presente a esta sinagoga um rolo da Torá. Tratou de maneira afável os cristãos.

A força crescente do império Sassânida (226-651) já anunciava o maior desafio externo que Roma enfrentou no século III. A subseqüente guerra contra a invasão alemã da Gália levou à sua derrubada pelas tropas ele estava conduzindo lá.

Bem intencionado, mas sem apoio político e militar, morreu assassinado com 27 anos de idade durante um motim da XXII legião Primigenia que apoiava Maximino Trácio. A XXII legião Primigenia (Legio Seconda Vigesima Primigenia ou Legio XXII Primigenia, 'a vigésima-segunda legião afortunada') foi uma legião do exército imperial romano dedicada à deusa Fortuna Primigenia. Foi criada em 39 DC pelo imperador Calígula para ser utilizada em suas campanhas pela Germânia (Alemanha). A vigésima-segunda legião passou a maior parte de sua existência em Moguntiaco (moderna Mainz, na Alemanha), na época, parte da Germânia Superior. Seus símbolos eram o capricórnio e o semideus Hércules. Alexandre Severo foi sucedido por Maximino Trácio. A mãe de Alexandre Severo também foi morta durante o motim.

# A CRISE DO TERCEIRO SÉCULO (235–284):

Crise do terceiro século é o nome dado a uma série de acontecimentos ocorridos no Império Romano do Ocidente ao longo do século III, ou mais precisamente do ano 235 ao ano 284. Durante este período, o império foi governado sucessivamente por cerca de dezoito imperadores legítimos (embora seu número exato seja impreciso), a maioria deles generais ('os imperadores soldados') que acabavam por perder o trono por derrota em combate, assassinato ou mortes naturais, e governando em média apenas dois a três anos. O número deles é impreciso, pois a listagem não leva em consideração os imperadores nomeados junto com pais e colegas, assim como desconsidera os pretendentes e usurpadores (os indivíduos que pretenderam assumir o título de imperador romano contra os legítimos ocupantes do cargo).

No fim do século II, ocorreu uma guerra civil de sucessão, que abalou profundamente o império. Na primeira metade do século seguinte, o império se manteve próspero e extenso, até que o poderoso Império Sassânida (foi o último Império Persa pré-islâmico, governado pela dinastia sassânida – 224-651 DC, e sucedeu o império parta, durando aproximadamente 400 anos), ao leste, começou a fazer ataques ao Império Romano. O imperador Valeriano e todo o seu exército de 70 mil homens foram capturados em 260 DC, e as províncias do leste foram devastadas.



Império Parta



Império Sassânida

Durante cinqüenta anos da crise do terceiro século, Roma enfrentou uma pandemia de varíola ou sarampo, que também atingiu a Etiópia e Alexandria (Egito), e foi chamada de 'Peste de Cipriano', o bispo de Cartago (atual Tunísia) que a identificou. O império Romano também enfrentou a invasão dos Godos, ao norte do Império. Neste período, os imperadores se mostraram bastantes fracos no governo, diminuindo o poder do senado, anteriormente tão aristocrático, e se transformando num império militar. As legiões romanas, agora com maior poder, influenciavam mais facilmente a escolha dos imperadores para satisfazer suas necessidades imediatas, mas, infelizmente, eram imperadores despreparados e incompetentes.

A crise do terceiro século gerou transformações que, um pouco mais de um século depois, puseram fim ao período conhecido como Antiguidade e deu início à Idade Média. Com a ascensão do imperador Diocleciano (284-305) encerrou-se a crise do terceiro século.

Resumindo: quase 50 anos de guerras civis, invasão estrangeira e um colapso na economia.

VII) 'Imperadores soldados' – O ano dos seis imperadores – Dinastia Gordiana (238-244 DC):



1) César Caio Júlio Vero Maximino Augusto, conhecido como **Maximino Trácio** ou **Maximino I** – r. 235-238 DC (3 anos).

Nome de nascimento: Caio Júlio Vero Maximino (Gaius Iulius Verus Maximinus)

Nome como imperador: César Caio Júlio Vero Maximino Augusto (Caesar Gaius Iulius Verus Maximinus Augustus)

Local de nascimento: Trácia (nordeste da Grécia, perto da Turquia)

Pai biológico: provavelmente um Godo (Os godos eram um povo germânico originário das regiões ao sul da Escandinávia: Dinamarca, Suécia e Noruega e que invadiu o Império Romano a partir do leste entre os séculos III e V).

Mãe: provavelmente uma Alana [Os alanos eram povos nômades iraniano-pastorais da Antiguidade. O nome Alan é uma forma dialética iraniana de Ariana, uma autodesignação comum dos Indo-iranianos].

Esposa: Cecília Paulina ou Diva Cecília Paulina Pia (Diva Caecilia Paulina Pia), pois foi deificada após sua morte

Filho: Caio Júlio Vero Máximo (viveu até 18 ou 21 anos de idade).

Morte: 65 anos (assassinado)

Maximino Trácio ou Maximino I foi o primeiro bárbaro que usou a púrpura imperial e o primeiro Imperador que nunca pôs pé em Roma. Foi também o primeiro dos Imperadores soldados do século III. O seu governo é freqüentemente considerado como o início da Crise do terceiro século. Seu único filho foi Caio Júlio Vero Máximo, nomeado César com mais ou menos 16 anos pelo seu pai. Maximino Trácio estava na fronteira do Danúbio em 238 quando o senado romano o condenou como traidor do Estado, e nomeou Pupieno e Balbino como imperadores, já depois de morte de Gordiano I e Gordiano II, eleitos anteriormente como imperadores na África.

Maximino Trácio e seu filho voltaram à Itália, mas sua entrada foi impedida no distrito de Aquiléia, e levando as tropas de Maximino à fome, à sede e, consequentemente, a doenças. Os soldados da II Legião Parthica (Legio II Parthica ou Segunda Legião Parta), uma legião mobilizada pelo imperador Septímio Severo para a guerra contra os Partas, ficaram hostis. Eles tinham como símbolo, o touro e o centauro (um ser da mitologia grega com cabeça, braço e dorso de homem, mas corpo e pernas de um cavalo, e que simbolizava a força). Os soldados dessa legião rasgaram as insígnias das imagens militares das tropas de Maximino, declarando, assim, a sua deposição do poder, e mataram pai e filho. Suas cabeças foram levadas para Roma na ponta de uma lança, e os seus corpos foram mutilados e dados aos cães. O Senado elegeu Gordiano III imperador e ordenou o 'damnatio memoriae' de Maximino Trácio e Caio Máximo. Damnatio memoriae, em latim, significa: 'danação da memória', no sentido de remover da lembrança. Era uma forma de desonra que podia ser passada pelo senado aos traidores ou outros que trouxessem vergonha ao Estado romano. O avô e tio de Gordiano III (Gordiano I e Gordiano II foram proclamados imperadores na África enquanto Maximino Trácio ainda estava vivo). O governador da Numídia, que era aliado de Maximino Trácio, matou Gordiano II. Então, o senado, elegeu Pupieno e Balbino como imperadores, mas também foram mortos pela guarda pretoriana.

**2)** Gordiano I e Gordiano II (Marcus Antonius Gordianus Sempronianus Romanus) – pai e filho – r. 238 DC (36 dias)

# Gordiano I:

Nome antes da ascensão ao trono: Marcus Antonius Gordianus Sempronianus Romanus Africanus

Nome como imperador: Caesar Marcus Antonius Gordianus Sempronianus Romanus Africanus Augustus

Local de nascimento: provavelmente na Frigia (Anatólia, atual Turquia)

Pai biológico: desconhecido, possivelmente Mécio Marulo (Maecius Marullus) ou Marco Antônio (Marcus Antonius)

Mãe: desconhecida, possivelmente Úlpia Gordiana ou Semprônia Romana

Esposa: desconhecida, possivelmente Fábia Orestila

Filhos: Marco Antônio Gordiano ou Gordiano II (Marcus Antonius Gordianus) e Antônia Gordiana, mãe de Gordiano III.

Morte: com 79 anos (enforcou-se ao saber da morte do filho Gordiano II)

Em Português seu nome é traduzido como Semprônio, ao passo que em Latim ou em Inglês é descrito como Semproniano (Sempronianus).

#### Gordiano II:

Nome antes da ascensão ao trono: Marco Antônio Gordiano Semprônio Romano (Marcus Antonius Gordianus Sempronianus Romanus)

Nome como imperador: Caesar Marcus Antonius Gordianus Sempronianus Augustus

Pai biológico: Marcus Antonius Gordianus Sempronianus Romanus (Gordiano I)

Mãe: desconhecida, possivelmente Fábia Orestila

Morte: com 46 anos, morto em batalha pelo governador africano da Numídia, que era aliado de Maximino Trácio

Em Português seu nome é traduzido como Semprônio, ao passo que em Latim ou em Inglês é descrito como Semproniano (Sempronianus)

Em 216 Gordiano I foi governador da Britânia, e cônsul no governo de Heliogábalo. Tanto ele como seu filho eram amantes da literatura. Ficou popular entre a plebe romana quando era um 'edil' e favoreceu magníficos jogos e espetáculos. Havia dois pares de edis: os primeiros eram os edis plebeus (latim: aediles plebis) e a posse deste cargo era limitada aos plebeus; os outros dois eram 'edis curis' (latim: aediles curules), abertos tanto a plebeus quanto a patrícios, em anos alternados. Um edil curis (aedilis curulis) era classificado como magister curulis (magistratura).

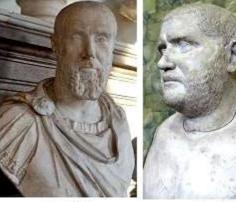
Os 'edis curis' na Roma Antiga, eram dois encarregados da preservação da cidade, da polícia, dos mercados e das ações penais correlatas, bem como da jurisdição civil contenciosa nas questões ali ocorridas. O caráter de Gordiano I era amável e ele tinha boa reputação por isso. Ele se desagradava de intrigas, principalmente as ocorridas no tempo do governo de alguns Severos. Preservou sua vida particular da curiosidade e das intrigas das pessoas. Gordiano I era descendente de Trajano. Como militar, Gordiano I ocupou a Província romana da Síria. No reinado de Alexandre Severo, Gordiano I já tinha mais de setenta anos e concedeu honras aos governos da África, sendo nomeado imperador pelos africanos durante uma revolta contra Maximino Trácio (por isso, assumiu o título de Africano). Preocupado com sua idade avançada, ele dividiu o trono com seu filho, Marco Antônio Gordiano (Marco Antônio Gordiano Semprônio Romano) ou Gordiano II, que poucos dias depois, invadiu e tomou o controle da cidade de Cartago (na Tunísia) saindo vitorioso e conquistando a aprovação da população e dos líderes políticos locais. Assim, o senado o confirmou como novo imperador, o que deixou a maioria das províncias contente. O governador da Numídia, porém, que era aliado de Maximino Trácio, invadiu a província da África com apenas uma legião e outras unidades veteranas. Gordiano II liderava uma tropa inexperiente. Perdendo a batalha de Cartago foi assassinado. Seu pai, ao saber da morte do filho, enforcou-se com uma correia.

Gordiano II nasceu aproximadamente no ano 192. Foi governador Acaia (ao sul da Macedônia, na Grécia) e depois, cônsul. Gordiano I lhe havia concedido um poder exatamente igual ao seu, exceto pelo título religioso de pontífice máximo. Gordiano II foi criado no palácio e acostumado com a pompa, o luxo e a ostentação da vida imperial. Gordiano II apreciava os jardins, as termas, os bosques e, da mesma forma que

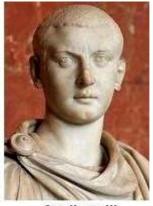
o pai, apreciava a literatura. Ele tinha 22 concubinas oficiais, e dois a quatro filhos de cada uma delas. Na sua biblioteca, ele tinha sessenta mil volumes, um legado deixado pelo seu professor. Por nomeação do seu pai, foi imperador em co-regência com ele e, logo em seguida invadiu e tomou o controle da cidade de Cartago (na Tunísia) saindo vitorioso e conquistando a aprovação da população e dos líderes políticos locais. Assim, o senado também o confirmou como novo imperador. Entretanto, o governador da Numídia, que era aliado de Maximino Trácio, invadiu a província da África com apenas uma legião e outras unidades veteranas. Gordiano II liderava uma tropa com um número maior de soldados, mas inexperientes em combates e muitos deles sem armas eficazes. Historiadores da época (como Herodiano) diziam que os soldados tinham que buscar em suas casas as espadas, os machados ou mesmo uma lança para poder lutar com alguma coisa, e mesmo os escudos de proteção eram feitos por eles mesmos. No dia da batalha, antes mesmo do ataque dos númidas, o exército sentiu medo e abandonou o campo; os soldados fugiram assustados. Na fuga, muitos foram pisoteados pelos próprios companheiros e morreram mais soldados pisoteados do que realmente pelas mãos inimigas. Perdendo a batalha de Cartago, Gordiano II foi assassinado, mas seu corpo nunca foi encontrado. Seu pai, ao saber da morte do filho, enforcou-se com uma correia. Após sua morte, ambos foram homenageados pelo senado.

#### Nota:

'Pontífice máximo' (em latim: 'pontifex maximus' significa literalmente, 'máximo' ou 'supremo construtor de pontes'), na Roma Antiga, designava o sacerdote supremo do colégio dos sacerdotes, a mais alta dignidade na religião romana. Inicialmente somente os patrícios (cidadãos da aristocracia romana, ou de linhagem hereditária nobre) podiam ocupar este oficio. Foi um posto religioso da República Romana até 254 AC, quando um plebeu foi designado monarca de Roma. Assim, de um posto religioso durante a República, ele foi gradualmente sendo politizado até ser incorporado pelo imperador, a partir de César Augusto. Graciano, imperador romano (375-383) parece ter sido o último imperador a usar este título. Literalmente, o termo 'pontifex' significa 'construtor de ponte' (pons + facere); 'maximus' significa: maior, máximo, supremo. Talvez, o título tenha sido inicialmente usado no seu sentido literal, ou seja, a posição do construtor de pontes era realmente importante em Roma, onde as pontes ao longo do sagrado rio Tibre eram adornadas com as estátuas de divindades e só as autoridades que detinham as funções sacras podiam passar por elas. No sentido simbólico, sempre ficou subentendido que os pontífices seriam os construtores da ponte entre os deuses e os homens.







Gordiano III Pupieno Balbino

3) César Marco Clódio **Pupieno** Máximo Augusto e César Décio Caelio Calvino **Balbino** Pio Augusto – r. 238 DC (96 dias).

Marco Clódio **Pupieno** Máximo (do nascimento à ascensão), ou César Marco Clódio Pupieno Máximo Augusto (como imperador), foi um imperador romano que faleceu 96–99 dias depois de ter subido ao poder, em 238. Foi aclamado imperador, juntamente com Balbino (Decio Caelio Calvino Balbino) pelo Senado de Roma, depois da morte de Gordiano I e de Gordiano II. O Senado reuniu-se em sessão fechada no Templo de Júpiter Capitolino e votou por dois membros da comissão para serem empossados como co-imperadores — Pupieno e Balbino. Os dois imperadores foram nomeados como pontífices máximos, sumos sacerdotes dos cultos oficiais.

Pupieno era de origens humildes, sem qualquer ligação patrícia à tradição romana. No entanto, teve muito sucesso na sua carreira de administração da província romana: foi procônsul na Germânia e na Ásia Menor e prefeito urbano, sendo considerados cargos administrativos de grande nomeação no Império Romano. Era um dos senadores mais antigos, rico e bem relacionado. Governou conjuntamente com Balbino (Décio Caelio Calvino Balbino Pio) durante muito pouco tempo (3 meses de reinado: abriljulho 238), na época em que se promoveu o ainda adolescente Gordiano III a César, e Maximino Trácio ou Maximino I foi assassinado.

Décio Caelio Calvino Balbino era um patrício desde o nascimento, e filho de Caelio Calvino, que foi comissário do Senado romano para supervisionar a administração da Capadócia em 184. Ele era um dos sacerdotes sálios de Marte. Sálios - chamados de 'sacerdotes que pulam' (do verbo salio, pular, saltar) - eram 12 rapazes patrícios vestidos com roupa de guerreiro e tiaras sacerdotais, que serviam o deus grego Marte, deus da guerra, e andavam por Roma carregando os escudos, dançando e cantando. Um dos 12 escudos, segundo a lenda, havia caído do céu, e onde ele fosse preservado, as pessoas seriam as dominantes da terra. Mais tarde em sua carreira, ele foi Cônsul. Enquanto Pupieno marchava para Ravena (província ao nordeste da Itália) para supervisionar a campanha contra Maximino Trácio, Balbino permaneceu em Roma, mas não conseguiu manter a ordem pública. Após o retorno vitorioso de Pupieno, Balbino suspeitou que seu colega quisesse suplantá-lo, e eles começaram a viver em diferentes partes do palácio imperial, onde mais tarde foram assassinados brutalmente pela Guarda Pretoriana, que se sentiu ofendida pelo Senado e desejou ter alguém no poder escolhido e controlado por ela. Balbino tinha 73 anos de idade quando morreu. Pupieno tinha por volta de 68-73 anos nesta época.

4) Marco Antônio Gordiano Pio ou Gordiano III – r. 238-244 DC (6 anos).

Nome antes da ascensão ao trono: Marco Antônio Gordiano Pio

Nome como imperador: César Marco Antônio Gordiano Pio Augusto

Pai biológico: o nome de seu pai é desconhecido; só se sabe que era um senador romano

Mãe: Antônia Gordiana, filha de Gordiano I e irmã de Gordiano II

Esposa: Furia Sabina Tranquilina

Filha: Furia

Morte: com 19 para 20 anos, durante a guerra contra o império sassânida

Gordiano III tornou-se César (= júnior) e, pouco depois, Augusto (= sênior) quando tinha ainda treze anos de idade, no ano de 238. Mesmo sendo jovem, no seu reinado o império conheceu certa estabilidade e um período de vitória, principalmente nos três primeiros anos (238-241), pois tanto o imperador quanto seus conselheiros continuaram a política Gordiano I. A partir daí houve uma mudança. Caio Fúrio Sabino Áquila

Timesiteu, administrador público romano e especialista em finanças, era também um militar bem sucedido e eficiente, sendo nomeado pelo imperador como prefeito pretoriano. Neste mesmo ano (241), Gordiano III se casou com Tranquilina, filha de Timesiteu. A única filha desta união tinha o nome de Furia. Ainda em 241 DC, Gordiano III e Timesiteu empreenderam uma campanha contra o exército Sassânida e venceram. Gordiano, apoiado em Timesiteu, reforçou as fronteiras africanas do império, recuperou a Síria, reconquistou Carras (atual Harã, ao sul da Turquia) e conseguiu mesmo reocupar toda a Mesopotâmia. Mas em 243 Timeseu contraiu malária e morreu pela doença. Então, apareceu um personagem ambicioso como Filipe, o árabe, para a vaga de prefeito da guarda pretoriana. Gordiano, fragilizado pela morte do seu sogro e aliado, não mais conheceu a tranqüilidade no seu governo. Gordiano III foi derrotado e morto na Batalha de Misiche contra o império sassânida (244 DC). Alguns citam Filipe, o árabe como seu assassino, mas nada foi provado quanto a isso. Gordiano III morreu com 20 anos de idade.

VIII) 'Imperadores soldados' – Quatro imperadores se seguiram até a Dinastia Valeriana, com Públio Licínio Valeriano (253-260) e a divisão do Império em três reinos: Roma, Gália e Palmira.



1) Marco Júlio Filipe (Marcus Iulius Philippus), conhecido como **Filipe, o Árabe** – r. 244-249 DC (5 anos).

Nome de nascimento: Marco Júlio Filipe

Nome como imperador: César Marco Júlio Filipe Augusto

Pai biológico: Júlio Marino Irmão: Caio Júlio Prisco

Esposa: Márcia Octacília Severa

Filhos: Marco Júlio Severo Filipe (Filipe II), Júlia Severa ou Severina e Quinto Filipe Severo (os dois últimos não confirmados pelos historiadores). Marco Júlio Severo Filipe (Filipe II) foi morto em Roma no governo de Décio.

Morte: com 45 anos, provavelmente em guerra nas províncias danubianas, sob o comando de Décio

Marco Júlio Filipe, conhecido como Filipe, o Árabe (devido à origem de sua família), recebeu o nome de imperador Caesar Marcus Iulius Philippus Augustus. Pouco é sabido sobre o modo de vida e a carreira de Filipe. Viveu em Shahba (atualmente, um local desconhecido), ao sul-sudeste de Damasco, na Síria. Era filho de Júlio Marino, um cidadão romano local, descendente de uma aristocrática família de origem árabe. Muitos historiadores acreditam que apesar da ascendência árabe, ganhou cidadania romana,

graças ao seu pai, um homem de influência considerável. A História diz que ele teve um irmão, Caio Júlio Prisco. Filipe casou-se com Márcia Octacília Severa e em 238 DC teve com ela um filho, Marco Júlio Severo Filipe, o futuro Filipe II. Outros filhos são mencionados: Júlia Severa ou Severina, e Quinto Filipe Severo, que os historiadores não confirmam. Firmou a paz com o exército persa, mas foi derrotado pelos exércitos das províncias danubianas, sob o comando de Décio, que o sucedeu.

2) César Caio Méssio Quinto Trajano **Décio** Augusto – r. 249-251 DC (2 anos).

Nome de nascimento: Caio Méssio Quinto Trajano Décio (Gaius Messius Quintus Trajanus Decius)

Nome como imperador: César Caio Méssio Quinto Trajano Décio Augusto (Caesar Gaius Messius Quintus Traianus Decius Augustus)

Esposa: Herênia Etruscila (Annia Cupressenia Herennia Etruscilla)

Filhos: Hostiliano e Herênio Etrusco, considerado seu herdeiro, mas que morreu em batalha em 251 DC

Morte: 50 anos de idade, na batalha contra os Godos.

Décio era um general muito tradicional e que acreditava nas tradições romanas. Filipe, o Árabe estava sempre ausente das batalhas e isso deixou os exércitos das fronteiras bastante insatisfeitos. Décio derrotou os exércitos de Filipe, o Árabe na batalha ao norte de Itália, perto de Verona. Seu filho, Marco Júlio Severo Filipe, o futuro Filipe II, foi morto em Roma. Décio observou o poder crescente dos cristãos, e determinou-se a reprimi-los; construiu templos pagãos, reforçou os cultos e sacrifícios do passado em todo o império. Vendo as igrejas cristãs cheias de discípulos e os templos pagãos esvaziados, empreendeu a oitava perseguição contra o Cristianismo. A crueldade empreendida nesta perseguição lhe deu um lugar comparável ao do imperador Nero. Casou-se com Herênia Etruscila, e teve dois filhos: Hostiliano e Herênio Etrusco. considerado seu herdeiro, mas que morreu na batalha de Abrito contra os Godos em 251 DC, na Mésia Inferior (atual Bulgária). Décio também morreu na batalha. Hostiliano, seu filho mais novo, morreu numa epidemia de peste no mesmo ano, o primeiro imperador em 40 anos a morrer de causas naturais. Décio foi o primeiro imperador a ser morto por um exército bárbaro. Seu sucessor foi Treboniano Galo, que governou junto com seu filho Volusiano.

**3)** Caio Víbio Afinio **Treboniano Galo** Augusto (Gaius Vibius Afinius Trebonianus Gallus Augustus) – r. 251-253 DC (2 anos).

Esposa: Afinia Gemina Bibiana (Afinia Gemina Baebiana)

Filhos: Volusiano (Gaius Vibius Volusianus) e Vibia Gala

Morte: 47 anos de idade, assassinado pelos seus próprios soldados.

Treboniano Galo governava a Mésia (Bulgária). Foi imperador romano em 251 após a morte de Décio pelos Godos. Governou junto com seu filho Volusiano, o qual foi enviado aos Godos pelo próprio pai, algumas vezes, com sucesso. Volusiano foi agraciado com o título de co-augusto, mas foi reconhecido pelas tropas apenas em 253, quando foi proclamado imperador por elas. Na mesma época, Volusiano precisou lutar contra o general rebelde Emiliano, que fora proclamado imperador pelas tropas do Danúbio. Ele e seu pai deixaram Roma e marcharam para o norte à frente do exército. Ao chegarem a Interâmna (um distrito da província de Terni, no centro da Itália), souberam que as tropas de Emiliano haviam invadido a Itália e aproximavam-se deles muito rapidamente. Por um momento, eles ficaram sem saber o que fazer diante de um exército mais numeroso e isso irritou as tropas e provocou uma revolta. Eles acabaram

sendo mortos pelos seus próprios soldados. Seu sucessor foi Emiliano (253). Naquele tempo de anarquia, os imperadores duravam quando muito dois ou três anos.

**4)** Marco Emílio **Emiliano** Augusto (Marcus Aemilius Aemilianus Augustus) – r. 253 DC (3 meses).

Nome de nascimento: Marco Emílio Emiliano (Marcus Aemilius Aemilianus)

Nome como imperador: César Marco Emílio Emiliano Augusto (Caesar Marcus Aemilius Aemilianus Augustus)

Esposa: Cornélia Supera (Gaia Cornelia Supera)

Filhos: não teve

Morte: 40 ou 46 anos, assassinado pelos seus próprios soldados

Emiliano foi imperador romano por um breve período em 253 DC. Emiliano nasceu na África e era governador da Mésia. Treboniano Galo havia prometido aos Godos pagar-lhes tributo, mas Emiliano se recusou a pagá-los. Derrotou seus inimigos e contra-atacou, atravessando o Danúbio e invadindo o território inimigo num ataque-surpresa. Esta vitória inesperada restaurou o ânimo e a confiança das tropas, desmoralizadas após desastres sucessivos, e por isso resolveram proclamar seu comandante como imperador. Emiliano invadiu a Itália a fim de combater Treboniano Galo, mas ele e seu filho Volusiano foram assassinados por seus próprios soldados, temerosos das forças adversárias, antes da batalha decisiva. Enquanto este fato ocorria na Itália, Valeriano, governador das províncias do Reno superior, partiu para lá com um poderoso exército a fim de prestar socorro a Treboniano, e com a notícia da morte deste, seus soldados o proclamaram imperador. Cientes da superioridade das forças de Valeriano, os soldados de Emiliano resolveram assassiná-lo, da mesma maneira que o ocorrido com seu antecessor.

A partir desta data começa o declínio do Império Romano, com a divisão do Império em três reinos: Roma, Gália e Palmira.

# IX) 'Imperadores soldados' – Dinastia Valeriana (253-260 DC):





Valeriano

Galiano

1) Públio Licínio **Valeriano** (Publius Licinius Valerianus) ou Valeriano I – r. 253-260 DC (7 anos) em co-regência com seu filho Galiano.

Nome de nascimento à ascensão ao trono: Publius Licinius Valerianus

Nome como imperador: César Públio Licínio Valeriano Augusto (Caesar Publius Licinius Valerianus Augustus)

Esposa: Inácia Mariniana (Egnatia Mariniana)

Filhos: Valeriano Menor e Galiano (Públio Licínio Inácio Galiano – Publius Licinius Egnatius Gallienus)

Morte: com 60 anos, num cativeiro vergonhoso entre os Partas (Na verdade, já era Império Sassânida – 224-651)

Seu título completo era: IMPERATOR · CAESAR · PVBLIVS · LICINIVS · VALERIANVS · PIVS · FELIX · INVICTVS · AVGVSTVS, 'Imperador César Públio Licínio Valeriano, Pio, Afortunado, Invicto, Augusto'.

Ao contrário de outros usurpadores durante a crise do terceiro século, Valeriano pertencia ao patriciado romano. Vamos nos lembrar que 'patrício' era o nome dado aos cidadãos da aristocracia romana, ou de linhagem hereditária nobre. Ele era de uma família senatorial tradicional e nobre. Participou do reinado de Gordiano I, Décio, Treboniano Galo e Emiliano, ocupando altos postos no governo. Valeriano dividiu a defesa militar do império com seu filho Galiano, assumindo o encargo do Oriente, enquanto seu filho de encarregava dos problemas no Oeste. Em 257, Valeriano recuperou Antioquia, e a Síria voltou a estar sob Império Romano. Em 259 os Godos assolaram a Ásia Menor e Valeriano foi para Edesa, mas a peste (varíola) irrompeu entre os soldados, matando muitos deles, e a cidade ficou sitiada pelos Persas. No início de 260 ele foi definitivamente derrotado pelos Sassânidas.



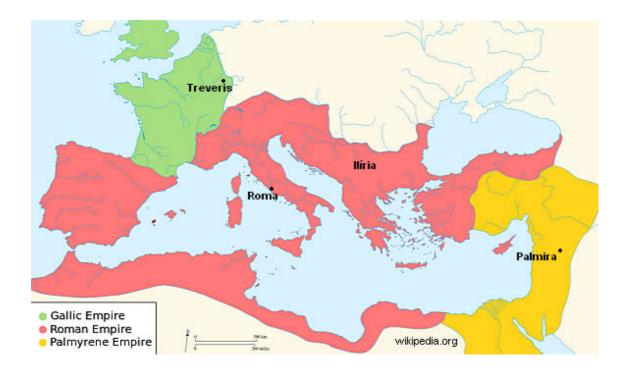
Guerreiros Sassânidas

Tentando negociar um acordo de paz Valeriano foi derrotado e capturado vivo pelo inimigo, Sapor I, o rei Sassânida, morrendo no cativeiro (260 DC). Enquanto lutava contra os Persas, Valeriano enviou duas cartas ao Senado ordenando medidas contra os cristãos. A 1ª em 257 ordenava ao clero que sacrificasse aos deuses romanos; caso contrário, seriam banidos (exilados). No ano seguinte, a 2ª carta ordenava que os líderes cristãos fossem executados, que senadores e cavaleiros romanos que fossem cristãos deveriam passar a adorar os deuses romanos ou perderiam seus títulos e propriedades e seriam executados; ordenou também que os funcionários públicos ou membros da

família imperial que não adorassem os deuses romanos fossem reduzidos à posição de escravos e enviados para trabalhar nas fazendas imperiais. Isso mostra que os cristãos prevaleciam em altos postos, e entre os que se recusaram a adorar os deuses romanos estava Cipriano, o bispo de Cartago, e Sisto II, o bispo de Roma, juntamente com seis diáconos. Quando seu filho Galiano subiu ao poder esta ordem foi revogada. O irmão mais velho de Galiano, Valeriano Menor, foi nomeado cônsul entre 253 e 264, mas morreu logo após a morte do irmão em 268, assassinado por seus inimigos, junto com seu sobrinho Mariniano (3º filho de Galiano).

No reinado de Valeriano, por volta de 258 DC, os conflitos e ataques começaram a surgir dentro do próprio império romano e ele se dividiu em três estados independentes competindo entre si, sendo o primeiro, o reino de Palmira. As províncias na Gália, Britânia e Hispânia também se separaram para formar o Império das Gálias no ano seguinte (259-260). Os três estados independentes eram: Gália, Palmira e o império Romano (que incluía a região Ilírica, e que veio a se separar mais tarde, por volta de 268).

O Império de Palmira ou Império Palmirense foi um território que se separou do Império Romano durante a crise do terceiro século (no reinado de Valeriano, em 258 DC). Ele abrangia as províncias da Síria Palestina (Israel e Síria), Líbano, Egito, grande parte da Ásia Menor e a região da Arábia Pétrea ou Arabia Petraea (correspondente ao antigo reino Nabateu, incluindo a península do Sinai e o noroeste da península Arábica, e cuja capital era Petra). Depois do assassinato do seu fundador, o governador da Síria, Sétimo Odenato, em 267, ele foi governado pela rainha Zenóbia, em nome do seu filho (Vabalato), aclamado rei, cônsul, imperador e duque dos romanos – 'rex consul imperator dux Romanorum' – e governador de todo o oriente. A capital deste fugaz império era a cidade de Palmira (uma cidade no centro da Síria, situada num oásis). O Império era reconhecido pela sua liberdade filosófica e religiosa, e Odenato procurou não se envolver no caos do Império Romano, por isso sua atitude separatista.



O Império das Gálias ou Império Gálico (Imperium Galliarum) é o nome moderno do território que também se separou do Império Romano entre os anos 260 e 274, durante a crise do terceiro século. No seu apogeu, ele os territórios da Germânia, Gália, Britânia e, por um tempo, Hispânia. Depois do assassinato de Póstumo (seu fundador) em 268, grande parte deste território se perdeu, mas o império continuou existindo, governado por diversos imperadores e alguns usurpadores. Toda a região foi finalmente reconquistada pelos romanos pelo imperador Aureliano depois da Batalha de Châlons em 274. Ilíria (268-282), em albanês, significa 'terra dos livres' e é a região mais a noroeste dos Bálcãs. Hoje em dia, abriga os seguintes países: Sérvia, Montenegro, norte da Albânia, Bósnia e Herzegovina e Croácia. Os ilírios eram um grupo de várias tribos diferentes que habitou o oeste dos Bálcãs (desde 1.000 AC) e partes do sul da Itália no início da Era Cristã.

2) Públio Licínio Inácio Galiano (Publius Licinius Egnatius Gallienus), conhecido simplesmente como Galiano – r. 253-260 DC (7 anos) em co-regência com o pai, Valeriano, e como único governante: 260-268 (total: 15 anos de reinado).

Nome como imperador: César Públio Licínio Inácio Galiano Augusto

Esposa: Cornélia Salonina

Filhos:

- Valeriano II (Públio Licínio Comélio Valeriano Publius Licinius Cornelius Valerianus) – viveu 17 anos
- Publius Licinius Cornelius Saloninus Valerianus (erroneamente traduzido em português como Júlio Licínio Cornélio Salonino Valeriano, ao invés de Públio), conhecido como Salonino viveu 17 anos
- Mariniano morreu em 268 junto com o tio Valeriano Menor, numa 'limpeza' dos partidários de Galiano por parte de seus inimigos.

Morte: assassinado em 268 DC (50 anos de idade), provavelmente por algum general de suas tropas.

Como único governante, Galiano começou a reinar em 260 sobre um império que atravessava grandes dificuldades. Ele já havia perdido muito dos seus domínios. Os imperadores do terceiro século foram incapazes de manter o controle sobre o império por alguns anos seguidos. Galiano, pelo menos, reinou por 15 anos no total, um tempo bem maior do que seus antecessores. Reinando junto com o pai, eles exerciam autoridade sobre um território menor, facilitando também uma maior flexibilidade na forma de governar. Galiano se fazia notado por Roma. Embora soubesse que o seu pai fora capturado vivo (o único imperador a sofrer este destino) e que se dizia que fora esfolado e transformado num banquinho para os pés, Galiano só tornou pública a morte de Valeriano um ano mais tarde. O povo acreditava que a sorte dele dependia da sorte do pai que, por sua vez, dependia de sua demonstração de devoção aos deuses e de conseguir seus favores. Sua vida e seu sucesso era um sinal do favor dos deuses.

Galiano venceu os povos da Alemanha Ocidental, os alamanos (significa 'Povo de todos os homens') e, mais tarde, os Godos (povos no norte da Noruega) e Sármatas (povos Iranianos) na Ilírica (uma província romana a leste do Mar Adriático e que hoje compreende a Sérvia, Montenegro, norte da Albânia, Itália, Eslovênia, Bósnia e Herzegovina, e Croácia, ou seja, a maior parte da região dos Balcãs).

Entretanto, não conseguiu manter sua autoridade na Gália, na Hispânia e na Britânia, em parte por causa do general gaulês Marco Cassiano Latínio Póstumo, que se aclamou imperador no Oeste da atual Alemanha (região de Colônia na época) e matou Salonino, o filho de Galiano. Públio Licínio Cornélio Salonino Valeriano, filho de Galiano e neto de Valeriano, reinou conjuntamente com o pai e o avô a partir de 253,

quando recebeu o título de César, com 10 anos de idade. Ele foi enviado para a Gália um tempo depois sob a proteção do prefeito pretoriano Silvestre (tradução em Português que foi feita para o nome Silvanus, em inglês). Em 260 ele recebeu o título de Augusto, mas não viveu muito tempo para usufruí-lo. O general Póstumo (que fundou o império das Gálias em 260) se desentendeu com Salonino sobre despojos de uma vitória militar contra os bárbaros invasores da Gália, sendo que os soldados do general atacaram o rapaz e seus companheiros e os massacraram. Salonino morreu com 17 anos de idade.

Da mesma forma que seu irmão mais novo, Salonino, Valeriano II (Públio Licínio Cornélio Valeriano – falecido em 257 ou 258, com mais ou menos 17 anos de idade) recebeu o título de César em 256. Isso fazia parte da política dinástica de Valeriano I. O jovem César representou a família real na Ilíria, enquanto o pai, Galiano, prestava atenção na Alemanha para lidar com incursões bárbaras na Gália, onde estava Salonino. Valeriano II (não tinha mais do que 15 anos na época) ficou sob a proteção de Ingênuo (Ingenuus), que exerceu um excelente comando como governador das províncias da região Ilíria, em especial a Panônia e Mésia. Entretanto, a mãe do garoto e esposa de Galiano (Cornélia Salonina) não ficou muito feliz com isso, pois suspeitava dos motivos de Ingênuo (Ingenuus) e pediu a um oficial de nome Valentino que ficasse de olho nele. Apesar deste cuidado, Valeriano II morreu no final de 257 e início de 258 em circunstâncias suficientemente suspeitas para Galiano rebaixar Ingênuo do seu posto. Essa atitude de Galiano provocou a tentativa de usurpação do império por parte daquele, que teve amplo apoio entre as guarnições da Ilíria e do estabelecimento provincial.

Mariniano, o terceiro filho de Galiano, morreu em 268 junto com o tio Valeriano Menor, numa 'limpeza' dos partidários de Galiano, por parte de seus inimigos.

No Oriente, Galiano derrotou usurpadores do trono: Macriano Maior (Fulvius Macrianus) e seus filhos, Macriano Menor e Quieto, ainda no ano de 262. O imperador de Palmira conteve os persas e tomou a mesopotâmia para o Império de Palmira. Esse foi o preço que Galiano teve que pagar: ceder mais um pedaço do seu território. Galiano era um aristocrata e intelectual, apaixonado pela cultura e filosofia grega e um grande guerreiro. Contribuiu para a recuperação do Império Romano através de reformas militares e políticas: após 260 DC não houve mais nenhum comandante de legião que fosse senador, assim ele abria caminho para a ascensão de uma série de militares de carreira de origem humilde. Também organizou um grande corpo de cavalaria para impedir a invasão da Itália por Póstumo, com aliados bárbaros como Cláudio II, Aureliano e Probo, usurpadores do trono. Seu local de residência variava entre Milão e Panônia (Um território onde estão hoje a Hungria, a porção oriental da Áustria, o norte da Croácia, o noroeste da Sérvia, a Eslovênia, a porção ocidental da Eslováquia e o norte da Bósnia e Herzegovina), por causa das suas atividades militares. Ele inaugurou uma capital imperial funcional, próxima ao front de batalha, pois a localização central de Roma o impedia de acompanhar de perto e diretamente as operações militares. Galiano morreu assassinado em 268 DC, provavelmente por algum general de suas tropas, e que teria interesse em ver Cláudio II (conhecido como, o Gótico) como seu sucessor. Mas não há provas concretas sobre isso. Ele foi, realmente, sucedido por Cláudio, o gótico.

X) 'Imperadores soldados' – Seqüência do declínio do Império Romano (até 284 DC):



1) Marco Aurélio Valério Cláudio Augusto ou Cláudio II, também conhecido como Cláudio, o Gótico – r. 268-270 DC (2 anos)

Nome até a ascensão: Marco Aurélio Valério Cláudio

Nome como imperador: Marco Aurélio Valério Cláudio Augusto

Título completo: Imperator Caesar Marcus Aurelius Valerius Claudius Pius Felix Invictus Augustus Pontifex Maximus Germanicus Maximus Gothicus Maximus (Imperador César Marco Aurélio Valério Cláudio Pio Afortunado Invicto Augusto, Pontífice Máximo, Germânico Máximo, Gótico Máximo).

Irmão: Marco Aurélio Cláudio Quintilo (Marcus Aurelius Claudius Quintillus)

Morte: morreu de peste (provavelmente varíola), aos 60 anos, numa província da Sérvia.



Região Ilírica – Nórica, Dalmácia, Panônia, Mésia, Dácia, e a Ilirica grega (Macedônia, Épiro, Trácia)

Marco Aurélio Valério Cláudio foi um general e imperador romano. Ele era um soldado de origem ilírica (uma província romana a leste do Mar Adriático e que hoje compreende a Sérvia, Montenegro, norte da Albânia, Itália, Eslovênia, Bósnia e Herzegovina, e Croácia, ou seja, a maior parte da região dos Balcãs). A província acabou sendo divida em duas outras: a Panônia ao norte (corresponde à Hungria, a porção oriental da Áustria, o norte da Croácia, o noroeste da Sérvia, a Eslovênia, a porção ocidental da Eslováquia e o norte da Bósnia e Herzegovina), e a Dalmácia, no sul.

Cláudio, o Gótico, foi tribuno militar no reinado do imperador Décio (249-251), depois alcançando o posto de comandante supremo das legiões estacionadas nos Balcãs sob Valeriano (253). Foi proclamado imperador pelo exército, sucedendo Galiano. Restaurou a unidade política, um acordo feito por ele com outros generais. Cláudio II teve uma campanha vitoriosa contra os Alamanos (Alemães). Apesar deste êxito, não conseguiu vencer os imperadores gauleses, Póstumo e Vitorino, nem estabelecer com eles qualquer acordo de paz. O império de Palmira no Oriente vinha ocupando territórios de províncias romanas. Nas fronteiras ao norte do Império, Cláudio concentrou suas forças derrotando os Godos. Isso lhe proporcionou o título de Gótico Máximo, batalha onde foi muito ajudado por seu comandante de cavalaria, o futuro imperador Aureliano.

Cláudio II construiu muralhas, incentivou o culto monoteísta ao deus Sol (Sol Invictus, o deus dos soldados) para opor-se ao Cristianismo, e procurou restaurar o prestigio da monarquia. No entanto, após suas vitórias militares, morreu de peste em 270 DC, numa província da Sérvia.

2) Marco Aurélio Cláudio **Quintilo** (Marcus Aurelius Claudius Quintillus) – r. 270 DC (alguns meses)

Nome até a ascensão: Marco Aurélio Cláudio Quintilo (Marcus Aurelius Claudius Quintillus)

Nome como imperador: Marco Aurélio Cláudio Quintilo Augusto (Marcus Aurelius Claudius Quintillus Augustus)

Irmão: Marco Aurélio Valério Cláudio Augusto ou Cláudio II, também conhecido como Cláudio, o Gótico

Filhos: dois meninos (não se conhece seus nomes)

Morte: de 58-69 anos, causa de origem obscura

Marco Aurélio Cláudio Quintilo nasceu na Panônia Inferior, numa família de classe baixa, e foi imperador romano durante o ano de 270 DC (umas fontes dizem que ele reinou por 17 dias; outras por 117 dias). Era irmão do imperador romano Cláudio II. Não se conhece nada a seu respeito. Surgiu no ano de 270, após a morte de Cláudio II devido a uma epidemia de peste, e foi nomeado imperador (uns dizem que pelos os soldados; outros dizem que foi pelo senado). De qualquer forma, foi aceito tanto pelo senado como pelas províncias que estavam sob o controle imperial. Provavelmente, ele foi procurador da Sardenha, durante o reinado de seu irmão. Quando ascendeu ao trono, dirigiu-se diretamente ao município de Aquiléia, na Itália, que utilizava como base para as suas forças defensivas do norte da península Itálica. Aureliano, antigo colaborador de Cláudio, também aspirava ao trono, e era comandante das tropas nas províncias balcânicas. Ali ele teve que enfrentar as repetidas invasões das tribos germânicas que tentavam cruzar o Danúbio. Devido a uma vitória importante, foi proclamado imperador pelas suas tropas de Panônia (Hungria, a porção oriental da Áustria, o norte da Croácia, o noroeste da Sérvia, a Eslovênia, a porção ocidental da Eslováquia e o norte da Bósnia e Herzegovina) e se pôs em marcha para destronar Quintilo. Dizem algumas fontes que

Quintilo, ao saber disso, se suicidou, cortando as veias. Outros livros históricos dizem que foi assassinado pelos seus próprios soldados por causa de sua disciplina militar rigorosa. Outros ainda, dizem que ele morreu na disputa com Aureliano pelo trono.

3) Lúcio Domício **Aureliano** Augusto (Lucius Domitius Aurelianus Augustus) – r. 270-275 DC (5 anos)

Nome até a ascensão: Lúcio Domício Aureliano (Lucius Domitius Aurelianus)

Nome como imperador: Lúcio Domício Aureliano Augusto (Lucius Domitius Aurelianus Augustus)

Esposa: Úlpia Severina

Filhos: uma filha

Morte: com 60-61 anos, por oficiais da Guarda Pretoriana

Lúcio Domício Aureliano nasceu de família humilde, de colonos romanos da Dácia, na região Ilírica. Pela origem da sua família, com tradição militar, Aureliano possivelmente se alistou com 20 anos de idade (235 DC) na cavalaria. Era um excelente soldado, conhecido como 'manum ad ferrum' ('mão na espada'). Ajudou muito o imperador Cláudio II em suas campanhas, foi comandante do exército de cavalaria de Galiano, e foi aclamado imperador pelas suas tropas. Venceu os bárbaros ao Norte da península Itálica e por essas vitórias ele recebeu o título de Germânico Máximo (Germanicus Maximus). Conseguiu recuperar Palmira (na Síria) em 271, conquistou os demais territórios sírios da Ásia Menor e o Egito. De 272 a 274 ele venceu as tribos góticas, reconquistou a Gália, venceu os Francos, os Alamanos (na Germânia) e os Godos (na Mésia Inferior), o que lhe fez jus ao título de 'restaurador' do Império (Restitutor Orbis).

Aureliano admitiu a desvalorização do dinheiro romano, cunhando novas moedas com 5% da quantidade de prata das antigas, e que foram chamadas de 'o novo denário de Aureliano'. Assim, ele multiplicou o número de oficinas de cunhagem nas províncias, facilitando o pagamento de soldos às tropas. Durante seu reinado, Aureliano tentou manter a fidelidade das legiões; esta moeda (o novo denário de Aureliano) celebrou a CONCORDIA MILITVM, 'harmonia dentre os militares'.

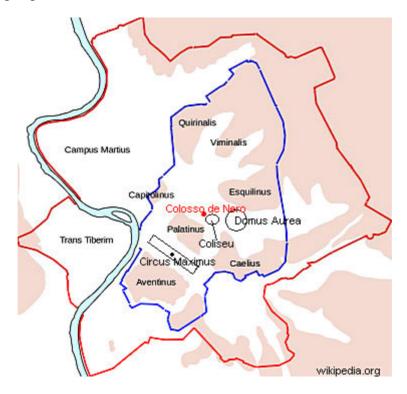


Denário de Aureliano

Logo depois, ele começou a fortificar Roma com novas muralhas. As Muralhas de Aureliano são uma linha de muralhas construídas entre 271 DC e 276 DC, em Roma, Itália, durante o reinado dos imperadores romanos Aureliano e Probo. Elas englobavam todas as sete colinas de Roma, além do Campo de Marte e a margem direita do rio Tibre, no bairro de Trastevere. As margens do rio dentro dos limites da cidade parecem ter sido deixadas sem fortificação; apenas, ao longo do Campo de Marte. O tamanho de toda área delimitada é de 14.000 quilômetros quadrados.

Aureliano mandou proclamar o deus Sol como o principal padroeiro do império e dedicou um novo templo a ele, construído em 274 DC no Campo de Marte (o nome de uma área pública da Roma antiga). Assim como muitos dos seus antecessores, Aureliano se fez divinizar em vida. Nesta época o culto do sol era particularmente forte em Roma. Durante reinado de Aurelieno também houve perseguições organizadas contra os cristãos.

Ele foi morto em 275 DC por oficiais de alta patente da Guarda Pretoriana devido a uma mentira por parte um de seus servos.



Mapa da Roma Antiga com a muralha de Aureliano em vermelho (em azul: Muralhas Sérvias; séc. IV AC)



Muralhas de Aureliano

### **CURIOSIDADES SOBRE AS SETE COLINAS DE ROMA:**

Roma foi fundada em 753 AC sobre o Monte Palatino, uma das Sete Colinas: Capitólio, Quirinal, Viminal, Esquilino, Célio, Aventino e Palatino que rodeavam a comunidade primitiva. Outras colinas de Roma são a Pinciana e Janículo (centro do culto ao deus Jano), não contadas entre as mais importantes.

# Capitólio ou Monte Capitolino (Capitolinus, Campidoglio)

É a colina mais baixa. Nos tempos antigos, no Capitólio foi erguido os templos de Júpiter, Juno e Minerva. Hoje, lá estão muitos palácios e museus.

No lado nordeste do monte Capitolino, perto do Fórum Romano, ficava a **Prisão Mamertina** (Latim: Carcere Mamertino) ou **Tuliano** (em latim: Tullianum). Esse nome pode ter uma forma latina arcaica, 'túlio' (tullius ou tullus; que significa: 'fonte ou jato de água', em referência à cisterna que havia na prisão). 'Mamertina' foi o nome medieval dado a uma prisão construída por volta de 640–616 AC, durante o período da monarquia romana. A prisão estava situada em frente à Cúria Hostília e aos fóruns de Nerva, Vespasiano e Augusto. Inicialmente, ela foi destinada apenas a prisioneiros de alto status, geralmente comandantes estrangeiros (como Vercingétorix, o chefe gaulês derrotado por Júlio César e que ficou ali por cinco anos até seu estrangulamento em 46 AC).

O local consiste em dois andares sobrepostos. O nível mais profundo, chamado 'Tullianum', é o mais antigo, semelhante a uma cisterna. O andar superior era chamado 'Carcer' e foi construído um século depois (no século VI AC), mas foi reformado várias vezes no período republicano e no início do império. Nessa época foi construída uma grande fachada para tornar o lugar bem visível aos olhos da cidade.

Apesar do que diz a tradição, não se sabe exatamente se o apóstolo Pedro foi aprisionado ali. Hoje, a igreja de San Giuseppe dei Falegnami (construída no século XVI) está acima da prisão Mamertina onde, segundo os relatos, Pedro converteu e batizou prisioneiros e seus carcereiros, Martiniano e Processus, que mais tarde também foram executados. Paulo aguardou seu julgamento por Nero numa casa ao sul do Campo de Marte (At 28: 30-31) e foi decapitado na via Laurentina, ao sul de Roma.

# Monte Quirinal (Quirinalis, Quirinale)

Atualmente, ali estão a residência oficial do presidente da República Italiana e o palácio do mesmo nome.

O Monte Quirinal, durante séculos, protegeu o sítio onde a cidade foi fundada. Antes de o Império Romano existir, um dos reis antigos da República Romana se estabeleceu ali, após conseguir a paz entre os romanos e os sabinos. Os sabinos ergueram naquele monte um templo ao deus mitológico Quirino (o deus que representava o Estado romano). Quirino também foi o outro nome dado ao deus Jano, deus romano das mudanças e das transições. A figura de Jano é associada a portas (entrada e saída), bem como a transições. A sua face dupla também simboliza o passado e o futuro. Jano é o deus dos inícios, das decisões e escolhas. O maior monumento em sua glória se encontra em Roma e tem o nome de Ianus Geminus (os gêmeos Jano). Por isso, o primeiro mês do ano tem o nome de janeiro, o que dá início ao ano. Neste monte havia os banhos de Constantino.

# Viminal (em latim: Collis Viminalis, em italiano: Viminale)

É a menor das famosas sete colinas de Roma. Ali se encontra hoje o Palácio do Viminal, sede do Ministério do Interior da Itália; atualmente o termo 'il Viminale' é

utilizado para se referir a este ministério (il Viminale = Ministério do Interior). A cúspide em forma de dedo aponta para o centro de Roma entre o Quirinal a noroeste e o Esquilino a sudeste. Ali também se encontra hoje o Teatro de Ópera e o Terminal da Estação Ferroviária.

Segundo a lenda, foi sobre o Palatino que Rômulo fundou a cidade. O nome deriva de Pales, o deus dos pastores. É nesta colina que se encontravam outrora os palácios de Augusto, Tibério e Domiciano, agora em ruínas. O termo palácio provém de Palatium. Nos tempos antigos, havia neste local o templo de Apolo Palatino, de Cibele e outros deuses pagãos, além do chamado Circo Máximo (em Latim: Circus Maximus; em Italiano: Circo Massimo). O Circus Maximus era um antigo estádio de corridas de biga e local de entretenimento dos cidadãos, situado no vale entre os montes Aventino e Palatino. Ele foi o primeiro e maior estádio da Roma antiga e do Império. Ele media 621 metros de comprimento e 118 metros de largura e podia acomodar mais de 150.000 espectadores. Ele se tornou o modelo para os circos em todo o Império Romano. O local é agora um parque público.

Na imagem abaixo: Palatino (Palatinus, Palatino) – Hoje, este é o local do Circus Maximus na Roma antiga, onde ocorriam as corridas de biga

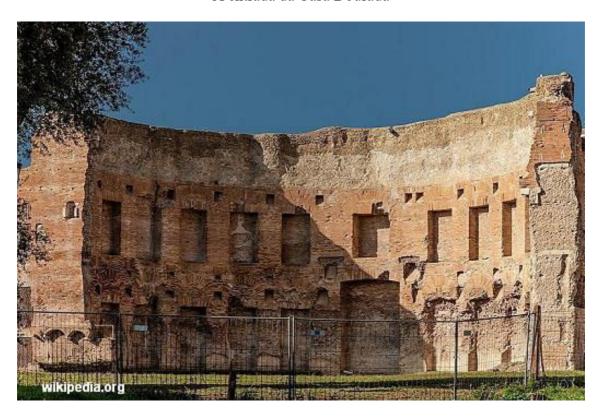


# **Monte Esquilino**

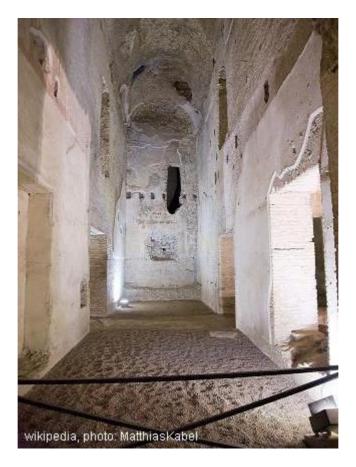
Compõe-se de três outros montes: Ópio (sul), Fagutal (oeste) e Císpio (norte). Não se sabe ao certo a origem do nome. Esquilino era um bairro residencial elegante. Mais ao sul, no local do Ópio, Nero construiu a sua extravagante Casa Dourada (construída após o incêndio de Roma) e, mais tarde, aí foram construídas as termas de Trajano. No mesmo local foi encontrada uma variedade de esculturas no estilo Vênus, dentre as quais se destaca a Vênus de Esquilino (a estátua da mulher sem os dois braços).



A entrada da Casa Dourada



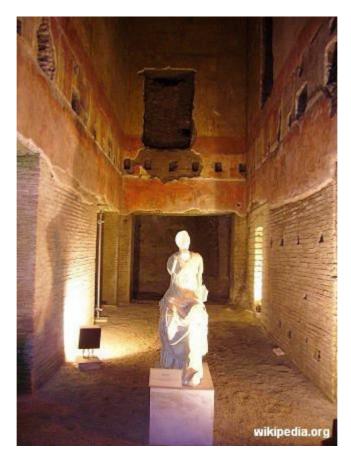
A Casa Dourada (Domus Aurea) se encontra no subsolo das ruínas das termas de Trajano (na imagem), que já abrigou duas bibliotecas: em grego e em latim.



Uma das divisões da Domus Áurea



Outra divisão da Casa Dourada



Uma musa em uma das salas da Domus Áurea



Sala della Sfinge na Domus Aurea (A sala da Esfinge) descoberta em 2019



Afresco de centauros na Sala da Esfinfe da Casa Dourada

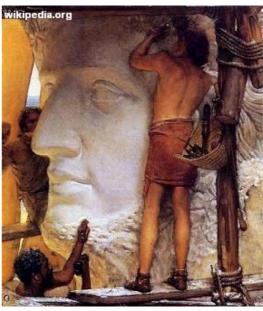
Numa área plana entre os montes Célio, Esquilino e Palatino, Nero construiu seu palácio, chamado de Casa Dourada (latim: 'Domus Aurea' – 64-68 DC), na verdade, uma 'villa' de festa, onde ele esbanjou a riqueza do Império Romano.

A Casa Dourada era coberta com folhas de ouro, tinha o teto abobadado com pedras semipreciosas e folheado de marfim, as paredes eram pintadas (mosaicos) com muitos desenhos, cada pintura com diferentes temas em cada um dos principais grupos de salas. A Casa Dourada cobria as encostas dos montes: Palatino, Esquilino e Célio, e tinha um grande lago artificial escavado nas terras pantanosas, com um tamanho estimado entre 100 e 300 acres (0,40-1,2 km²), onde galeras podiam navegar. Todo o complexo incluía campos, vinhas, prados para pastagem de ovelhas e carneiros e bosques para gamos e outros animais selvagens. Nero chegou a encomendar uma colossal estátua de bronze segundo sua própria imagem, entre 30,3 a 35,5 metros de altura, chamada 'o Colosso de Nero' e que foi colocada no pátio do palácio, na entrada, separando a cidade desta vila privada. Embora durante a sua vida Nero não tenha sido identificado como o deus-Sol (Hélio; Helios, em Grego), a estátua representava o imperador como este deus, vestido com as vestes do deus-sol romano Apolo. Conhecendo um pouco da personalidade de Nero, voltado à música e à arte, e necessitando da verdadeira consciência dos seus pecados e do equilíbrio e da razão, é mais provável que ele tivesse, sim, afinidade com o deus-Sol Apolo e até lhe prestasse culto, embora não tivesse tomado sua identidade publicamente.

Ainda é um pouco difícil correlacionar o deus grego Hélio com o deus-sol Apolo. Para os romanos, Apolo era identificado como o sol e a luz da verdade. Era ele que trazia aos homens a consciência dos seus pecados e ele mesmo os purificava. Ele era o patrono da religião e das construções das cidades, símbolo da inspiração profética e artística, sendo o patrono do Oráculo de Delfos, onde as pessoas traziam a ele as suas causas e o consultava através de profetizas que entravam em transe. Era também o líder das musas, ou seja, entidades capazes de inspirar a criação artística ou científica. Paradoxalmente, Apolo era o deus da morte súbita, das pragas e doenças, mas também o deus da cura e da proteção contra as forças malignas. Ele também era o deus da beleza, da perfeição, da harmonia, do equilíbrio e da razão; estava ligado à natureza, às ervas e

aos rebanhos, e era protetor dos pastores, marinheiros e arqueiros. Apolo era representado geralmente como um homem jovem, nu e sem barba, no auge do seu vigor, às vezes com um manto, um arco e uma aljava de flechas, ou uma lira, e com animais simbólicos: serpente, corvo ou o grifo (um animal lendário que tinha cabeça e asas de águia e corpo de leão).





Colosso de Nero / 'Escultores na Roma Antiga', por Lawrence Alma-Tadema (1877).

A figura mostra trabalhadores esculpindo o Colosso de Nero

Após a morte de Nero, a face da estátua foi modificada para se tornar numa verdadeira estátua ao deus-Sol, e seu nome foi trocado de 'Colosso de Nero' para 'Colosso do Sol' (em latim: Collossus Solis). No reinado de Adriano, a estátua foi removida com a ajuda de vinte elefantes, e colocada próxima ao Anfiteatro Flávio (hoje chamado de Coliseu), no centro de Roma.

# O Coliseu de Roma

O nome original do Coliseu de Roma era Anfiteatro Flávio ou Flaviano, e foi construído entre 70 e 90 DC, iniciado por Vespasiano (68-79 DC), e mais tarde inaugurado por Tito (79-81 DC), embora apenas tenha sido finalizado poucos anos depois. No Coliseu eram realizados diversos espetáculos, com os vários jogos como, por exemplo, os combates entre gladiadores (os combates eram chamados 'muneras'). A partir do século VIII, o anfiteatro Flávio começou a ser designado pelo nome de 'Coliseu', provavelmente devido à grande estátua de Nero, que se encontrava perto do edificio, conhecida popularmente como o Colosso de Nero. Outro tipo de espetáculo era a caça de animais ('venatio'), onde eram utilizados animais selvagens importados de África: leões, leopardos e panteras, rinocerontes, hipopótamos, elefantes, girafas, crocodilos e avestruzes, numa dramatização dos eventos mitológicos do passado. Embora o Coliseu seja relacionado na mente humana ao martírio dos cristãos, ele não era utilizado para martírios. Havia muitos 'coliseus' ou anfiteatros em Roma, onde isso acontecia, como por exemplo, o 'Circo de Nero' ou 'Circo de Calígula' no Campus

Vaticanus. O Circo de Nero é também conhecido como o Circus Vaticanus ou simplesmente o Vaticanum.



# Monte Célio (Latim: mons Caelius)

Origem do nome: desconhecida. Originalmente o nome deveria ser 'Querquetulanus mons' devido à riqueza de carvalhos no local. O carvalho, para os romanos, era a árvore sagrada do deus Júpiter. Neste monte estavam os banhos de Caracala.

#### **Monte Aventino**

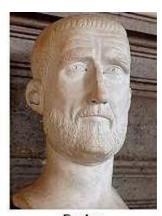
Atualmente é uma área residencial de Roma. Foi um local importante durante a 2ª guerra mundial, como refúgio de alguns políticos italianos. Segundo a mitologia, foi no monte Aventino que Hércules (o deus grego da força) matou Caco, filho de Vulcano, o deus do fogo. Neste monte havia templos consagrados a muitos deuses greco-romanos, entre eles, Diana (Ártemis).

### Colina do Vaticano

A colina do Vaticano (em latim: 'Mons Vaticanus') é o ponto mais elevado do território da Cidade do Vaticano, a oeste das tradicionais sete colinas de Roma, das quais não faz parte. Vaticano é o nome dado, muito antes do início da Cristandade, a um dos outeiros situados a oeste do rio Tibre. É possível que seja o sítio de um povoado etrusco (um povo que habitou na Península Itálica – 1200-700 AC) chamado Vaticum. A Colina do Vaticano é o local da Basílica de São Pedro e do Circo de Nero. Vaticanum ou Campus Vaticanus foi originalmente uma área de nível entre o Monte Vaticano e o rio Tibre. Durante a era republicana, era um local insalubre freqüentado pelos pobres. Calígula e Nero usaram a área para exercícios dos carros, e a sua renovação foi incentivada pela construção do Circo de Nero, também conhecido como o Circus Vaticanus ou simplesmente o Vaticanum. Algumas fontes antigas mencionam uma grande quantidade de túmulos no local. O Circo de Nero ou circo de Calígula foi o local dos primeiros martírios de cristãos, patrocinadas pelo Estado em 65. É tida como tradição de que o apóstolo Pedro foi crucificado lá dois anos depois, assim como muitos cristãos foram mortos naquele circo.







Tácito Floriano

Probo

**4)** César Marco Cláudio **Tácito** Augusto (Marcus Claudius Tacitus) – r. 275-276 DC (10 meses)

Nome até a ascensão: Marco Cláudio Tácito (Marcus Claudius Tacitus)

Nome como imperador: César Marco Cláudio Tácito Augusto

Meio-irmão: Marco Ânio Floriano, por parte de mãe

Morte: com 76 anos, por causa de febre; ou pela própria guarda pretoriana ou pelos próprios legionários que o aclamaram (não se sabe)

Marco Cláudio Tácito (Marcus Claudius Tacitus – 275-276 DC) nasceu na Itália e reinou na época dos imperadores ilíricos. Foi nomeado imperador pelo senado por exigência do exército, depois da morte de Aureliano e foi a última vez que o Senado elegeu um imperador. Entre a morte de Aureliano e o reinado de Tácito houve um período onde a esposa de Aureliano reinou (Úlpia Severina). Tácito era um senador de idade já avançada, cuja carreira anterior não é muito conhecida. Uma de suas medidas foi a nomeação do irmão, Marco Ânio Floriano, como prefeito do pretório. Guerreou contra os Hérulos e os Godos e os venceu; por isso, recebeu o título de Gótico Máximo (Gothicus Maximus). Segundo algumas fontes, ele morreu de febre, provavelmente durante o seu retorno de uma campanha contra os Francos e Alamanos que tentaram invadir a Gália. Outras fontes dizem que ele morreu assassinado pela Guarda Pretoriana ou pelos próprios legionários que o aclamaram, depois de nomear um de seus parentes para um cargo importante na Síria. Ficou apenas dez meses no governo.

**5)** César Marco Ânio **Floriano** Augusto (Caesar Marcus Annius Florianus Augustus) – r. 276 DC (88 dias)

Nome até a ascensão: Marco Ânio Floriano

Nome como imperador: César Marco Ânio Floriano Augusto (Caesar Marcus Annius Florianus Augustus)

Meio-irmão: Marco Cláudio Tácito, por parte de mãe

Morte: assassinado pelos seus próprios soldados

Floriano era meio-irmão, por parte materna, de Marco Cláudio Tácito, e foi nomeado prefeito pretoriano no exército de Tácito em sua campanha contra os godos. Ele foi escolhido pelo exército no Ocidente para suceder o irmão, sem o consenso do Senado. Estava lutando contra os Hérulos, quando o exército no Oriente aclamou Probo como imperador. Floriano tinha o apoio das províncias da Itália, Gália, Hispânia, Britânia, África Proconsular e Mauritânia. Floriano e Probo se encontraram na Cilícia. O exército de Floriano era em maior número, enquanto Probo, como um experimentado general, viu que o seu era menor e evitou um confronto direto. Depois, quando ficou

claro que Probo era superior, Floriano foi assassinado pelos seus próprios soldados, em setembro de 276, tendo sido imperador durante apenas 88 dias.

**6)** Marco Aurélio **Probo** – r. 276-282 DC (6 anos)

Nome até a ascensão: Marco Aurélio Probo (Marcus Aurelius Probus)

Nome como imperador: César Marco Aurélio Probo Augusto

Pai: Dalmácio

Morte: 50 anos, assassinado.

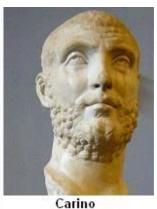
Marco Aurélio Probo nasceu na província da Sérvia e, como vários imperadores do século III, ele chegou ao poder através de uma notável carreira militar. Foi proclamado Augusto após a morte de Tácito (276 DC) e tornou-se imperador absoluto quando Floriano foi traído por suas tropas, alguns meses mais tarde. No seu reinado houve constantes agitações militares nas províncias, motivadas por invasores ou usurpadores, além de atritos com o Senado quanto às limitações do seu poder. Depois que conseguiu controlar as situações adversas no Oriente, Probo voltou sua atenção para o Ocidente.

Derrotou os Godos na Ilírica, os Alamanos, os Francos, os Ligianos (ou Lídios; uma grande confederação tribal na Europa Central - 100 AC-300 DC - cobrindo a maior parte do sul da moderna Polônia. Embora sofrendo influência Celta, os Ligianos foram considerados tribo Germânica até o final do século I), os Burgúndios e os Vândalos. Os vândalos eram uma tribo germânica oriental que invadiu o Império Romano durante o século V, criando um estado no norte da África ao ocupar a cidade de Cartago (atual Tunísia) que, por sua vez, era antiga cidade fenícia (Filisteus) ocupada pelos romanos desde o fim das Guerras Púnicas (foram guerras da época da República Romana, entre 264-146 AC). O adjetivo 'púnico' - em latim 'punici' - procede de 'Poenici', ou seja, de ascendência fenícia, foi dado pelos romanos aos cartagineses. No século III AC, Cartago dominava o comércio no Mediterrâneo, pois seus ricos comerciantes possuíam diversas colônias: Sardenha, Córsega e a oeste da Sicília (ilhas ricas na produção de cereais), no sul de península Ibérica (onde exploravam minérios como a prata) e em toda costa setentrional da África. Assim, a localização de Cartago era um ponto estratégico para os vândalos. Ali, eles centralizaram seu estado e, quando se sentiram estabelecidos e seguros, saquearam Roma em 455 DC, destruindo muitas obras primas de arte que se perderam para sempre.

Quanto à administração civil, Probo investiu especialmente no conserto e construção de canais de irrigação e em tentativas para estimular a produção de uvas. Segundo algumas fontes, ele foi morto por soldados descontentes que se rebelaram contra suas ordens a serem empregadas para fins civis, como drenagem de pântanos. Outras fontes contam que o prefeito da guarda pretoriana Marco Aurélio Caro foi relutantemente proclamado imperador pelo seu exército. Probo havia enviado tropas contra o novo usurpador, mas quando elas passaram a apoiar Caro, os remanescentes assassinaram Probo.







iio iidiiiciidi

7) Marco Aurélio Caro – r. 282-283 DC (1 ano)

Nome até a ascensão: Marco Numério Caro (Marcus Numerius Carus)

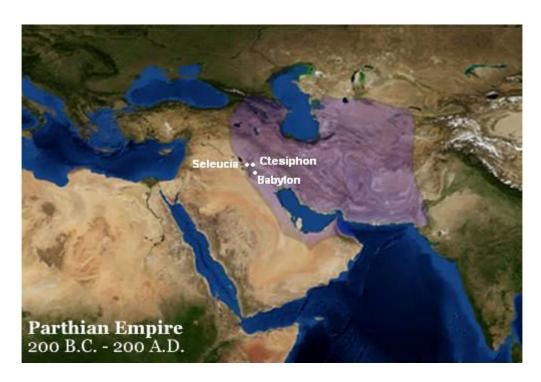
Nome como imperador: César Marco Aurélio Caro Augusto

Título: Pérsico Máximo (latim: Persicus Maximus; italiano: Persici Maximi), por vencer os Sassânidas, tomando Selêucia e a capital Sassânida, Ctesifonte

Filhos: Marco Aurélio Carino, Marco Aurélio Numeriano e Aurélia Paulina Morte: 61 anos, causas naturais (doença, ferimento de guerra, ou foi atingido por um raio).

Antes da sua nomeação, seu nome era Marco Numério Caro, nascido na Gália, mas educado em Roma. Foi senador e depois apontado como prefeito da guarda pretoriana pelo imperador Probo em 282. Foi acusado injustamente de ter participado do assassinato daquele, passando, assim, o título de César aos seus filhos, Carino e Numeriano. Combateu as tribos germânicas e os sármatas (membros de tribos iranianas). Ele deixou Carino encarregado da parte ocidental do império e levou Numeriano com ele em uma expedição contra os persas. Por vencer a guerra contra os sassânidas, recebeu o título de Pérsico Máximo (Persicus Maximus).

Logo após, atravessou a Trácia e a Ásia Menor, anexou a Mesopotâmia ao império romano; depois marchou contra a Selêucia e Ctesifonte, sua capital, levando seus soldados para além do rio Tigre. Selêucia era uma grande cidade mesopotâmica dos impérios Selêucida, Parta e Sassânida. Ela ficava na margem oeste do rio Tigre, oposta a Ctesifonte, dentro da Babilônia, atual Iraque. Ctesifonte (perto da moderna Al-Mada'in, Iraque) foi a capital dos impérios parta (247 AC-224 DC) e sassânida (224-651 DC). Foi uma das grandes cidades da antiga Mesopotâmia, nos seus últimos tempos. A cidade estava situada na margem oriental do Tigre, defronte do local onde esteve a antiga cidade grega de Selêucia, e a nordeste da antiga cidade da Babilônia. Hoje, as ruínas da cidade se encontram na província de Bagdá, no Iraque. Caro morreu logo em seguida, e sua morte foi anunciada depois de uma tempestade violenta. Sua morte foi atribuída à doença, aos efeitos de raios durante a tempestade ou a algum ferimento recebido na campanha contra os Persas. Seu filho Numeriano o sucedeu.



Ctesifonte



Ruínas da cidade, com o arco de Ctesifonte

**8)** Marco Aurélio Numério **Numeriano** – r. 282-283 (como César, em co-regência com seu pai); Julho 283-Novembro 284 DC junto com Carino (total de 2 anos)

Nome de nascimento até o título de César: Marco Aurélio Numério Numeriano (Marcus Aurelius Numerius Numerianus)

Nome como César: César Marco Aurélio Numério Numeriano (Caesar Marcus Aurelius Numerius Numerianus)

Nome como imperador: César Marco Aurélio Numério Numeriano Augusto (Caesar Marcus Aurelius Numerius Numerianus Augustus)

Título: Pérsico Máximo (latim: Persicus Maximus; italiano: Persici Maximi), por vencer os Sassânidas, tomando Selêucia e a capital Sassânida de Ctesifonte

Irmãos: Marco Aurélio Carino e Aurélia Paulina

Morte: assassinado.

Marco Aurélio Numério Numeriano foi nomeado César logo após seu irmão, mas foi ele e não Carino que acompanhou Caro na campanha contra os persas. Apesar da vitória alcançada, depois da morte de seu pai, resolveu dedicar-se mais à literatura do que ao governo. Numeriano não mais conseguiu manter sua autoridade no leste. Só conseguiu alcançar Emesa (Homs), na Síria, e em novembro de 284, apenas a Ásia Menor. Foi assassinado pelo prefeito do pretório, Arrius Aper (provavelmente seu sogro), na Ásia Menor. Diz-se que Numeriano sofria de problemas na vista por causa das longas noites sem dormir. Sua morte ficou escondida dos soldados por muito tempo, mas quando o cadáver já estava em putrefação, o exército passou a coroa para Diócles, oficial do estado-maior, porque não gostariam de ver Carino como imperador. Diócles assassinou Arrius Aper pessoalmente, e que entrou para a História como Diocleciano.

9) Marco Aurélio Carino – r. 282-283 (como César, em co-regência com seu pai Caro); 283-284 DC junto com Numeriano; 284-285 em competição com Diocleciano (total de 3 anos)

Nome de nascimento até o título de César: Marco Aurélio Carino (Marcus Aurelius Carinus)

Nome como César: César Marco Aurélio Carino (Caesar Marcus Aurelius Carinus) Nome como imperador: César Marco Aurélio Carino Augusto (Caesar Marcus Aurelius Carinus Augustus)

Irmãos: Marco Aurélio Numério Numeriano e Aurélia Paulina

Morte: assassinado.

Carino (Marcus Aurelius Carinus – 283-285 DC) era o filho mais velho de Caro, que quando assumiu o império, elevou tanto Carino como seu irmão mais novo Numeriano à posição de Césares. Depois da morte de Caro, Carino ficou encarregado da parte ocidental do império e Numeriano, da parte oriental. Ele lutou com sucesso contra as tribos germânicas, mas logo deixou a defesa do Alto Reno aos seus subordinados e voltou para Roma. Certos relatos afirmam que ali ele se entregou a todos os tipos de devassidão e excesso. Quando Carino soube da morte de seu irmão Numeriano em Calcedônia, ele deixou Roma imediatamente e partiu para o oriente para se encontrar com Diocleciano, que já havia se proclamado imperador. Em seu caminho através de Panônia ele derrotou o usurpador Sabinus Iulianus e em julho de 285, ele encontrou o exército de Diocleciano na batalha do rio Margus na Mésia. Ninguém sabe bem o que aconteceu depois disso, apenas que Carino foi morto, provavelmente por Diocleciano.

# Imperadores Romanos 3

O ano de 284, com a ascensão do imperador Diocleciano (284–305 DC) e a Tetrarquia, marcou o fim da crise do terceiro século, e iniciou o regime de governo chamado **Dominato**, uma monarquia despótica e militar no estilo grego. O Dominato é o período do Império Romano de 285 DC (iniciado por Diocleciano) a 565 DC (com a morte de Justiniano). Mas as reformas que ele realizou e os imperadores que se seguiram foram, por assim dizer, apenas um período de transição para o começo de uma nova era para a humanidade conhecido como Idade Média.

Na periodização das épocas históricas da humanidade, Idade Antiga ou Antiguidade é o período que se estende desde a invenção da escrita (4000-3500 AC) até a queda do Império Romano do Ocidente (476 DC). A Antiguidade clássica (também chamada de era clássica, período clássico ou idade clássica; do século VIII AC ao século V DC) é centrada nas civilizações do mar Mediterrâneo, tais como a Grécia antiga e a Roma antiga, ou seja, o mundo greco-romano.

A Idade Média (ou medieval) é um período da história da Europa entre os séculos V e XV. Inicia-se com a Queda do Império Romano do Ocidente (476 DC) e termina com a queda de Constantinopla (1453 DC = o fim do Império Romano do Oriente) e o período após o descobrimento da América em 1492 por Cristóvão Colombo; para fins práticos: 476-1499 DC. A Idade Média pode ser dividida em dois períodos menores: Alta Idade Média (476-999 DC) e Baixa Idade Média (1000-1499 DC). O período medieval é um evento estritamente europeu.

A partir daí começa a Idade Moderna. A Idade Contemporânea é o período atual da história ocidental que teve início com a Revolução Francesa (1789) e a ascensão de Napoleão Bonaparte.

### Idade das trevas

A idade das trevas é uma periodização histórica que enfatiza a deterioração demográfica, cultural e econômica que ocorreu na Europa em conseqüência do declínio do Império Romano do Ocidente (476). O termo 'trevas' é usado porque neste período da História houve uma escassez de registros históricos e outros escritos, pelo menos para algumas áreas da Europa, tornando-o, assim, obscuro para os historiadores. O termo 'Era das Trevas' deriva do Latim 'saeculum obscurum' e foi aplicado por Caesar Baronius (Cesare Baronio, v. 1538-1607, cardeal, historiador e orador da Igreja Católica) em 1602 para essa época tumultuada entre os séculos V e IX (Alta Idade Média).

Na época de Diocleciano já se iniciou a divisão do Império Romano: Império Romano do Oriente e Império Romano do Ocidente. Com o término da Tetrarquia de Diocleciano, Constantino I passou a ser o único imperador.

Neste capítulo você vai estudar sobre a tetrarquia de Diocleciano (284-311 DC):

Diocleciano, Maximiano, Constâncio Cloro, Galério

Outros imperadores da tetrarquia (305-324 DC):

Flávio Severo, Magêncio ou Maxêncio, Maximino Daia ou Maximino II, Licínio

X) A tetrarquia de Diocleciano (284-311 DC): Diocleciano (285-305), Maximiano (285-305), Constâncio Cloro (305-306), Galério (305-311).









Diocleciano

Maximian

Constâncio Cloro

Galério

No período de 284–285 DC Diocleciano governou sozinho. Em 285 DC, para fins administrativos, Diocleciano dividiu o império romano em duas partes: leste e oeste, entre ele (Caio Aurélio Valério Diocleciano) – que ficou com o Oriente – e Maximiano (Marco Aurélio Valério Maximiano Hercúleo Augusto), que ficou com o Ocidente. Neste período, houve um evento conhecido como 'a Grande Perseguição aos Cristãos'. Diocleciano abdicou em 305 DC e forçou Maximiano a abdicar também.

1) Caio Aurélio Valério **Diocleciano** Augusto (Caesar Gaius Aurelius Valerius Diocletianus Augustus) – r. 284-285 – governou sozinho; 285-305 DC, como imperador do Oriente (total 21 anos).

Nome de nascimento: Caio Aurélio Valério Diocleciano (Gaius Aurelius Valerius Diocletianus)

Nome como Imperador: César Caio Aurélio Valério Diocleciano Augusto (Caesar Gaius Aurelius Valerius Diocletianus Augustus)

Esposa: Prisca, uma cristã

Filhos: Galéria Valéria, uma cristã. Valéria se casou posteriormente com o imperador Galério (Gaius Galerius Valerius Maximianus)

Morte: 66 anos de idade, provavelmente por suicídio.

Diocleciano era nascido na Dalmácia (atual Croácia). Com sua ascensão ao poder, Diocleciano pôs um fim à Crise do terceiro século. Em 285 DC escolheu outro militar, Maximiano (Marco Aurélio Valério Maximiano Hercúleo Augusto) para o cargo de Augusto, como co-imperador. E em 293 DC Diocleciano indicou Galério Maximiano (Gaius Galerius Valerius Maximianus) como seu sucessor, enquanto Maximiano, por sua vez, indicou Caio Flávio Valério Constâncio (Gaius Flavius Valerius Constantius) ou Constâncio Cloro ou Constâncio I. Estes últimos eram co-imperadores de menor estatura e tomaram o título de César, ao invés de Augusto, que pertencia a Diocleciano e Maximiano. Os césares eram co-imperadores de menor estatura, geralmente chefes militares que governavam e protegiam o império, adotados como filhos pelos augustos. Eles os sucederiam em caso de morte ou velhice, ou decorridos vinte anos de seus governos. Os césares também possuíam uma capital, exército e administração próprios. A essa organização dá-se o nome de tetrarquia, pois há dois augustos e dois césares. Assim, cada imperador governava um quarto do Império, embora fosse um governo conjunto.

Diocleciano trocou Roma como sua capital pela cidade grega de Nicomédia na Ásia Menor (atual İzmit, na Turquia), onde havia sido aclamado imperador. Dali ele exerceria seu governo.

Maximiano escolheu para sua residência a cidade de Mediolano (atual Milão), mais próxima da fronteira do Danúbio.

Quanto aos Césares, Constâncio Cloro mantinha sua residência imperial em Augusta dos Tréveros (Augusta Treverorum), também chamada Trier (em alemão, atual Tréveris, na fronteira do rio Reno), e Galério, na Dácia, na cidade de Sirmio (atual Sremska Mitrovica, na província Sérvia da Voivodina).

Diocleciano defendeu as fronteiras do Império contra os sármatas (povos iranianos) e tribos do Danúbio (285-290 DC), os alamanos (Alemanha – 288 DC) e usurpadores no Egito (297-298 DC). Com os Sassânidas, o tradicional inimigo do Império no Oriente, conduziu negociações em 299 DC obtendo uma paz duradoura e favorável aos romanos. Diocleciano fundou vários centros administrativos mais próximos às fronteiras.

Houve necessidade de uma reforma tributária no seu governo devido aos gastos causados por constantes campanhas militares e muitos projetos de construção e reconstrução: as Termas de Diocleciano ('os banhos de Diocleciano') para comemorar 20 anos de reinado, a remodelação da Cúria Júlia ('Curia Iulia' é um antigo edificio onde eram realizadas assembléias do senado da Roma Antiga, construído em 44 AC por Júlio César) e do Fórum de César (construído em 54-46 AC por Júlio César; ele era formado por uma praça retangular alongada, onde havia uma estátua eqüestre de Júlio César, pórticos nos três lados, e ao fundo, o templo de Vênus Genetrix, deusa da maternidade), a construção ou reconstrução de um arco do triunfo (o Arco triunfal da tetrarquia) fazendo a ligação entre a Cúria e o Fórum, sendo que o arco foi decorado com partes reutilizadas de monumentos a Trajano e Marco Aurélio. Diocleciano criou o argento de prata, substituindo o antoniniano de Caracalla, que por sua vez tinha substituído o denário de prata. Diocleciano também criou o fólis, uma moeda de bronze com uma leve cobertura de prata.

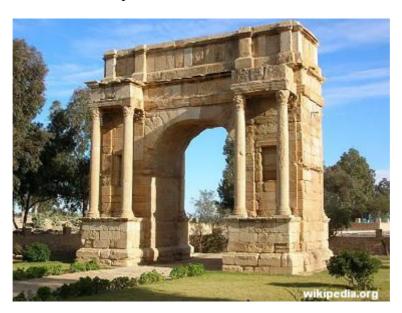




Curia Iulia e o Tempo de Vênus Genetrix, deusa da maternidade, no Fórum de César



Visão panorâmica do Fórum de César



O Arco Triunfal da Tetrarquia

O senado, apesar de ser ainda considerado pelo povo, passou a ser um simples conselho municipal da cidade de Roma. Diocleciano se denominou um autocrata tomando para si o poder em todos os níveis do estado, firmando-se, assim, como único governante. Dessa forma, os impostos foram controlados por ele cada vez mais, diminuindo também a liberdade dos cidadãos, que passaram apenas a servir ao estado e a um déspota. Separou os cargos públicos civis dos cargos militares, e a Itália passou a ser dividida em províncias que também lhe pagavam impostos (como todas as outras províncias do Império). A única exceção era a cidade de Roma. O problema da desvalorização da moeda romana continuou, pois sua política tributária falhou.

A perseguição de Diocleciano ou 'Grande Perseguição' foi a última e talvez a mais sangrenta perseguição aos cristãos no Império Romano, também conhecida como 'a era dos mártires'. Em 303 DC, Diocleciano e seus colegas Maximiano, Galério e Constâncio Cloro emitiram uma série de éditos exigindo que os cristãos cumprissem as práticas religiosas tradicionais do Império Romano, ou seja, a realização de sacrifícios

às suas divindades. O primeiro édito imperial de 303 DC ordenava a destruição geral de igrejas, objetos de culto cristãos, e a destituição de funcionários que fossem adeptos da 'nova religião'; um segundo édito ordenou a prisão geral do clero. Um terceiro previa a libertação dos cristãos em caso de apostasia, e o quarto e último, de 304 DC, ordenava toda a população do império a sacrificar aos deuses sob pena de morte ou trabalhos forçados em minas. Sua mulher e filha sofreram com a perseguição aos cristãos, mas só foram mortas no governo de Licínio. Ambas foram canonizadas como santas cristãs.

Apesar dessa perseguição a comunidade cristã se fortaleceu, tornando-se a religião aceita pelo Império após 313 DC, com o Edito de Tolerância de Milão. Segundo informações históricas essas perseguições começaram a diminuir quando Galério, o principal instigador delas, ficou enfermo em 311 DC e emitiu um decreto, junto com seu César Licínio, desfazendo a discriminação contra os cristãos e pedindo orações a eles pelo seu restabelecimento. Cinco dias depois de assinar o édito, ele morreu. **O** Édito de tolerância de Galério abriu caminho para o Édito de Milão de 313 (editado por Licínio e Constantino I), decretando não apenas a tolerância ao Cristianismo como também o reconheceria como uma das religiões oficiais e, finalmente, a única do Império (através do Édito de Tessalônica em 380 DC por Teodósio I, o Cristianismo foi decretado como a única religião do império romano, excluindo-se todos os outros deuses).

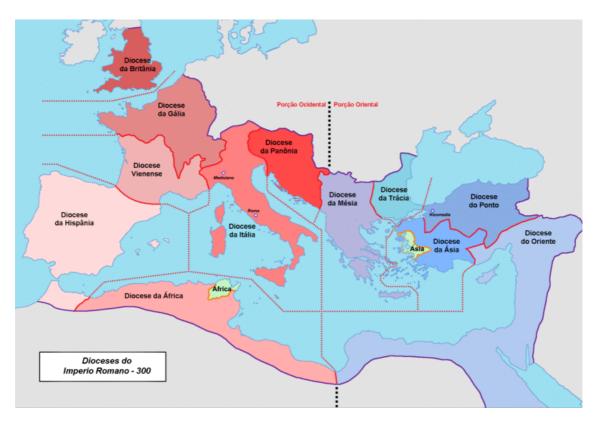
Podemos resumir o governo de Diocleciano da seguinte forma: apesar de ser chamada uma tetrarquia, Diocleciano instituiu o **Dominato\***, i.e., uma monarquia despótica e militar no estilo grego. O príncipe, sob essa visão oriental, convertia-se em senhor ('dominus' para os romanos), ou seja, amo ou governante absoluto à frente de uma grande burocracia. O imperador tornava-se 'senhor e deus', usava coroas, púrpuras e outros ornamentos imperiais, e todos que eram admitidos em sua presença eram obrigados a ajoelhar-se e beijar a ponta do manto real. Isso extinguiu o governo civil, e o senado ficou sujeito a uma nobreza burocrática. O Dominato é o período do Império Romano de 285 DC (iniciado por Diocleciano) a 565 DC, com a morte de Justiniano. Extinguiu-se, com isso, o principado romano. Os civis haviam sido derrotados pelos militares.

#### \* Dominato x Principado:

O Principado é o primeiro período do Império Romano desde 27 AC quando o senado investiu Otaviano – o futuro Augusto – com poder supremo sob a denominação de príncipe (princeps) [em latim, 'o primeiro', 'o que principia algo', 'chefe'], e se estende até 285 DC, quando se iniciou o dominato por Diocleciano. O Principado foi uma tentativa dos imperadores de manter uma ilusão de República. O nome dava uma idéia de que os imperadores eram simplesmente 'os primeiros entre os cidadãos', 'o primeiro entre iguais'. De qualquer forma, era um absolutismo esclarecido, e os imperadores tendiam a não ostentar o seu poder, geralmente respeitando os direitos dos cidadãos. A partir de Diocleciano iniciou-se o Dominato, que era uma monarquia despótica e militar no estilo grego. Começou em 285 e terminou com a queda do Império romano do Ocidente em 476 DC, ou no reinado de Justiniano I (527-565). Durante esse período, a verdadeira natureza do regime era escondida atrás de conceitos republicanos, e os imperadores eram muitas vezes relutantes por falsa modéstia em se assumir como um ditador. Na metade oriental do Império, e especialmente a partir da época de Justiniano I, o sistema do Dominato evoluiu para o absolutismo autocrático. O termo 'dominato' é originado do latim, 'dominus', que significa, 'amo ou senhor'. Diocleciano deixou os títulos anteriores de 'Imperador César' pelos os novos de 'Dominus Noster', senhor nosso. O estilo de governo em que o imperador procurava se

mostrar como um modelo de comportamento aristocrático correto (como César Augusto) deu lugar a um estilo em que o imperador era visto como sendo distinto de todos os outros mortais. Até sua moradia tinha que ser diferente.

Diocleciano impôs o uso do latim como língua administrativa nas províncias de língua grega do Oriente. Prestigiou as leis romanas. Dividiu o império em 101 províncias, agrupadas em doze dioceses reunidas em quatro prefeituras.





Localização do complexo histórico de Split com o palácio de Diocleciano na Croácia.

Em 305 DC, enfraquecido por causa de doença, Diocleciano abdicou de seu cargo. Ele se retirou para um palácio que mandou construir para sua fase de aposentadoria, localizado em Split, na Dalmácia, atual Croácia, na costa oriental do mar Adriático. Ele morreu com 66 anos (não se sabe se ele cometeu suicídio). Após sua abdicação, Maximiano também abdicou e o império passou a Constâncio Cloro e Galério como augustos.



Esta é uma reconstrução do **Palácio de Diocleciano** em sua aparência original após a conclusão, em 305. O modelo é uma obra de Ernest Hébrard (1877-1933), um arquiteto francês, arqueólogo e urbanista (fonte: wikipedia.org)

O Palácio de Diocleciano é hoje o núcleo da cidade de Split. Hoje, todo o complexo engloba cerca de metade do centro da cidade antiga e da cidade atual de Split, na Croácia. Embora, se refiram ao edificio como um palácio por causa da intenção de Diocleciano de usá-lo como sua residência durante o seu período de aposentadoria, pode-se ver que a estrutura é enorme, e mais se assemelha a uma fortaleza. Metade dela era para uso pessoal do imperador, e o resto abrigava uma guarnição militar.

2) Marco Aurélio Valério **Maximiano** Hercúleo Augusto (Caesar Marcus Aurelius Valerius Maximianus Herculius Augustus) – r. 285-305 e 306-307 DC, como imperador do Ocidente (total 21 anos)

Nome de nascimento: Marco Aurélio Valério Maximiano (Marcus Aurelius Valerius Maximianus)

Nome como César sob Diocleciano (285-286): César Marco Aurélio Valério Maximiano (Caesar Marcus Aurelius Valerius Maximian)

Nome como Imperador (como Augusto do Ocidente, com Diocleciano como Augusto do Oriente): Marco Aurélio Valério Maximiano Hercúleo Augusto (Marcus Aurelius Valerius Maximianus Herculius Augustus – 286-305)

Esposa: Eutrópia, da Síria

Filhos:

• Magêncio e Fausta. Magêncio foi imperador entre 306 e 312. Fausta se casou com Constantino I e teve seis filhos com ele, incluindo os Augustos Constantino II, Constâncio II e Constante. Fausta foi assassinada por Constantino I, por suspeita de adultério com um filho (Crispo) de sua primeira esposa.

• Flávia Maximiana Teodora. Ela que casou com Constâncio Cloro, e era filha de Eutrópia e Afrânio Hanibaliano (senador e cônsul romano), portanto, enteada de Maximiano.

Morte: 60 anos (310 DC); ele se enforcou, sob pressão do seu genro Constantino I (casado com Fausta, filha de Maximiano).

A relação entre Diocleciano e Maximiano foi rapidamente expressa em termos religiosos. Por volta de 287, Diocleciano assumiu o título de Júpiter [também Jove (do latim: Iuppiter, Iovis)] e Maximiano assumiu o título de Herculius (Hercúleo).

Hércules é o nome romano para o herói divino grego Héracles, que era o filho de Zeus (equivalente romano Júpiter) e a mortal Alcmene. Na mitologia clássica, Hércules é famoso por sua força. Ele se fazia representar com a clava, o arco, flechas e uma pele de leão. Héracles, o deus grego, era reconhecido pela clava e pela pele de leão (pelo fato de ter derrotado o leão de Neméia, um local desconhecido; provavelmente, fruto da imaginação humana). A clava se devia à sua força nas batalhas corpo a corpo.

# Jove ou Júpiter:

Consorte-Juno

Pai – Saturno

Símbolo – relâmpago (um raio) e águia (por isso, nós podemos ver a águia nos escudos e nos estandartes romanos, segurando um raio com as suas garras)

Irmãos – Plutão e Netuno

Filhos – Marte, Vulcano, Minerva, Hércules (Heracles para os gregos)

Equivalente grego – Zeus

Júpiter, também Jove (do latim: Iuppiter, Iovis), é o deus do céu e do trovão e do rei dos deuses na religião romana e mitologia. Júpiter era a principal divindade da religião Romana do Estado em todas as eras: republicana e imperial, até que o Cristianismo se tornou a religião dominante do Império. Pensa-se que Júpiter surgiu como um deus do céu. Seu símbolo é o raio e seu primeiro animal sagrado é a águia, que manteve sua posição sobre outras aves na tomada de auspícios e tornou-se um dos símbolos mais comuns do exército romano. Abaixo, a estátua de Júpiter – dê uma olhada na águia.



Vamos ver uma coisa interessante sobre o exército romano e a águia nos estandartes e nos escudos, e depois, as divisões do exército romano. Uma águia (aquila) era um símbolo de destaque usado na Roma antiga, especialmente como o estandarte de uma legião romana. Signífero era um porta-estandarte (corresponde ao posto de alferes; uma patente de oficial abaixo de tenente; no Brasil, a designação foi substituída pela de segundo-tenente). Um legionário conhecido como um aquilífero, ou portador da águia, carregava este estandarte. Um aquilífero era um signífero mais antigo que carregava o estandarte de águia de uma legião romana. Cada legião carregava uma águia. A águia era extremamente importante para o soldado romano, além de simplesmente ser um símbolo de uma legião. Um estandarte perdido era considerado como um acontecimento extremamente grave, e os soldados Romanos muitas vezes caminhavam grandes distâncias para proteger um estandarte ou para recuperá-lo se tivesse sido perdido. Uma série de outras águias romanas já foram descobertas por arqueólogos, quer simbolizando o domínio imperial ou usadas como emblemas de funeral. Os dois emblemas (a águia e o raio) eram vistos também nas moedas. Junto com Juno e Minerva (A Tríade Capitolina), Júpiter ele era o guardião central do estado. Sua árvore sagrada era o carvalho. Júpiter era o irmão de Netuno e Plutão. Cada um deles presidia sobre um dos três reinos do universo: o céu (Júpiter), as águas (Netuno), e o submundo (Plutão).

Um centurião era um soldado romano que comandava oitenta a cem soldados do exército, as centúrias. Elas se juntavam em grupos de três a dez (numeradas de I a X) formando as coortes (300 a 1000 soldados). Cada coorte tinha como o seu próprio estandarte a serpente ou dragão, que eram tecidos em um pedaço quadrado de pano (textilis anguis), hasteados em um bastão dourado, em que uma barra transversal foi adaptada para este propósito, e transportado pelo 'draconarius' (draconário). As coortes se juntavam e formavam as legiões. A legião romana era a divisão fundamental do exército romano. As legiões variavam entre 1.000 e 8.000 homens. Durante as suas campanhas na Gália, as legiões de Júlio César eram compostas por não mais de 3.000 soldados.





As asas de águia nos escudos e o aquilífero



Draconário

Maximiano escolheu para sua residência a cidade de Mediolano (atual Milão), mais próxima da fronteira do Danúbio. Diocleciano fez sua capital na cidade grega de Nicomédia na Ásia Menor (atual İzmit, na Turquia). Quanto aos césares, Constâncio Cloro mantinha sua residência imperial em Augusta dos Tréveros (Augusta Treverorum), também chamada Trier (em alemão, atual Tréveris, na fronteira do rio Reno), e Galério, na Dácia, na cidade de Sirmio (atual Sremska Mitrovica, na província Sérvia da Voivodina). A maior parte da sua vida, Maximiano passou em campanhas militares: Gália (285 DC), Tribos Germânicas (285-288) e os alamanos (junto com Diocleciano) em 288. Em 286 DC, com a revolta de um dos seus homens que havia sido designado para patrulhar o canal da Mancha (um braço de mar que é parte do oceano Atlântico e que separa a Grã-Bretanha do norte da França), houve uma divisão na Britânia (centro-sul da ilha da Grã-Bretanha) e o Noroeste da Gália (atual França). Houve grandes batalhas navais para reaver o poder desses territórios 289-290 DC. Quando o líder dos rebeldes foi derrotado em 296 DC, Maximiano levou suas tropas para o sul, a fim de combater piratas na Hispânia e incursões de outros bárbaros do norte da África na Mauritânia.

Em 298 DC, após todas essas campanhas, Maximiano partiu para a Itália, onde abdicou em 305 DC. Passou o título de Augusto para Constâncio, e se estabeleceu no sul da Itália. No fim de 306 DC Maximiano assumiu novamente o título de Augusto e apoiou a rebelião liderada por seu filho, Magêncio (um usurpador), na Itália, para tomar o poder. Para isso, fez uma aliança com Constantino, lhe dando sua filha Fausta por esposa. Falhando nas conversações com Galério (Magêncio era genro de Galério), tentou depor seu filho em 307 DC, mas sem sucesso; então, fugiu para a corte de Constâncio (neto adotivo e genro de Maximiano), em Augusta dos Tréveros. Em 308 DC, Diocleciano e seu sucessor Galério forçaram Maximiano a renunciar novamente ao título de imperador. No início de 310 DC, Maximiano ainda fez uma tentativa de se apossar do título de Constantino, que estava em campanha militar no Reno. Ele acabou sendo preso por Constantino (por traição da própria filha Fausta) e cometeu suicídio for enforcamento em 310 DC, sob pressão deste. Logo depois, Fausta também foi assassinada por Constantino, por suspeita de adultério com um filho de sua primeira esposa (Crispo). Maximiano acabou sendo deificado.

3) Caio Galério Valério Maximiano (Caesar Gaius Galerius Valerius Maximianus Augustus) – r. 305-311 DC (6 anos)

Nome de nascimento: Caio Galério Valério Maximiano (Gaius Galerius Valerius Maximianus)

Nome como César: César Caio Galério Valério Maximiano (Caesar Gaius Galerius Valerius Maximianus)

Nome como imperador: César Caio Galério Valério Maximiano Augusto (Caesar Gaius Galerius Valerius Maximianus Augustus)

Esposa: Galéria Valéria, uma cristã, filha de Diocleciano, e que não teve filhos. Morreu em 315 junto com a mãe Prisca. As duas foram decapitadas, e seus corpos foram jogados no mar.

Filhos: Valéria Maximila e Candidiano (filhos de Galério com esposa de nome desconhecido). Valéria Maximila se casou com Megêncio, filho do imperador Maximiano. Segundo os rumores daquela época, Candidiano foi morto por Licínio.

Morte: 51 anos, 'comido pelos vermes' (possivelmente alguma forma de câncer de intestino ou síndrome de Fournier, um tipo de gangrena, comumente chamado de fasceíte necrotizante, geralmente afetando o períneo, que ocorre em homens idosos, com diabetes, alcoólatras, ou aqueles com baixa imunidade).

Galério foi nomeado César, com a atribuição de administrar as províncias balcânicas da Dácia, com capital em Sirmio (atual Sremska Mitrovica, na província Sérvia da Voivodina). Com a abdicação de Diocleciano e Maximiano, Constâncio Cloro e Galério foram elevados à posição de Augustos. Como novos Césares, foram eleitos Severo (Flávio Valério Severo – 305-307) e Maximino Daia (305-313 DC). Constâncio Cloro morreu 15 meses após sua ascensão ao trono e seu filho Constantino foi nomeado Augusto e imperador pelo exército em Iorque. Mas Galério lhe deu o título de César e nomeou Severo como Augusto e imperador da província da Itália. Com a revolta de Magêncio, filho de Maximiano querendo usurpar o trono, Severo se refugiou em Ravena, onde foi forçado a se suicidar. Maximiano, então, casou sua filha Fausta com Constantino, e legitimou seu título de augusto dado pelo exército. Galério nomeou Licínio como Augusto sobre a província da Ilíria.

Maximino Daia (filho adotivo de Galério; sua mãe era irmã de Galério), o último César, também exigiu o título de Augusto para as províncias da Síria e do Egito. Com Magêncio se proclamando imperador na Itália, e forçando o pai, Maximiano a reassumir, havia seis imperadores governando o Império ao mesmo tempo. Maximiano foi morto logo depois pelo genro Constantino, tendo o apoio de sua filha Fausta, que optou por ficar do lado do marido.

Galério promulgou o chamado 'Édito de tolerância de Galério' ou 'Édito de tolerância de Nicomédia' para com os Cristãos, em 311 DC, emitido pela tetrarquia de Galério, Constantino I e Licínio, colocando um fim às perseguições decretadas por Diocleciano e Maximiano, apesar de ele ter participado de todas elas. Ele reconheceu que este tipo de política para erradicar o Cristianismo falhara, além de deixar claro no édito a existência legal do mesmo e dar aos cristãos a liberdade de se reunirem e construírem templos para si. Na verdade, ele já estava enfermo ao emitir o decreto desfazendo a discriminação contra os cristãos, junto com seu César Licínio, e pediu orações aos cristãos pelo seu restabelecimento. Cinco dias depois de assinar o édito, ele morreu ('comido pelos vermes', como se dizia naquela época). O Édito de tolerância de Galério abriu caminho para o Édito de Milão de 313 (por Licínio e Constantino I), decretando não apenas a tolerância ao Cristianismo como também o reconheceria como uma das religiões oficiais.

O cristianismo foi oficialmente legalizado mais tarde, em 27 de fevereiro de 380 DC por Teodósio I, através do **Édito de Tessalônica** onde se estabeleceu que o Cristianismo Niceno tornar-se-ia, exclusivamente, a religião de estado no Império Romano, abolindo todas as práticas politeístas dentro do império e fechando templos.

Após a morte de Galério, sobraram quatro imperadores: Maximino Daia (ou Maximino II) na Ásia e Egito, Licínio no Leste Europeu, Constantino no Oeste, e Magêncio como tirano da Itália e África do Norte. Após várias lutas, em 324, Constantino se tornou o único imperador.

**4)** Caio Flávio Valério Constâncio (Gaius Flavius Valerius Constantius Herculius Augustus) ou **Constâncio Cloro** ou Constâncio I – r. 305–306 DC (1 ano)

Nome de nascimento: Caio Flávio Valério Constâncio (Gaius Flavius Valerius Constantius)

Nome como César: César Caio Flávio Valério Constâncio (Caesar Gaius Flavius Valerius Constantius)

Nome como Imperador: César Caio Flávio Valério Constâncio Hercúleo Augusto (Caesar Gaius Flavius Valerius Constantius Herculius Augustus)

Esposas: Helena de Constantinopla (repudiada em 289) e Flávia Maximiana Teodora, filha de Eutrópia e Afrânio Hanibaliano (senador e cônsul romano) e enteada do imperador Maximiano.

Filhos:

- Constantino I ou Constantino, o Grande, filho de Helena de Constantinopla Com Flávia Teodora ele teve cinco filhos:
- Flávio Dalmácio. Seu filho, Flávio Hanibaliano, o sobrinho de Constantino, morreu antes da eliminação em massa da família por Constâncio II em 337 DC, após a morte de Constantino. O irmão de Hanibaliano, também chamado Flávio Dalmácio, morreu no massacre. Hanibaliano era casado com a filha de Constantino, Constantina.
- Júlio Constâncio (pai do imperador Juliano e da primeira esposa de Constâncio II, cujo nome é desconhecido)
  - Anastácia
  - Flávia Júlia Constância (esposa do imperador Licínio)
- Eutrópia (esposa de Vírio Nepociano e mãe de Nepociano, um usurpador romano por breve período, governando na cidade de Roma por apenas vinte e oito dias até que Marcelino, o general do também usurpador Magêncio, acabou com a sua vida).

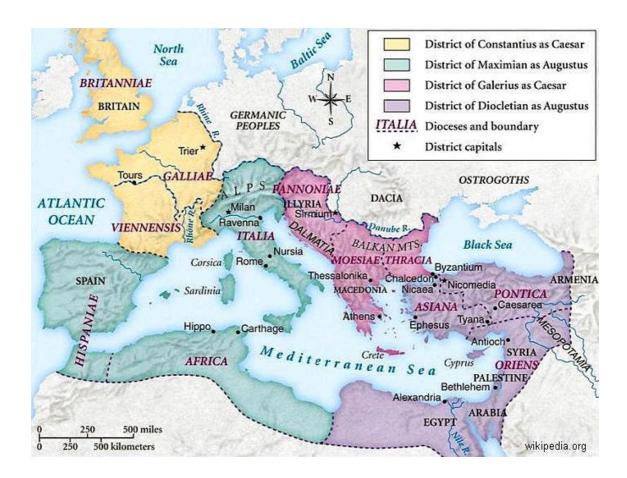
Morte: 56 anos de idade.

Caio Flávio Valério Constâncio recebeu o apelido de Chlorus, Cloro (em grego, Khlōrós, Χλωρός, o pálido) pelos historiadores bizantinos. Casou-se com Helena de Constantinopla, a quem repudiou em 289 DC para casar-se com Flávia Maximiana Teodora, filha do imperador Maximiano, por quem foi adotado e nomeado César. Com Helena, ele teve um único filho e sucessor Constantino I ou Constantino, o Grande.

A carreira de Constâncio esteve basicamente voltada à defesa de fronteira Noroeste do Império romano. No período de 293–296 ele lutou pela reconquista da Britânia e do norte da Gália, sob ameaça do usurpador Caráusio, e ainda em 296 derrotou os alamanos na Gália e em Vindonissa (atual Windisch, na Suíça).

Em 305 DC foi proclamado Augusto, e morreu quinze meses após ser coroado imperador (306 DC) na Britânia, durante uma campanha militar. Seu filho Constantino (mais tarde cognominado o Grande) foi saudado pelo exército de Iorque como Augusto e imperador. Galério, entretanto, deu a Constantino o título de César, e elevou Flávio Valério Severo como Augusto, com o controle da província da Itália.

Demonstrou sua humanidade para com os cristãos em 303 durante a perseguição de Diocleciano. Dizem que Constâncio Cloro era um cristão que fingia ser pagão e que por isso não tomou parte nas perseguições de Diocleciano. Porém, é mais provável que ele fosse, na realidade, como todos os imperadores desde Aureliano até Constantino – este, antes da sua conversão ao Cristianismo – um adepto do culto do Sol Invicto, o deus dos soldados romanos.



# XI) Outros imperadores da tetrarquia (305-324 DC):



1) Flávio Valério Severo Augusto (Flavius Valerius Severus) – r. 305-307 DC, em competição com Constantino, Magêncio e Maximiano

Nome de nascimento: Flávio Valério Severo (Flavius Valerius Severus)

Nome como César (no Oeste, sob Constâncio Cloro): César Flávio Valério Severo (Caesar Flavius Valerius Severus)

Nome como Imperador: César Flávio Valério Severo Augusto (Caesar Flavius Valerius Severus Augustus)

Filho: Flávio Severiano (Flavius Severianus), que segundo os comentários da época, foi morto por Licínio

Morte: forçado a cometer suicídio

De origem humilde, Flávio Valério Severo ingressou no exército romano atingindo altos postos. Galério nomeou-o César e concedeu-lhe os governos da Panônia, África e Itália. Em 305, com a morte de Constâncio Cloro, Severo foi nomeado Augusto por Galério, que concedeu o título de César a Constantino I, que havia sido aclamado Augusto pelas tropas. Governando também a Hispânia, Severo saiu de Mediolano (atual Milão) em direção a Roma para conter uma conspiração de Magêncio (um usurpador, filho de Maximiano). Ao chegar, a maioria de suas tropas se voltou contra ele, o que o obrigou a fugir para Ravena. Mais tarde, depois de se entregar a Magêncio, Severo foi feito prisioneiro. Alguns historiadores dizem que ele foi forçado a se suicidar; outros, que ele foi executado. Foi sucedido por Magêncio e Licínio.

2) Marco Aurélio Valério **Magêncio** (Marcus Aurelius Valerius Maxentius Augustus) ou Magêncio ou Maxêncio – r. 306-312 DC (6 anos) Nome de nascimento: Marco Aurélio Valério Magêncio (Marcus Aurelius Valerius Maxentius)

Nome como Imperador: Marco Aurélio Valério Magêncio Augusto

Pai: Imperador Maximiano (Marco Aurélio Valério Maximiano Hercúleo Augusto)

Mãe: Eutrópia

Esposa: Valéria Maximila, filha de Galério

Filhos: Valério Rômulo (Marcus Aurelius Romulus), um usurpador; e mais um filho de nome desconhecido.

Irmã: Fausta, que se casou com Constantino I e teve seis filhos com ele, incluindo os Augustos Constantino II, Constâncio II e Constante. Fausta foi assassinada por Constantino I, por suspeita de adultério com um filho de sua primeira esposa.

Morte: 34 anos de idade, em batalha

Magêncio (Marcus Aurelius Valerius Maxentius Augustus) foi um usurpador e imperador romano. Ele era filho de Eutrópia e do imperador Maximiano (Marco Aurélio Valério Maximiano Hercúleo Augusto) e genro de Galério. Magêncio resistiu aos ataques de Flávio Severo e Galério (seu sogro), mas sucumbiu diante de Constantino na batalha da Ponte Mílvia, depois de reinar 6 anos como imperador (306-312 DC). A Batalha da Ponte Mílvia ou Ponte Mílvio (em latim: Pons Milvius), em outubro de 312 foi o último confronto travado entre Constantino e Magêncio, próximo à ponte Mílvia, uma das várias sobre o rio Tibre, em Roma. Constantino venceu da batalha e, a partir daquele dia, passou a desejar a posição de único governante, sabendo que só restava Licínio em seu caminho. Magêncio morreu afogado no rio durante o combate. O corpo de Magêncio foi retirado do rio e decapitado. Sua cabeça decepada foi enviada para Cartago, pois a África Proconsular pertencia aos seus territórios. O Arco de Constantino dedicado pelo Senado foi erigido para celebrar esta vitória.

3) Caio Valério Galério Maximino (Gaius Valerius Galerius Maximinus) ou Caio Valério Daia Maximino (Valerius Daja Maximinus), freqüentemente chamado de **Maximino Daia** ou **Maximino II** – r. 308-313 DC (5 anos)

Nome de nascimento até a adoção: Caio Valério Daia Maximino

Nome da adoção até César: Caio Valério Galério Maximino

Nome como César do oriente, sob Galério: César Caio Valério Galério Maximino Daia (305-308)

Nome como Imperador do oriente: Caio Valério Galério Maximino Daia Augusto (Gaius Valerius Galerius Maximinus Daia Augustus)

Pai adotivo: Galério (Gaius Galerius Valerius Maximianus)

Mãe: filha de uma meia-irmã do imperador Galério, de linhagem camponesa

Morte: 42 anos de idade.

Maximino nasceu numa família de camponeses e chegou a ser César no governo de Galério (proclamado Augusto do oriente). Como o último César, durante as guerras civis da tetrarquia, ele também exigiu o título de Augusto para as províncias da Síria e do Egito. Após a morte de Galério em 311, Maximino dividiu o império do oriente entre ele e Licínio. Convocou um exército de 70.000 homens contra o outro concorrente ao trono, mas sofreu uma grande derrota na batalha de Tzíralo. Ela foi uma das guerras civis da Tetrarquia, travada em 30 de abril 313 entre os exércitos de Licínio e Maximino (este com 70 000 homens). O local foi o Campo Sereno ou Campo Ergeno, próximo a Tzíralo (a moderna cidade de Çorlu) na região da Trácia Oriental, a Turquia. Fontes colocam a batalha a uma distância de 18–36 milhas romanas de Heracléia Perinto, a cidade moderna de Marmara Ereğlisi. Uma milha romana equivale a 1490 metros, portanto, a localização descrita acima corresponde a aproximadamente 27–54 quilômetros de Marmara Ereğlisi. Ao ser derrotado, ele fugiu primeiro para Nicomédia e em seguida para Tarso, onde faleceu quatro meses depois. Sua morte tem sido atribuída à uma variedade de motivos, ao desespero, veneno e à justiça divina.

Maximino também participou de uma das últimas perseguições dos cristãos. Ele renovou sua perseguição após a publicação do Édito de Tolerância de Galério, em resposta às exigências de várias autoridades urbanas pedindo para expulsar os cristãos. Entretanto, voltou a aceitar o édito na véspera de sua batalha contra Licínio. Depois de ser derrotado, pouco antes de sua morte em Tarso, ele emitiu um édito de tolerância por conta própria, concedendo aos cristãos os direitos de se reunirem, de construírem igrejas, e de ter a restauração de suas propriedades confiscadas.

Não se sabe se ele casou e se deixou filhos. A única coisa comentada pelos historiadores, principalmente pelo escritor cristão Eusébio, é que Maximino Daia era supersticioso e avarento, e tinha uma vida muito dissoluta. Às vezes, seu comportamento chegava próximo à loucura, especialmente após as crises de bebedeira, quando dava certas ordens das quais se arrependia depois, quando já estava sóbrio. Ele não gostava de ver ninguém que o superasse em devassidão e libertinagem; pelo contrário, ele preferia ensinar outros, como um instrutor de maldade, tanto governantes como súditos. Ele incitava o exército a se comportar de uma maneira cruel e violenta (irresponsável, na verdade), em todo tipo de intemperança e orgia, assim como ensinava os governantes a agirem de maneira cobiçosa em relação aos impostos cobrados dos seus súditos. Eusébio (265-339 – bispo de Cesaréia e escritor) diz que Maximino Daia estava acostumado com a prática do adultério, corrompendo mulheres e violentando virgens. De acordo com Eusébio, apenas os Cristãos lhe resistiram, mesmo sofrendo mutilações, torturas ou passando fome nas minas, preferindo sofrer tudo isso a negarem o seu Deus. Até as mulheres agiam de maneira corajosa no ensino da Palavra de Deus,

suportando provações e o conflito com os homens, pagando o mesmo preço pela virtude. E quando eram forçadas a deixar a vida cristã virtuosa para servir a propósitos corruptos, elas preferiam a morte a entregar seus corpos à impureza. Eusébio diz que houve uma mulher cristã de pais nobres que rejeitou seus avanços. Maximino Daia a exilou e confiscou toda a sua riqueza e os seus bens. Não se sabe o seu nome, muito menos o seu destino. Rumores dizem que ela se chamava Dorotéia ou Catarina de Alexandria.

**4)** Caio Valério Liciniano **Licínio** (Gaius Valerius Licinianus Licinius) – r. 308-324 DC (16 anos)

Nome de nascimento: Caio Valério Liciniano Licínio (Gaius Valerius Licinianus Licinius)

Nome como Imperador: Caio Valério Liciniano Licínio Augusto (Gaius Valerius Licinianus Licinius Augustus)

Mãe: Licínio era filho de Galério com uma concubina

Esposa: Flávia Júlia Constância, meia-irmã de Constantino e filha de Constâncio Cloro

Filho: Valério Liciniano Licínio ou Licínio, o jovem

Morte: 57-60 anos de idade. Licínio morreu enforcado por ordem de Constantino.

Licínio foi um militar de origem humilde (uma família de Camponeses da Mésia superior, na Dácia), e nomeado Augusto do Império Romano do Ocidente em 308 por Galério sobre a província da Ilíria, Trácia e Panônia. Em 310 comandou a guerra contra os sármatas (uma confederação de povos iranianos a leste do império). Assim, em 313 Licínio casou com Flávia Júlia Constância, meia-irmã de Constantino I em Mediolanum (atual Milão); eles tiveram um filho, Licínio, o Jovem, em 315. O casamento deles foi a ocasião para o 'Edito de Milão' feito em 313 e que reeditava o Édito anterior de Galério, permitindo que Cristianismo fosse professado no Império, além de restaurar para as congregações cristãs as propriedades confiscadas e isentar o clero cristão dos deveres cívicos municipais. O Edito de Milão deu ao Cristianismo um status legal, mas não fez dele a religião oficial do império romano. Ele foi oficialmente legalizado mais tarde, em 27 de fevereiro de 380 DC por Teodósio I, através do Édito de Tessalônica.

Neste mesmo ano de 313, Licínio venceu Maximino Daia na Batalha de Tzíralo na região da Trácia Oriental, na Turquia e massacrou sua família após sua morte. Licínio e Constantino decidiram dividir o mundo romano entre eles: Licínio se tornou único Augusto no Leste, enquanto o seu cunhado, Constantino, foi Augusto no Oeste. Em 313 Licínio unificou todo o Império Romano do Oriente. De 314 até 323 ele se envolveu em outras guerras contra os Sármatas. Mas a trégua feita entre Licínio e seu cunhado não foi pacífica, porque este último utilizou os Godos como uma desculpa para invadir o território Licínio. Este confronto terminou em outras guerras navais nas quais Constantino prevaleceu. Licínio sobreviveu até 324, quando Constantino o venceu após a batalha militar de Crisópolis. A batalha de Crisópolis foi travada em 18 de Setembro 324 em Crisópolis (moderna Üsküdar), perto de Calcedônia (moderna Kadıköy), entre Constantino I e Licínio, a última entre os dois imperadores. Antes dela, Constantino já havia derrotado a marinha de Licínio no Helesponto. Nesta última batalha, não havia mais esperança para ele. Foi enforcado por ordem de Constantino, acusado de conspiração, por tentar levantar tropas entre os bárbaros para derrotá-lo. Constantino conseguiu, afinal, o queria: transformar-se no comandante supremo de todo o Império Romano. Dessa forma, terminou o período da tetrarquia.

Constantino fez todos os esforços para manchar a reputação de Licínio, permitindo que certos rumores sobre sua crueldade circulassem, como, por exemplo, os que o acusavam de ser o responsável pela morte de Flávio Severiano, o filho do imperador Severo, bem como Candidiano, filho de Galério, além da execução da esposa e filha do imperador Diocleciano (Prisca e Galéria Valéria), que haviam fugido da corte de Licínio antes de serem descobertas em Tessalônica, decapitadas, e seus corpos serem jogados no mar. Muito disso pode ser considerado como uma propaganda imperial por parte de Constantino, que inclusive, dizia que Licínio apoiava o paganismo em detrimento do Cristianismo. Pelo contrário, os historiadores tendem a sugerir que ele era, pelo menos, um apoiador dos cristãos, uma vez que foi ele o co-autor do Edito de Milão, reafirmando os direitos do povo de Deus em sua metade do império. Dizem, inclusive, que sua esposa, Flávia Júlia Constância, meia-irmã de Constantino e filha de Constâncio Cloro, era uma cristã. Além disso, Licínio acrescentou o símbolo cristão (o peixe) aos seus exércitos. A verdade é que não há uma comprovação de nenhum desses fatos, nem de um lado nem de outro.

Sobre o fato de Constantino fazer sua propaganda imperial, não é de se estranhar, uma vez que está claro através de tudo o que foi exposto até aqui, a ambição do seu caráter, passando por cima de qualquer coisa para ser o soberano do império acima de qualquer outro homem. Sua atitude em relação à sua própria família confirma isso: ele matou seu sogro, Maximiano, depois da tentativa de usurpação do trono por Magêncio, seu cunhado. Este morreu afogado no rio durante o combate contra o exército de Constantino. Depois, seu corpo foi retirado do rio e decapitado. Sua cabeça decepada, por ordem de Constantino, foi enviada para Cartago, pois a África Proconsular pertencia aos seus territórios. O Arco de Constantino dedicado pelo Senado foi erigido para celebrar esta vitória. Ela lhe trouxe o título de Augusto Ocidental e ela foi reconhecida por Licínio, o único Augusto Oriental remanescente, após a morte de Maximino Daia (r. 305–313). Fausta, irmã de Magêncio e filha de Maximiano, se casou com Constantino I e foi assassinada por ele, por suspeita de adultério com um filho seu (Crispo) de sua primeira esposa, e que também foi assassinado por ordem do pai.

Vamos prosseguir falando sobre ele (volume 3 do livro).

### Volumes 1 e 3 deste livro:

https://www.searaagape.com.br/deusestapresentenahistoria1.pdf https://www.searaagape.com.br/deusestapresentenahistoria3.pdf